



Isabel Loureiro (Org.)

SOCIALISMO OU BARBÁRIE  
ROSA LUXEMBURGO NO BRASIL

ENTREVISTAS

Paul Singer  
Michael Löwy  
Angela Mendes de Almeida  
Isabel Loureiro  
Gilmar Mauro  
Paulo Arantes

Hoje é preciso ter paciência com a história – não estou pensando numa paciência inativa, cômoda, fatalista, mas naquela que emprega todas as energias, que não desanima quando parece momentaneamente bater no granito, e que nunca esquece que a brava toupeira da história cava sem descanso, dia e noite, até chegar à luz.

Carta de março de 1917 a Marta Rosenbaum

2ª edição: outubro de 2009 – São Paulo

## Sumário

7 *Isabel Loureiro*  
Apresentação

13 *Paul Singer*  
Uma discípula de Marx que ousava criticar Marx

34 *Michael Löwy*  
A atualidade latino-americana de Rosa Luxemburgo

49 *Angela Mendes de Almeida*  
Falar em Rosa Luxemburgo era quase que uma heresia

69 *Isabel Loureiro*  
Sou a favor do luxo sob todas as formas

90 *Gilmar Mauro*  
É preciso investir no processo de formação

107 *Paulo Arantes*  
Precisamos de algo politicamente revelador e contundente



## Apresentação

Poderia começar esta apresentação dizendo que Rosa Luxemburgo *is alive, and well and living in São Paulo*. A prova é este livro de entrevistas concedidas a dois jovens universitários formados pela USP, militantes de movimentos sociais, Danilo César e Nicolau Bruno, o primeiro historiador, o segundo cineasta.

Tudo começou com uma proposta feita por Danilo durante as reuniões preparatórias para a inauguração da nova sede do Instituto Rosa Luxemburg Stiftung para que este financiasse um documentário sobre Rosa Luxemburgo, a ser realizado por Nicolau Bruno, um conhecedor apaixonado da vida e da obra de Rosa. A proposta, bastante original, consistia em juntar entrevistas com estudiosos e/ou simpatizantes das idéias de Rosa, materiais de época, cenas de ficção com diálogos entre ela e seu amante Leo Jogiches, músicas, etc., visando a montar um painel histórico-político-biográfico sobre a revolucionária polonesa, do ponto de vista de dois jovens brasileiros de esquerda no começo do século XXI. Com esse intuito convidaram a igualmente jovem Georgette Fadel, atriz premiada do grupo paulistano Companhia São Jorge de Variedades, para interpretar Rosa. A idéia de Nicolau e Danilo era apresentar uma Rosa viva, não só do ponto de vista político, mas também em termos pessoais. Isso é possível na medida em que nas cartas aos amigos e amantes ela revela uma personalidade complexa, forjada no calor dos embates políticos e pessoais, compondo, assim, uma personagem romanesca de primeira grandeza que não por acaso tanto fascinou biógrafos, romancistas, teatrólogos, cineastas. Com o projeto do filme em mente, Nicolau, na entrevista a Isabel Loureiro, começa com uma série de perguntas sobre a vida pessoal de Rosa que podem parecer extemporâneas ao leitor desavisado, buscando entendê-la como indivíduo concreto e não apenas a personagem política mais ou menos conhecida de todos nós. Infelizmente, tempo e recursos escassos não permitiram por enquanto que esse projeto fosse concluído.

O que acabou sendo levado a bom termo foi a encomenda de um documentário de 30 minutos pelo Instituto Rosa Luxemburg Stiftung, visando à produção de material didático para palestras e cursos de formação política, a que Nicolau deu o título sugestivo de *A flor e a revolução (sobre Rosa Luxemburg)*. Entretanto, o espectador verá que a idéia original do primeiro filme continua presente em alguns momentos, que podem inclusive soar polêmicos.

A meu ver, esse documentário e as entrevistas aqui publicadas (das quais somente pequenos trechos foram utilizados no filme) têm um grande mérito: os entrevistados, ao fazerem o balanço das idéias de Rosa Luxemburgo, mostram que ela não está relegada ao museu do marxismo clássico, uma velha senhora que temos a obrigação de conhecer, mas cuja hora já passou. Muito pelo contrário, a Rosa revolucionária, socialista e democrática aparece nestas falas em toda a riqueza do seu marxismo anti-dogmático e libertário, continuando a servir de

fonte inspiradora na luta contra o capitalismo, e contra os traços burocráticos e autoritários das organizações de esquerda, infelizmente muito comuns.

Isto posto, passemos ao livro. Todos os entrevistados, à exceção de Gilmar Mauro, membro da direção nacional do MST, são professores universitários. O propósito dos entrevistados era justamente fazer a ponte entre a universidade e os movimentos sociais – no caso, o MST – mediante uma reflexão sobre o pensamento de Rosa Luxemburgo e sobre sua possível atualidade, o que revela muito do panorama político brasileiro nos dias de hoje e de como uma parte da esquerda se situa nele.

As entrevistas formam dois blocos. O primeiro, constituído pelos estudiosos da obra de Rosa Luxemburgo, oferece um panorama bastante abrangente da recepção de suas idéias no Brasil. A opção foi por uma sequência cronológica dessa recepção, começando com o mais antigo “luxemburguista” histórico, Paul Singer, continuando com Michael Löwy, Angela Mendes de Almeida e terminando com Isabel Loureiro. O segundo bloco é formado pelas entrevistas de Gilmar Mauro e Paulo Arantes, os quais, para além das idéias de Rosa, conduzem-nos a uma angustiante reflexão sobre os atuais impasses da esquerda no Brasil e as possíveis alternativas para superá-los.

Tal como aparece nestas entrevistas, a recepção brasileira de Rosa Luxemburgo detém-se em alguns textos principais e pode ser sintetizada em três idéias: em primeiro lugar, Rosa é vista como uma revolucionária marxista, defensora do socialismo democrático – neste tópico é lembrada a polémica com Lênin a respeito do partido de vanguarda; a pequena brochura sobre a Revolução Russa em que tece críticas à dissolução da Assembléia Constituinte pelos bolcheviques; e o programa do Partido Comunista Alemão, claramente anti-golpista.

Ao lembrar um capítulo quase sempre ignorado do marxismo no século XX, Angela Mendes de Almeida reconstrói a trajetória das idéias luxemburguistas após o assassinato de Rosa, notando que elas só estiveram na ordem do dia durante o breve período em que a Internacional Comunista, de maneira tortuosa, adotou a tática de “frente única operária”<sup>1</sup>, sem no entanto reconhecer a paternidade alemã da idéia. Angela considera esse comportamento da IC “uma espécie de oportunismo, que iria pesar muito fortemente em seguida”. “Uma sucessão de camadas de mentiras que, na era stalinista, foram conformando uma política inexplicável, com ares de falsidade maquiavélica.” Referindo-se à famosa frase de Rosa sobre “a liberdade de quem pensa de maneira diferente”, Angela acredita que embora o stalinismo seja “uma enorme degenerescência do leninismo, alguns elementos, sobretudo essa intolerância com aquele que pensa diferente, já estavam presentes no bolchevismo, ou no leninismo.”

Em segundo lugar, nessa recepção, Rosa é considerada uma marxista “terceiro-mundista” *avant la lettre* – aqui são mencionadas suas duas obras de economia política, *A acumu-*

*lação do capital* e *A Introdução à economia política*. Quase todas as entrevistas se referem à primeira obra, reconhecendo sua atualidade a partir da interpretação de David Harvey, que voltou a pôr na ordem do dia a teoria de Rosa sobre o imperialismo – a acumulação do capital não é primitiva, é permanente, é violenta, e vai de vento em popa com a anexação de todas as dimensões da vida ainda fora do processo de valorização do valor. Como mostra Rosa com grande riqueza de exemplos, a expansão imperialista acarreta a destruição das formas de vida tradicionais, das comunidades indígenas e camponesas (que ela chamava de comunismo primitivo), um fenômeno que continua a ocorrer na América Latina com a “modernização” do meio rural introduzida à força pelo agronegócio, e por todas as políticas de integração do espaço na América do Sul financiadas pelo BID<sup>2</sup>. Neste ponto Rosa é lembrada como aquela marxista pouco ortodoxa que lamentava a destruição violenta dos povos primitivos pelo capitalismo europeu e imaginava uma ponte entre a resistência desses povos ao aniquilamento e a luta do comunismo europeu pela superação do capitalismo. Não é de estranhar portanto que o movimento zapatista, que se reporta à tradição indígena comunitária, e o MST, que busca com grande dificuldade resistir ao avanço do agronegócio em nome da agricultura camponesa agroecológica sejam aqui lembrados.

Em terceiro lugar, uma parte dos entrevistados menciona a atualidade da consigna “socialismo ou barbárie” adotada por Rosa a partir da Primeira Guerra Mundial, a qual teria dois sentidos: o primeiro, mais evidente, é o de que o capitalismo atual caminha em direção à barbárie generalizada, que se traduz na violência das relações sociais, entre países, entre gêneros, na destruição do meio ambiente, que põe em risco a sobrevivência da própria humanidade; o segundo, bem mais original, extraído por Michael Löwy, sintetiza a idéia de um marxismo não determinista, em que a história é um processo aberto, imprevisível, cujo sentido – progressista ou regressista – depende da ação política dos oprimidos.

Para além da recepção de Rosa Luxemburgo, as entrevistas, sobretudo as duas últimas, a partir de um diagnóstico realista-desencantado do presente procuram dar respostas ao “que fazer?”.

Gilmar Mauro, pela posição que ocupa e a responsabilidade daí decorrente, dá um depoimento precioso – e dramático. Constatando o enfraquecimento dos movimentos sociais sob o governo Lula, em parte cooptados, em parte enfraquecidos, ele considera fundamental o trabalho de formação política, a única maneira de impedir (ou pelo menos dificultar) a burocracia no interior das organizações e a cooptação dos militantes pelo Estado.

A meu ver, uma observação de Rosa Luxemburgo a respeito de Marx e Lassalle resume perfeitamente o dilema em que vivem o MST e seus dirigentes: “(...) quando em vez da crise e da revolução começou a triste *saison morte* [época morta] da reação política, Lassalle e Marx voltam a partilhar a mesma idéia – a resignação momentânea e os planos de um trabalho

<sup>1</sup> Antiga palavra de ordem do luxemburguista Paul Levi (nesse momento já expulso do Partido Comunista Alemão) contra a política golpista e aventureira da Internacional Comunista na Alemanha.

<sup>2</sup> Um exemplo notável é a IIRSA – Iniciativa de Integração da Infra-estrutura Regional Sul-Americana.

de toupeira de esclarecimento revolucionário, temporário e silencioso.”<sup>3</sup> É nesse lento e paciente trabalho de toupeira de formação política, visando à transformação radical da ordem capitalista, que o MST aposta todas as fichas, ainda mais num momento em que se torna cada vez mais distante no Brasil a possibilidade de uma reforma agrária nos moldes clássicos.

Gilmar Mauro pensa que para estar à altura do desafio que lhe é imposto – ou seja, para construir o “ciclo pós-PT” –, a esquerda no Brasil tem pela frente a tarefa gigantesca de organizar a classe trabalhadora em geral (e não apenas o operariado industrial)<sup>4</sup>. A proposta, como diz na entrevista, consiste num “movimento político de novo tipo que parta da idéia de construção dos espaços de poder popular, dos conselhos, buscando as experiências históricas da Liga Spartakus, a experiência da Comuna de Paris, a experiência dos conselhos de Turim (que eram conselhos de fábrica), buscando a própria experiência latino-americana; no México tem várias experiências das comunidades indígenas”. Em suma, a idéia é organizar os trabalhadores a partir das comunidades locais<sup>5</sup>, em diálogo permanente com os seus problemas (p. ex., utilizando a cultura como um canal de participação) na esperança de construir uma vasta rede de organizações por todo o território nacional aptas a formar “uma poderosa contra-hegemonia”: “(...) estou convencido de que este é o caminho: ou a gente constrói este processo dos conselhos populares, organizações populares, com um projeto político claro de substituição da sociedade capitalista e construção de uma sociabilidade diferente – o socialismo – ou efetivamente a esquerda amargará muitos anos.”

Fechando o livro, e ainda no capítulo dos impasses da esquerda, Paulo Arantes, a partir da sua experiência como intelectual não-orgânico do MST e como professor universitário que há mais de 30 anos vem acompanhando o desmanche da educação no Brasil, insiste na necessidade de uma nova teoria crítica que dê conta das complexas transformações do capitalismo nas últimas décadas – e de suas manifestações na periferia – as quais impedem uma saída desenvolvimentista.

Essa nova teoria crítica, como ele aponta, virá – se vier – de um novo tipo de intelectual de esquerda, com boa formação universitária, que incorporou a tradição radical brasileira, que tem vínculos orgânicos com os movimentos sociais, e que está desempregado ou subempregado; conhece a miséria brasileira dos dois lados, do lado do Estado e do lado dos movimentos sociais, não alimentando ilusões em relação a nenhum dos dois. Mas, como admite Paulo Arantes, apesar de todos os problemas dos movimentos ainda é neles e a partir deles que “algo politicamente revelador e contundente” pode aparecer. É possível acreditar que essa nova gera-

ção de intelectuais de esquerda está construindo aqui e agora aquilo que Rosa Luxemburgo dizia ser o núcleo duro do marxismo: o vínculo indissolúvel entre teoria e prática.

Uma última consideração. As entrevistas aqui publicadas, feitas no primeiro semestre de 2008, são como um instantâneo do mundo às vésperas da crise econômica que explodiu em setembro, abalando o mundo inteiro. Ao que tudo indica a alternativa “socialismo ou barbárie” tornou-se mais atual que nunca. Quem viver, verá.

Isabel Loureiro  
São Paulo, novembro de 2008

<sup>3</sup> Rosa Luxemburg, *Aus dem Nachlass unserer Meister* (1901). In: *Gesammelte Werke* 1/2, Berlin, Dietz Verlag, 1979, p.151.

<sup>4</sup> Essa idéia já era defendida por Mário Pedrosa em 1946, quando dizia que todos os grupos subalternos da sociedade (e não apenas os operários) precisavam se organizar para defender seus direitos: negros, empregadas domésticas, artesãos, empregados, trabalhadores rurais, estudantes, etc., “todos os que trabalham e não exploram trabalho alheio” (Cf. *Vanguardas, partido e socialismo, Vanguarda Socialista*, 09.08.1946).

<sup>5</sup> Parece que a experiência das Comunidades Eclesiais de Base, fundamental na origem do MST, continua sendo uma referência.



Desenho de Rosa Luxemburgo, 1908

## PAUL SINGER\*

*Isabel – Nossa primeira pergunta é sobre a recepção de Rosa Luxemburgo no Brasil. Mário Pedrosa e você foram considerados os primeiros luxemburguistas brasileiros. Depois de vocês, veio Michael Löwy, são os três mais importantes. A primeira coisa que eu gostaria de saber é o que Rosa Luxemburgo significou para você e para sua geração de socialistas. E se você concorda com Michael Löwy, segundo o qual existia na cultura da esquerda brasileira uma corrente luxemburguista subterrânea que veio a desaguar no início do PT.*

Eu tomei conhecimento que existia Rosa Luxemburgo, que foi uma figura importante do movimento operário, através de Mário Pedrosa, creio que nas páginas da *Vanguarda Socialista*, se bem me lembro. Isso é uma história de mais de sessenta anos atrás e minha memória já não é o que deveria ser. Mas acho que foi ele... A *Vanguarda* não era luxemburguista, tinha um espectro mais amplo, mas era, vamos dizer, socialista-marxista, bastante antistalinista, crítica também do trotskismo, do bolchevismo. É uma posição que realmente dava para justificar como luxemburguista.

O ponto que nos atraiu a todos foi o radicalismo de Rosa de um lado, e sua profunda rejeição à ditadura burocrática do outro. Que ficou evidente em um texto que ela nunca publicou, mas que depois Paul Levi divulgou. E transformou-se em uma das coisas mais importantes que ela fez. Nesse texto ela uniu uma posição socialista-democrática e uma crítica à Revolução Russa, já em 1918, praticamente nos primeiros meses da revolução – ela mostrou-se brilhante, porque tudo aquilo que ela apontou se agravou ao longo das décadas e deu hoje no que deu.

Nós começamos a ler Rosa Luxemburgo, primeiro essa crítica à Revolução Russa, em seguida *Reforma ou Revolução?*, que foi traduzido para o português e que despertou nosso entusiasmo. Foi um dos livros de cabeceira, um dos livros fundamentais para a formação de certos militantes de esquerda.

*Isabel – Agora uma curiosidade pessoal. Você mencionou Vanguarda Socialista. Você era bem jovem na época, não é?*

Sim, eu tinha 14, 15 anos.

*Isabel – Mário Pedrosa justamente publicou o texto de Rosa A Revolução Russa na Vanguarda Socialista, em 1946, numa tradução de Miguel Macedo. Eu fiz meu mestrado sobre Vanguarda Socialista e li Rosa pela primeira vez na Vanguarda Socialista.*

Provavelmente comecei a ler *Vanguarda Socialista* um pouco depois. Eu me lembro que lá por volta de 1947 comecei a frequentar o Partido Socialista aqui em São Paulo, que era

\* Professor aposentado da FEA/USP; Coordenador da Secretaria de Economia Solidária do Ministério do Trabalho. Desta entrevista participaram também Isabel Loureiro e Marcos Barbosa de Oliveira (Faculdade de Educação/USP).

bastante mais à esquerda que a direção nacional, e que depois o próprio Mário entraria no partido lá no Rio de Janeiro.

*Isabel – Voltando à questão anterior: você acha que existia essa corrente luxemburguista subterrânea na esquerda que veio a desaguar no PT?*

Olha... Eu realmente não saberia responder essa pergunta a você. Eu sei que através da influência de Mário Pedrosa, de Michael [Löwy] e minha, entre outros, Rosa passou a ser uma autora de peso. Mas dizer que houve uma corrente luxemburguista, certamente não foi no sentido em que usamos habitualmente a palavra “corrente”, sobretudo no PT, que seria um grupo organizado. Na realidade, quem começou a fazer seminários etc., sobre Rosa, foram – depois da ditadura militar – vocês e outras pessoas<sup>1</sup>. E aí sim ela se transformou talvez num divisor de águas, em alguma medida. Eu acho que antes disso, pelas minhas lembranças, não.

*Danilo – Mas professor, como você se relacionava com a obra e com a contribuição teórica da Rosa nesse começo da sua atuação sindical? Enfim, na sua vida concreta, como se traduzia a influência luxemburguista nesse período anterior e mesmo durante a ditadura militar?*

Acho muito difícil responder à sua questão porque também fui muito influenciado por Trotsky. As duas influências foram simultâneas na minha adolescência política, vamos dizer nos anos 1940 ainda. Então eu li A minha vida, de Trotsky, que foi outro livro que me influenciou profundamente. Eu não saberia distinguir um do outro, pelo menos do jeito que eu pensava naquela época. Ainda na época do suicídio de Getúlio, em 1954, eu tinha inclinações claramente putchistas; eu achava que nós deveríamos promover um levante armado, já que os militares haviam tentado derrubar o presidente e ele se matou. Obviamente todos os meus companheiros de esquerda, do partido socialista, não deram bola para isso.

Mas enfim, é difícil distinguir influências nítidas. Eu me tornei um luxemburguista teórico, quando me tornei economista e tive a ocasião de ler *A acumulação do capital*. Aí foi outra abertura maravilhosa também, porque era uma discípula de Marx que ousava não só criticar Marx, mas mostrar um erro dele, um erro de abordagem – não era pouca coisa, não era um engano. E isso era uma independência intelectual que não se via nos outros grandes intelectuais marxistas como Trotsky, Lênin, Kautsky etc. Nenhuma dessas pessoas faria publicamente a menor restrição ao legado de Marx e Engels [risos]. Então esta ousadia intelectual e política de Rosa também foi uma coisa importante para mim.

Mas eu me convenci ao estudar *A acumulação do capital*, que basicamente não só ela tinha razão, mas ela fez uma descoberta importantíssima, que é exatamente o papel vital que a chamada “fronteira não-capitalista” desempenhava no processo de acumulação.

<sup>1</sup> Referência ao “Seminário Rosa Luxemburg”, organizado em 1989 por Isabel Loureiro e Tullo Vigevani, na UNESP/Marília, com a participação do próprio Paul Singer, Gilbert Badia, Maurício Tragtenberg, Wolfgang Leo Maar, entre outros. As contribuições do seminário foram publicadas com o título *Rosa Luxemburg, a recusa da alienação*, São Paulo, Editora UNESP/FAPESP, 1991.

*Isabel – Sabe o que eu queria perguntar agora? Antes de entrar na acumulação, sobre a qual queremos que você fale com mais detalhes, eu tenho muita curiosidade de saber por que você não entrou no Partido Comunista.*

Por que eu não entrei no Partido Comunista?

*Isabel – Você é uma pessoa de esquerda. Era uma coisa de personalidade mesmo, ou foi por alguma outra razão? Porque foi um divisor de águas muito grande naquele momento quem era comunista e quem não era.*

É, foi. Sem dúvida foi. Você tem toda a razão.

*Isabel – Você diz: Vanguarda Socialista era anti-stalinista. Claro, o forte traço da Vanguarda é o seu anti-stalinismo, assim como de Mário Pedrosa... Mas imagino que não foi por causa da Vanguarda que você não entrou no PC. Conte um pouquinho dessa história.*

Quando, em 1945, houve a redemocratização e, sobretudo, a libertação de Prestes da prisão, houve um momento de deslumbramento, principalmente para meninos como nós éramos, que praticamente não tínhamos qualquer formação política. Não se falava em política no Brasil – pelo menos nos círculos em que eu vivia. Minha família, que era de judeus refugiados no Brasil, não tocava em política. E subitamente meus professores começaram a falar. E aí eu descobri que um dos meus amigos, colega de classe, era do PC, e depois que a família dele inteira era do PC. Daí eu conheci as irmãs etc., e nos freqüentávamos em casa. Então houve uma certa influência. Eu acho que fui, digamos assim, um simpatizante do PC, tendo 13, 14 anos e, obviamente, não tinha idade para fazer nada, a não ser torcer pelo partido.

Mas de alguma maneira eu tinha minhas restrições, sobretudo com relação ao Yedo Fiúza, não sei se vocês se lembram do episódio. Na eleição de 1945, que era uma eleição estratégica, como foi a de 1989, toda a oposição estava apoiando Eduardo Gomes, que era, digamos assim, a liderança carismática, por causa do Forte de Copacabana, etc. E o PC resolveu levantar um obscuro político burguês, que de esquerda não tinha nada, chamado Yedo Fiúza. Os comunistas, disciplinadamente, resolveram apoiá-lo, mas uma porção de simpatizantes, até bastantes stalinistas, não o apoiaram – apoiaram Eduardo Gomes e acabaram desaguando no Partido Socialista. Isso deve ter pesado. Eu estou reconstruindo um pouco.

Agora, as coisas que de fato me separaram definitivamente do PC eu acho que foram as obras de Arthur Koestler, não sei se vocês chegaram a ler – foi um autor de enorme influência sobre mim e sobre a minha geração – *O iogue e o comissário*, *O zero e o infinito*, que são obras muito boas e inteligentes. Era difícil acreditar no que ele dizia, mas logo em seguida vinham confirmações do grau de horror que estava acontecendo.

*Isabel – Nos processos de Moscou, por exemplo. A geração de vocês tinha conhecimento disso? Tinha sim, claro. A aliança entre URSS e Hitler são coisas que nos afastavam, mas eu*



precisava aprender essas coisas [risos]. Eu estou falando de uma fase da minha vida em que lia avidamente, e tomava conhecimento e discutia etc. Depois o que me afastou também do PC foi que eu entrei no Dror, que era uma juventude judaica de esquerda que estava, digamos, promovendo a formação de *kibutzim* em Israel. Tanto assim, que os meus então companheiros de Dror criaram um *kibutz* brasileiro que existe até hoje, o Bror Chail. Eu fiquei quatro anos nesse movimento, cheguei a ser o secretário geral do movimento, e saí dele porque rompi com o sionismo; achava que se era para lutar contra o anti-semitismo, a repetição de holocaustos etc., era mais inteligente cada um no seu país do que agrupar todo mundo num único lugar. Daí houve uma cisão no movimento, uma cisão de dois. O Vitor Weintahl [risos] que era um jovem militante do Dror concordou com meus argumentos, mas ninguém mais. Então os dois deixamos o movimento e passamos a militar na esquerda brasileira. Isso se deu em 1952.

Ao longo destes anos, era o stalinismo na URSS que me separava do PC, o que não impedia que a gente lutasse lado a lado em muitas ocasiões. A minha militância sindical também me separou profundamente do PC. O fato é que o PC era bastante aparelhista, bastante autoritário, eles tinham maioria nos sindicatos. E eu era contra esta hegemonia e formamos uma espécie de frente anti-pelega e anti-PC, chamava-se Movimento de Orientação Sindical – MOS. Essa é um pouco a história.

*Danilo – Como foi a sua atuação a partir do impacto do golpe militar? Porque a partir desse momento você contribuiu para a divulgação da obra de Rosa Luxemburgo mais ativamente. Então eu queria que você falasse um pouco desse momento, começo da ditadura militar, e virada da década de 70.*

Quando houve o golpe militar, eu estava dirigindo o Partido Socialista. Eu era membro do diretório nacional e secretário-geral do partido em São Paulo. Logo no início do golpe, todos os deputados e senadores foram cassados, mas, curiosamente o partido não foi colocado na ilegalidade. Nós na verdade nos auto-colocamos, porque naquele momento não havia a menor segurança, não sabíamos até onde iria a repressão. Mas depois que percebemos que ninguém entrou na sede do partido, que estava fechada, nós a reabrimos e tentamos fazer o partido viver, até que ele foi dissolvido em 1965, por efeito do Ato Institucional nº2. Neste período nós tentamos manter a chama viva.

Logo em seguida ao golpe, João Mangabeira morreu, era a principal figura do partido, e aí se criou o Centro de Estudos João Mangabeira etc. Então mantivemos uma atividade, vamos dizer, ideológica. Inclusive chegamos a publicar acho que um ou dois números da *Folha Socialista*. Isto vai até fim de 1965, quando os partidos políticos são todos dissolvidos, se cria a Arena e o MDB. Eu me lembro de uma série de conferências que organizamos no auditório da Biblioteca Municipal, aqui em São Paulo ainda – eu era uma das principais figuras na orga-

nização disso. Enfim, a esquerda toda estava totalmente esfarelada e procurando se organizar por cima das linhas partidárias.

E depois da dissolução dos partidos, isso se tornou mais evidente. Mas aí fui para os Estados Unidos, fiquei um ano fora. E foi um ano importante, entre 1966 e 1967, pois na verdade uma parte grande da resistência da esquerda estava preparando a luta armada. E eu não estava aqui nesse período. Quando voltei, imediatamente me reintegrei à atividade. Havia uma revista chamada *Teoria e Prática*, na qual atuei, consegui publicar um artigo num dos únicos três números que saíram. Enfim, participei o mais ativamente possível da resistência, vamos dizer, no plano de idéias e de críticas.

*Isabel – Passemos à acumulação... Eu queria saber o que você vê de original n' A acumulação do capital, porque você é um dos poucos que conheço que não faz críticas ao livro. Os economistas geralmente fazem críticas históricas à Acumulação, muitas vezes machistas. Como é que pode uma mulher, uma judia e polonesa criticar Marx – o homem que nunca disse nada errado? Tem muito esse tom nas críticas que são feitas a ela. E você, muito pelo contrário, sempre marcou a originalidade da obra. Gostaria que você falasse disso pensando, sobretudo, em relação à América Latina, se tem uma atualidade, se a obra ainda nos diz respeito.*

Acho que eu vou precisar resumir um pouco o raciocínio geral da Rosa, para que as pessoas que não leram a *Acumulação do capital* entendam o que nós estamos discutindo. A Rosa estava escrevendo um livro de introdução à economia política, porque ela era professora da escola de quadros do Partido Social-Democrata Alemão. Ela estava escrevendo para os alunos, portanto, para os dirigentes do Partido Social-Democrata. E quando estava exatamente procurando explicar a acumulação do capital, ela entrou em choque, por assim dizer, com o tratamento inconcluso que Marx dá ao assunto no chamado segundo volume do *Capital*, que foi póstumo, tendo sido organizado por Engels, a partir das anotações de Marx.

A *acumulação do capital* foi publicado em 1913, um pouquinho antes da Primeira Guerra Mundial. É um livro de crítica profunda, na verdade, apenas a um aspecto, e não-metodológico, da análise do capitalismo feita por Marx. E ela faz essa crítica com a metodologia que Marx adota, que é curiosamente uma metodologia econométrica. Ou seja, são as chamadas equações de equilíbrio, em que Marx procura mostrar exatamente como é que se dá a relação entre a divisão do valor – entre a reposição do que foi gasto com a mão-de-obra e com o capital, e o excedente. E, por outro lado, a forma física que a produção assume, conforme ela serve para a reprodução física das pessoas que trabalham, ou a reprodução do capital que foi gasto. Esta ligação entre o valor monetário da produção e a utilidade dela em termos físicos é um grande achado de Marx, inspirado no *Tableau Économique* de Quesnais, mas com um tratamento muito mais sofisticado – Marx tinha inclinações para a matemática, o

que lhe permite dar a este problema (assim como o da transformação dos valores em preços) um tratamento sofisticado.

A primeira parte da obra de Rosa Luxemburgo é uma exposição de toda a parte inicial do segundo volume do *Capital*, e a crítica a ela. E essa é a parte que menos me entusiasma, porque metodologicamente Marx já estava errado, e ela reproduz o erro de Marx. O erro está em imaginar que o sistema se equilibre. Ele nunca se equilibra, quer dizer, não há momento algum em que os modelos de equilíbrio geral no capitalismo – seja o neoclássico, o marxista, o que for – tenham tido algum contato com a realidade. Como nós somos aqui pessoas que já viveram algumas décadas de capitalismo, eu acho que vocês estão entendendo o que quero dizer. Essa seria a crítica que hoje eu faria ao segundo volume do *Capital*. Mas ela não, ela procura mostrar um erro lógico, a partir da idéia de que tudo se equilibra a longo prazo, etc. Essa é uma discussão complicada, que depois foi várias vezes retomada, sobre a teoria do valor, a relação entre valor e preços e assim por diante – que foi tratada no terceiro volume do *Capital*.

Mas a segunda parte d' *A acumulação do capital* é entusiasmante, porque aí ela tira as conseqüências político-históricas do que considera um erro de Marx, e dá uma contribuição teórica, para mim, absolutamente decisiva – que é mostrar que nunca houve um modo de produção único no mundo. Sempre houve diferentes modos de produção que interagem. E é muito fácil você dizer: “Bom, mas esse aqui é o passado. Isso aqui são modos de produção pretéritos que ainda sobrevivem”. Não é verdade. Na realidade o campesinato, o artesanato – a pequena produção de mercadorias precede o capitalismo e convive com o capitalismo até hoje. Isto eu percebi graças à Rosa.

Então todo o meu trabalho teórico a partir daí pressupõe múltiplos modos de produção. Isso tem a ver com a economia solidária, obviamente. Quer dizer, eu entendo a economia solidária como um modo de produção, entre outros, que existe dentro do capitalismo, já há duzentos anos, com maior ou menor força, mas que pode, diante das contradições que o capitalismo apresenta, ter um desenvolvimento.

*Marcos – Professor; tem um aspecto que eu não entendi muito bem quanto ao erro do Marx. Ficou na minha cabeça que parece que tem um erro em Marx que a Rosa incorporou, na sua visão.*

Obrigado por fazer a pergunta. Acho que não fui claro. O raciocínio de Marx é sempre o seguinte – num nível muito alto de abstração: aquilo que se produz em termos de bens de consumo (alimentos etc.) e de bens de produção tem que corresponder, em termos de valor, àquilo que é salário – que é capital variável, entregue aos trabalhadores; aquilo que os próprios capitalistas consomem, que é um outro setor, seria a mais-valia consumida pelos capitalistas; e, finalmente, a uma terceira parte, que é a mais-valia que vai ser acumulada.

E o que Rosa mostra é que o esquema de Marx, rigorosamente falando, não tem demanda por essa terceira parte. Não há quem compre as máquinas. Se há bens destinados

à reprodução dos trabalhadores, a teoria do equilíbrio diz: os trabalhadores devem ganhar salário suficiente para comprar tudo o que é destinado a eles. Os capitalistas, a mesma coisa: eles devem gastar dos seus lucros tudo o que eles precisam para manter o seu padrão de vida. Agora, quem é que compra a parte que se destina a ser o novo capital? A resposta dos marxistas a ela foi, obviamente: os capitalistas que vão ampliar a sua produção, que vão criar novas fábricas ou novas ferrovias, seja lá o que for.

E aí a Rosa é, na verdade, uma antecessora de Keynes. Ela diz: “Na lógica, tem que haver uma demanda prévia. Para alguém comprar máquinas para aumentar a produção, é preciso que ele não esteja conseguindo atender toda a demanda pelas mercadorias dele.” De onde é que vem essa demanda extra, que justificaria logicamente que alguém acumulasse capital? É muito parecido com a visão neoclássica, ou seja, tudo é racional – as classes são racionais, os capitalistas conhecem o que está acontecendo etc., e aí é que ela tem inspiração. Na verdade, essa demanda faltante vem de fora, vem de outros modos de produção; e tanto pode ser a indústria bélica estatal, que não produz mais-valia, como pode ser o campesinato ou as colônias.

*Isabel – Você pode falar um pouco sobre a teoria do imperialismo de Rosa?*

Claro! Quer dizer, o que ela mostra é que na medida em que o capitalismo se desenvolve no plano mundial, essa demanda que o capitalismo precisa para que ele possa transformar bens de produção, fisicamente existentes, em elementos do capital, ele precisa de um mercado não-capitalista crescente ao seu redor. Isso é o imperialismo. E ele acha esse mercado, não unicamente, mas em boa medida, na África e no resto do Terceiro Mundo. Só que para poder gerar uma demanda lá, é preciso criar, muitas vezes, uma economia de mercado onde ela não existe. Essa é uma das coisas mais inteligentes e interessantes que eu aprendi com Rosa. Ela faz estudos sobre a Índia, a Argélia e mostra como aquela população que vivia da economia de subsistência, muitas vezes sem moeda, foi forçada pelo colonizador a se transformar numa economia monetária. Acho que foi na Índia ou na África, ou talvez os dois. Os ingleses impuseram o que se chamava de *head tax*, uma taxa por habitante, que tinha que ser paga em dinheiro. Então eles obrigavam os aborígenes a produzirem alguma coisa que pudesse ser vendida. Tudo isso ela deslinda lindamente. E mostra que na medida em que você abre uma economia de mercado, ela se torna capitalista, e com o tempo ela passa para o outro lado, ela passa a precisar de uma demanda não-capitalista. Esta é a teoria do imperialismo de Rosa, que é, ao meu ver, inteiramente correta.

*Isabel – E a distinção que você disse que existe em relação à teoria de Lênin? Para Lênin o imperialismo é o estágio superior do capitalismo.*

É. Lênin é discípulo de Hilferding, coisa que ele não esconde. Hilferding faz uma análise histórica das etapas do capitalismo, e escreve *O capital financeiro*

como sendo uma etapa nova na história do capitalismo. Não a existência de finanças, que é bastante antiga no capitalismo, mas, digamos, a sua dominância – isto se tornou atualíssimo hoje em dia; uma grande parte da economia política crítica do capitalismo aponta a chamada “financeirização”, mas ele já percebeu isso em 1910, quando ele escreveu *O capital financeiro*. E Lênin então usa essa visão de que o domínio do financeiro sobre o produtivo é a última etapa; o capitalismo não vai conseguir ir além disso. O imperialismo seria a véspera da sua implosão.

*Isabel – E no caso de Rosa, você diz...*

Aliás, tem uma coisa, desculpe-me. É uma nota de rodapé: Rosa Luxemburgo vai substituir Rudolf Hilferding como professora de economia da escola de quadros do Partido Social-Democrata [risos].

*Isabel – É verdade, ele não podia continuar a dar aula, porque não era alemão, era austríaco. E Rosa era alemã pois tinha casado com um alemão, embora fosse um casamento de fachada.*

Isso mesmo, [risos].

*Isabel – Num determinado momento você diz (e Mário Pedrosa também) que, para Rosa, a violência que vem junto com o imperialismo é algo constitutivo do capitalismo, não é limitada à fase da acumulação primitiva. Essa violência permanece no capitalismo, que é intrinsecamente violento. Na medida em que ele precisa criar outros mercados, ele violenta as populações autóctones.*

Isso mesmo. Ela dá uma visão totalmente nova, pelo menos para nós, do que é o processo de expansão do capitalismo. Porque Marx mesmo já tinha tratado disso, mas ele não tomava a sério os modos de produção não-capitalistas. Marx faz uma coisa, que é outro erro metodológico dele: ele escreve *O capital* na pressuposição de um sistema puramente capitalista. No mundo pressuposto por Marx, só há trabalhadores e patrões, e mais nada; nem o Estado praticamente aparece como fator econômico, ele só é um elemento político. E com Rosa tudo isso vem à tona; quer dizer, na imortal análise de Marx, do capitalismo e sua dinâmica, faltava algo essencial.

*Danilo – Como você, que justamente aposta em modos de produção não-capitalistas, consegue lidar com essa questão posta por ela e por Lukács, que parte da própria Rosa Luxemburgo que você está ressaltando. Não sei se ficou claro.*

Acho que entendi. Quer dizer, eu não li Lukács. Tenho esse livro *História e Consciência de Classe*, acho que devo ter lido parte, mas nunca o estudei como deveria. Está na minha lista, depois ainda quero estudar. Mas, de qualquer forma, a recepção de Rosa, na época dela,



*Primeiro curso de Rosa Luxemburgo na escola do SPD, 1907/08.  
Em pé, da esquerda para a direita: Heinrich Schulz, Kurt Rosenfeld,  
Rosa Luxemburgo, August Bebel, Arthur Stadthagen, Heinrich Cunow,  
Franz Mebring, Emanuel Wurm.  
No segundo banco, à esquerda, Wilhelm Pieck.*

foi durante a Primeira Guerra Mundial, quando ela ficou presa a maior parte do tempo. A polêmica sobre *A acumulação do capital* se realizou a despeito dela, em grande medida.

Mas os que se entusiasmaram e se tornaram luxemburguistas, com *A acumulação do capital*, transformaram-se, depois da morte dela, em mecanicistas, porque eles estavam esperando o tempo todo um momento H em que se esgotariam as possibilidades de avanço – o mundo todo seria capitalista, e o capitalismo se tornaria impraticável, por assim dizer, porque faltaria a demanda necessária para viabilizar a acumulação de capital.

Cumprir notar que a própria Rosa percebe que o Estado é um componente importante da demanda “externa” ao sistema. Toda a demanda que o Estado absorve sob a forma de impostos é uma demanda não-capitalista – para armamentos ou para serviços públicos, que não geram lucros. Isto os herdeiros diretos de Rosa Luxemburgo não levaram em consideração. Estou falando de vários autores que li com muito interesse, exatamente porque eram os primeiros a apoiar e desenvolver a teoria de Rosa.

Na verdade havia, neste período, entre as duas guerras mundiais, uma espécie de aposta no fim do capitalismo e que, provavelmente, foi devida à grande crise dos anos 1930, que foi realmente a pior crise da época do capitalismo, e poderia ter levado a transformações revolucionárias. Mas não levou. Levou ao keynesianismo, ao New Deal, levou a mudanças importantes para o capitalismo, diria fundamentais até, mas não levou ao socialismo.

*Marcos – Posso acrescentar uma coisa?*

Por favor.

*Marcos – É uma curiosidade pessoal. Um autor do qual gosto muito é Karl Polanyi. Ele teve alguma importância no seu pensamento?*

Teve. Mas, em termos de tempo, é outra época; é quando eu, por assim dizer, reinventei a economia solidária. Sem saber que ela já existia, escrevi sobre ela e entrei nesse mundo, que já estava na verdade em plena ebulição, que é a construção de uma economia, vamos dizer, socialista ou solidária – o nome não tem importância.

Ao entrar nessa que é minha principal atividade intelectual e política nos últimos doze anos – foi em 1996, vai fazer doze anos agora em julho – aparece Karl Polanyi. Eu sabia que ele existia, sabia do livro dele, mas ficou naquela lista das coisas que não deu tempo para ler. Acontece que Polanyi é o grande inspirador da economia solidária, vamos dizer, não-marxista; os seus principais ressuscitadores são franceses, Jean-Louis Laville e Alain Caillé, da revista MAUSS. Enfim, essa escola se baseia muito em Polanyi e foi por causa dela que eu passei a lê-lo também. Ele é muito interessante. É uma visão diferente de Marx, evidentemente, mas muito crítica do capitalismo liberal, do capitalismo que ressurgiu com enorme força agora, no neoliberalismo. Polanyi torna-se inclusive atualíssimo hoje em dia em função do que aconteceu a partir dos anos 1980.

*Marcos – Vamos a uma outra pergunta, já tocando nessa relação da economia solidária com a idéia do socialismo. Será que houve uma mudança profunda na sua visão do socialismo e que poderia estar refletida no fato de no seu livro de 1998, Utopia militante – repensando o socialismo, no qual o socialismo está bem no foco das preocupações, ao passo que no seu outro livro, de 2002, Introdução à economia solidária, o socialismo merece apenas uma pequena menção, na referência aos socialistas utópicos. A pergunta então é se houve uma mudança de posição, de expectativas em relação a uma possibilidade de recuperar a bandeira do socialismo nos dias de hoje.*

Não, a resposta é claramente não. Não houve qualquer mudança. Há uma explicação para isso – e a diferença só ficou clara para mim agora, quando você fez a pergunta. O primeiro livro, *Utopia militante*, nasce em função da comemoração dos 80 anos da Revolução de Outubro. Em 1997 se organiza um debate – acho que na Universidade, não me lembro exatamente em que local – em que diferentes intelectuais abrem um debate; tinha alguém do PC do B, alguém do PSTU, e eu pelo PT. Isso foi em 1997, quando eu já estava na economia solidária.

Nesse debate tentei mostrar que do ponto de vista realmente socialista, a Revolução Russa nunca o foi. Na verdade não cumpriu o que seria sua primeira missão, que seria entregar os meios de produção aos trabalhadores; jamais lhes entregou. Isto foi no debate. Os outros dois discutiram a China e vários outros pontos de interesse; cada um puxou a brasa para a sardinha que interessava.

Eu formulei o que acabou sendo o essencial do argumento da utopia militante nesse debate. Então saí de lá e comecei a escrever. Escrevi vários pedaços – o livro não foi escrito de uma única vez, mas eu o fiz e estava interessado só no socialismo, embora estivesse trabalhando com a economia solidária já. É que na minha cabeça economia solidária e socialismo são sinônimos. Agora, por motivos táticos, eu tendo a falar mais em economia solidária, mas falo em socialismo nas discussões do PT; em 2000, escrevi o livro *Economia Socialista*, não sei se vocês chegaram a ver, é um livrinho pequeno, em que confronto o marxismo clássico com a economia solidária. Enfim, eu continuo socialista por inteiro, não mudei em nada a esse respeito.

E *Introdução à economia solidária* resultou de um pedido que me foi feito pelo Ricardo Azevedo, da Fundação Perseu Abramo, que viu uma exposição minha em Belém do Pará e achou muito interessante a parte histórica e então sugeriu que eu fizesse um livro para a editora da Fundação. Eu gostei da proposta e a aceitei. Mas como era um livro que devia se chamar *Introdução à economia solidária*, eu poderia ter acrescentado um capítulo discutindo as relações da economia solidária com o socialismo, mas acabei fazendo isso ao discutir, no livro, o Owen, e o cooperativismo revolucionário do início do século XIX, do qual ele foi o principal protagonista.

Realmente você tem razão. Eu poderia ter feito essa ligação e não fiz. Foi uma falha, se você quiser. Mas, enfim, nenhum livro é completo, sempre tem alguma coisa faltante.

*Danilo – Ainda sobre isso, professor; e pensando no título Utopia militante, parece haver aqui uma resposta a uma das acusações recorrentes contra a economia solidária, a acusação de um certo utopismo, no mau sentido, proveniente de um marxismo mais cientificista, muito ligado ao texto clássico de Engels. Mas eu acompanhei recentemente as dificuldades de se criar meios de financiamento para a estruturação da economia socialista – ou economia solidária, como você chama. Há uma grande dificuldade de se consolidar isso. Há ainda, relacionado a isso também, nesse mesmo título Utopia militante, uma alusão a um compromisso de formação militante com as bases que remete a Rosa Luxemburgo, que é o tema do nosso filme. Eu queria que você falasse um pouco dessa dupla dimensão: por um lado, uma construção teórica que necessita uma série de estruturas materiais para se consolidar; por outro o compromisso cotidiano com a formação de pessoas, em que você está envolvido, desde a incubadora da USP etc. Como é que essa dupla dimensão se liga com o legado luxemburguista que você tem?*

É, acho que há um legado luxemburguista do qual eu não estava consciente antes deste momento, e pelas perguntas que vocês estão fazendo, acho que você tem razão. E o legado me parece ser este: para Rosa Luxemburgo, quem dirige a revolução é o que ela chama “as massas”; são os próprios trabalhadores, os homens, as mulheres, os camponeses, os jovens, enfim. A direção política, que é tão importante para Trotsky e Lênin, não é tão importante para ela. Ela acha que essa direção tende a segurar, tende a refrear porque – desculpa, agora é uma coisa minha, é uma nota de rodapé até melancólica porque ela morre tentando fazer isso – porque foi o levante infeliz, lá em Berlim, que propiciou as condições do assassinato dela. Ela foi contra porque sabia que não havia nenhuma perspectiva de o levante ser vitorioso. Como dirigente ela tentou segurar “as massas”, mas não conseguiu.

Mas, de qualquer forma, na crítica de Rosa à Revolução Russa, essa visão das massas como carregando o ímpeto da mudança é uma coisa que calou fundo em mim, e eu a reencontrei na economia solidária. A economia solidária não foi encontrada por ninguém – não foi inventada pela Igreja, não foi inventada pelos sindicatos –, foi uma criação das pessoas em situações difíceis, mas recorrendo às forças comunitárias que são socialistas, em última análise. E isto está acontecendo.

Ao contrário do que você colocou na sua pergunta, a economia solidária está mostrando muita robustez, muita força; está crescendo enormemente no Brasil. Para vocês terem uma idéia, o nosso primeiro levantamento da economia solidária – nós temos um mapeamento – encontrou 15 mil empreendimentos de economia solidária no Brasil inteiro, mas sabíamos que não era completo. O segundo levantamento, feito dois anos depois, teve um aumento de 40%. Uma parte deste aumento não é nova, não chegamos a ela no primeiro levantamento, mas uma outra parte do aumento deve ter surgido depois.

Há uma adesão em massa, digamos, dos movimentos sociais, à economia solidária no que se refere à economia. O MST, os quilombos, os indígenas, todo mundo está interessado

em economia solidária, explicitamente falando. Então, tem toda a viabilidade. Agora, o que me encanta na economia solidária é que ela vem de baixo. E que nós que estamos à sua testa – e eu tenho hoje condições de dizer que estou por causa do cargo no governo; eu sou empurrado na verdade, eu não lidero; eu sou empurrado e tento responder o melhor possível, já que tenho entusiasmo pela idéia. Mas dizer que eu é que estou criando isso junto com minha pequena equipe em Brasília e mais outras, é uma inversão do que realmente acontece.

Então nesse sentido Rosa Luxemburgo estava certa. As grandes transformações, a revolução social em marcha que existe hoje no mundo é tocada pelas pessoas que, digamos, vêem nisso uma solução concreta para seus problemas.

*Isabel – Então, nesse sentido, existem germes de socialismo no interior da sociedade capitalista?*

Sim. Aliás, sempre houve. Essa é minha profunda convicção. O interessante, já que estamos falando disso, é que esses germes já eram pensados por Marx, mas eram pensados nas grandes indústrias. Ele achava que o germe do socialismo estava exatamente na arregimentação dos trabalhadores na grande indústria. Isso é uma coisa na qual acreditei muitos anos, mas depois que tive a minha experiência sindical, passei a achar que a probabilidade disso é pequena. Mas a grande indústria, sobretudo com o Estado do bem-estar social, enquadra tão bem os trabalhadores que eles na verdade lutam sempre por mais do mesmo, ou seja, melhores salários, melhores condições de trabalho, melhores condições de aposentadoria, coisas que para eles são importantes. Mas não para deixarem de ser assalariados.

Não existe um movimento, digamos, de rebeldia, contra a ditadura do capital nas empresas. Existe quando uma geração de jovens operários com muita escolaridade entra e vê o horror que é. Aí sim. Mas o grande impulso para a economia solidária vem das comunidades pobres; é lá que está o fermento social que se viabiliza – portanto nos quilombos, nas comunidades indígenas e, sobretudo, no campesinato e no artesanato. Artesanato e campesinato são muito semelhantes. Todos os camponeses são artesãos; eles trabalham com as mãos para transformar o que produzem. Das frutas que colhem fazem geléias, dos legumes fazem conservas etc.. Você vai numa feira de economia solidária, que tem uma boa quantidade de barracas de alimentos, você tem, junto com estes, brinquedos e outras coisas que os camponeses fazem, que são na verdade produtos artesanais. Para essa gente, compartilhar é fazer auto-gestão e uma certa democracia de base. É uma coisa natural. Eles se inclinam a isso, você não precisa doutriná-los.

*Danilo – Então, sobre isso ainda, só para aprofundar um pouco mais, professor. Voltando a Rosa Luxemburgo e a como ela se contrapõe à “burocracia proletária” em que se transformou o Partido Social-Democrata Alemão, que refreava justamente a pressão mais radical que vinha das bases – em que medida você veria no PT destes últimos anos*

*uma mudança qualitativa, correlata ao desmanche neoliberal? E em que medida o PT e os novos sindicatos passam a não mais incentivar o vínculo com a base, mas a refrearem a base ou a se descolarem dela? Gostaria de saber se a sua adesão apaixonada à economia solidária estaria relacionada com isso ou não.*

Não, não. As coisas não vão nesse sentido. O que você está me perguntando, no fundo, é qual é a relação entre economia solidária e a evolução do PT, está certo? Eu posso contar um pouco os fatos e vocês tiram as próprias conclusões. Eu levei a economia solidária ao PT por uma iniciativa do Lula. O Lula estava extremamente preocupado com o enorme desemprego que havia, que, aliás, foi o que me levou à economia solidária. Pouco tempo depois de me envolver com a economia solidária, Lula organizou uma reunião no Instituto da Cidadania sobre o que fazer com o desemprego e que posição tomar frente a ele.

E, na reunião, curiosamente, as duas pessoas a que ele deu mais espaço para falar e expor idéias foram o Plínio de Arruda Sampaio e eu. O Plínio estava numa fase de total radicalização, na qual se encontra até hoje. E ele defendeu, nessa reunião, uma greve geral contra o desemprego. O que para mim era um absurdo, porque com muito desemprego, greve geral não tem a menor condição [risos]. É para perder o emprego. E eu disse o contrário, que os sindicatos deveriam perder o medo de organizar os desempregados. Os sindicatos tinham medo dos desempregados porque a única coisa que o desempregado queria era emprego, e a única coisa que o sindicato não tinha para o desempregado era exatamente o emprego. Então eu dizia: “Não, existe uma possibilidade ideal, que é o emprego coletivo.” Não sei se eu usei essa palavra, ou algo dessa natureza. E isso já está acontecendo, é um fato, e devemos dar toda a força a isso. Na ocasião, Lula não se pronunciou. Ficou em cima do muro, as duas coisas foram registradas, por assim dizer.

Mais tarde, em 2000, Lula provocou uma discussão sobre o socialismo. Ele procurou o Antonio Candido, junto com o Vannucci, e pediu a ele para organizar um seminário, um único seminário, que depois virou uma série, sobre o socialismo hoje. E Antonio Candido sugeriu convidar o Chico de Oliveira e a mim para ajudá-lo.

A sugestão foi aceita e nós três, com a colaboração de Paulo Vannuchi, Ricardo Azevedo e Joaquim Soriano organizamos uma primeira série de debates sobre o socialismo na atualidade. E nessa ocasião, a segunda conferência foi a minha, sobre economia socialista, em que eu coloquei a economia solidária para o PT. Estava toda a direção do PT presente. A partir de 2000, a direção do PT aderiu ao Economia Solidária – mesmo essa direção que revelou-se depois neoliberal, a começar pelo próprio Lula, o Zé Dirceu... O Palocci nem estava lá e nem tinha na época a importância que passou a ter depois.

Ainda na campanha de 2002, eu me lembro que ainda fazia parte da equipe dos economistas – nós estávamos preocupados em fazer um programa para o Lula – e, obviamente, o programa que nós queríamos fazer era o oposto do que ele queria. Mas eu lembro que

ele me disse: “Singer, você precisa me escrever uma página sobre o Economia Solidária.” Isso poderia ser um detalhe, mas não é um detalhe porque ele aceitou fazer a Secretaria [de Economia Solidária] e está dando apoio total a nós. Quer dizer, se não fosse o Lula, nós não teríamos conseguido avançar como nós conseguimos. Tanto o PT como o governo Lula têm... Tem contradições aí – ele dá total apoio ao Henrique Meireles e dá a mim também. Eu não estou me comparando, o Henrique Meireles é muito mais importante.

O fato concreto é esse, ele tem uma particular paixão – isso para revelar uma faceta, ao meu ver, importante do presidente – pelos catadores de lixo. Ele, uma vez por ano, almoça com eles e está dando uma força imensa, inclusive, recursos financeiros que passam pela minha Secretaria, às cooperativas de catadores, porque catador é morador de rua; é o excluído do excluído; é o que vive do que nós jogamos fora, e isso aí Lula percebe. Eu vi várias vezes ele falar. Ele tem um compromisso de combate à pobreza, se você quiser... Isso ele mantém. O PT e, sobretudo, a Democracia Socialista, mas outros setores também, mergulham fundamentalmente no que nós chamamos de “Mensagem ao Partido”, em que a visão de socialismo petista é a Economia Solidária.

*Marcos – Eu não sei se cabe a minha pergunta, que tem a ver com o PT e com o socialismo, mas introduz aí um elemento novo. O gancho é uma proposta que foi feita recentemente no Congresso do PT, de uma das tendências, que falava em socialismo sustentado. Eu acho que a designação é um pouco estranha, mas de qualquer forma parece remeter ao problema ecológico, visto por muitos hoje em dia como o principal obstáculo para o desenvolvimento do capitalismo, da maneira como vem ocorrendo. Então a pergunta é: de que maneira a ecologia entra na sua visão política de hoje? E acho que não é difícil perceber possíveis conexões com o Economia Solidária. Eu pergunto se essas conexões são explicitadas no movimento do Economia Solidária?*

São, são. Para lhe dar uma resposta curta, logo depois que nós criamos a Secretaria de Economia Solidária, a questão foi discutida. Nós fazíamos reuniões de equipe frequentes, em que adotamos os fundamentos do que estamos fazendo. O Roberto Marinho – que hoje é diretor do Departamento de Estudos e Divulgação da Secretaria, na época ele era um coordenador geral, já era uma pessoa importante; é um intelectual, professor da Universidade Federal do Rio Grande do Norte – ele fez uma defesa apaixonada da questão ecológica, como igualmente importante para o Economia Solidária.

Eu me lembro de que fui bastante crítico desta posição; não que eu fosse a favor da destruição da natureza, mas eu achava que não tinha nem de longe a importância que na verdade tinha. Eu estava errado e estou fazendo uma autocrítica aqui. Eu não tinha noção, mas mudei de opinião muito recentemente, acho que junto com a opinião pública mundial, quando o painel de cientistas da ONU confirmou que o aquecimento é uma coisa perigosa,

está acontecendo há duzentos anos e é fabricado por nós. Eu tenho um viés forte: eu sempre tendo a ser otimista. Então quando alguém diz: “O mundo vai acabar. O mundo está aquecendo”, eu tendo a falar: “Não é bem isso.” Mas agora estou convencido de que há de se fazer coisas fundamentais para evitar que a humanidade sofra prejuízos. Portanto, o Roberto Marinho estava certo. Na verdade, independentemente de toda a influência que eu pudesse ter, nunca houve a menor dúvida, no movimento de economia solidária, que preservar a natureza é vital, e eu atribuo isto, em boa medida, aos franciscanos – porque me parece que dentro da igreja os ecologistas são, sobretudo, os franciscanos.

*Isabel – Nesse sentido, acho que existe uma ligação ainda mais profunda. Vamos ver o que você acha dessa idéia. Se compararmos com o marxismo – para os marxistas, o proletariado era a classe histórica, e os camponeses eram uma classe retrógrada, atrasada e que deveria desaparecer, assim como o artesanato. Hoje podemos acrescentar: tudo o que está à margem da sociedade, todas essas coisas com as quais a economia solidária se ocupa, é visto pelos marxistas ortodoxos como alguma coisa que está fora da linha do progresso.*

Isso, bem colocado.

*Isabel – Hoje, com a questão ecológica, como encarar essas classes que deveriam desaparecer, mas não desapareceram? Podemos pegar como exemplo os catadores de papel que vivem do lixo que os outros jogam fora e que estão preservando, fazendo um serviço de limpeza na sociedade.*

Isso mesmo. Você tem toda a razão.

*Isabel – Os pequenos agricultores ou a agricultura familiar; os artesãos, enfim, toda essa gente com que você lida na economia solidária, se pensarmos no futuro do planeta, eles são mais progressistas do que a classe operária industrial, que está fabricando carros, armas ou coisas desse tipo.*

Ou, sobretudo, plástico.

*Isabel – Em termos teóricos, talvez seja necessário fazer uma nova teoria que leve isso em consideração.*

Estou totalmente de acordo. Eu já tinha, eu mesmo, formulado exatamente nos termos que você falou, por causa da minha herança, que é a nossa herança marxista, evidentemente. Eu tenho dito várias vezes – nunca escrevi, não tive tempo de escrever – que o campesinato hoje é vanguarda porque é só entre os camponeses que você pode fazer agricultura ecológica. Não dá para fazer agricultura ecológica em *plantations*. Há uma contradição aí. É muito interessante porque se criou uma distinção entre agricultura orgânica e agricultura ecológica.

A agricultura orgânica é a agricultura capitalista industrializada sem os venenos, e agricultura ecológica é uma coisa radicalmente diferente. E o que nós precisamos para preservar a terra, o ar, a água para humanidade é a agricultura ecológica, que é uma invenção; é uma invenção e uma re-invenção dos praticantes, assim como a economia solidária. Isso é uma coisa interessantíssima que eu aprendi. Não existe um manual de agricultura ecológica, que basta ler que você aplica. Porque cada micro-clima exige elementos biológicos específicos para as suas características. Portanto, segundo Jean Marc von der Weid (ele foi um grande líder estudantil brasileiro da época heróica do movimento estudantil, hoje é um dos mais importantes campeões da agricultura ecológica) – ele fez uma exposição no Conselho do Condrat, no qual eu represento o Ministério do Trabalho, e mostrou isso, o que mais se gasta na agricultura ecológica é o tempo para transmitir as experiências mutuamente. Você tem que ter o tempo todo o contato com os outros camponeses, em áreas um pouco diferentes, para uns aprenderem com os outros – o que é um processo interessantíssimo de construção.

Portanto, confirma o que você está dizendo. Aquilo que era o atraso virou na verdade a esperança do futuro. E não só camponesa. Eu concordo com o que você falou a respeito dos catadores. Aí, na minha experiência de Secretário do Planejamento de São Paulo, foi vital o que eu aprendi. Nós estamos sufocando no lixo. A quantidade de lixo que nós produzimos, que a indústria produz, sobretudo sob a forma de embalagens plásticas, que nunca deterioram, é um horror! E não tem solução. Hoje, cidades pagam a outras cidades para ficarem com o lixo delas, e nem conseguem. A saída vai ser a reciclagem total, ou seja, reformular toda a tecnologia para que nada sobre. Tudo o que você produz poderá ser transformado em alguma coisa útil adiante; não se joga mais fora nada. Já temos hoje cooperativas reciclando óleo de cozinha, não sei se vocês sabem disso. Eu achei interessantíssimo.

*Isabel – Nós fazemos isso com o nosso [risos].*

Ótimo! Maravilha! [risos] Então vocês sabem do que eu estou falando.

*Marcos – A outra pergunta é referente ao Fórum Social Mundial. Atualmente está em preparação o Fórum Social Mundial que vai acontecer em Belém, em 2009. Como você teve uma participação muito importante nos outros Fóruns, por um lado e, por outro, como existe um certo desânimo, certos diagnósticos de que “algo deu errado”, que o Fórum perdeu a sua importância, enfim, está numa crise, eu gostaria de saber o que você pensa a respeito. Como é que você vê as possibilidades do Fórum Social Mundial daqui para a frente.*

Aí depende um pouco do que nós queremos. Na verdade, na medida em que para mim a luta pelo socialismo é a economia solidária... A economia solidária é uma proposta aberta, muito ao contrário do marxismo. Não tem Marx em economia solidária. Acho que Laville, eu e Coraggio somos as figuras mais importantes, no sentido de influenciar os outros, mas nós pensamos muito diferente. Ele,

a partir de Polanyi, chega a ter posições de que o papel da economia solidária é suavizar o capitalismo, moderar e outras coisas dessa natureza, que obviamente para mim são anátemas.

Mas o mais interessante é que o movimento é muito mais rico do que nossas formulações. Ele não cabe nos nossos esquemas. Daí a importância do Fórum. O Fórum é uma proposta aberta; e os críticos do Fórum querem uma Internacional, na verdade; eles querem organizar as lutas no plano internacional – e para isso o Fórum não serve. Eu respondo muito bem: “Querem organizar outras coisas, organizem. O Fórum não pretende ter monopólio. Façam reuniões para organizar greves, manifestações, ou seja lá o que vocês queiram fazer, mas deixem o Fórum ser o que é, que é um lugar de debate, um lugar de troca de idéias, de aprendizado mútuo” – e ele está se mantendo assim.

Há gente muito desesperada, achando que o mundo está em vias de acabar, que o capitalismo está levando o mundo a uma situação de miséria etc. Todas as evidências são contrárias. O mundo não está indo para o buraco, as chamadas metas do milênio, vocês devem ter ouvido falar disso, estão se realizando inclusive no Brasil. O Brasil vai conseguir eliminar a pobreza em 50% muito antes de 2015, se continuar no ritmo que vai indo – e não é só o Brasil.

De modo que, para mim, o Fórum está ótimo porque permite que muitas revoluções, tentativas e experiências convivam e se organizem para aprender mutuamente. O mais importante do Fórum, na minha opinião, é o aprendizado; é o fato que temos uma vez por ano a oportunidade de encontrar pessoas do mundo inteiro interessadas nas mesmas coisas que nós, e aprendemos juntos. Agora, dentro do Fórum existem 50 formas diferentes e a economia solidária é uma delas. Eu estou contente com isso, eu não gostaria que o Fórum fosse todo concentrado nas coisas que interessam especificamente a mim; pelo contrário, acho que a diversidade é rica a esse respeito. Só espero que o Fórum não seja transformado num grupo de ação política imediata porque ele não foi criado para isso e acho que não há condições no momento para isso também. Eu estou cada vez menos inclinado a achar que a luta contra o capitalismo, pela mudança social terá que ser por um partido mundial. É muito reacionário. Tem que deixar todas essas coisas se realizarem e se fecundarem.

*Daniilo – O meu complemento se alterou um pouquinho com essa sua colocação, mas acho que o fundamental permanece porque a sua fala imediatamente anterior tinha sido um pouco mais pessimista, e esta reafirmou seu otimismo. Mas, voltando a Rosa, que é o tema fundamental do nosso filme, gostaria de saber se, para você, é possível atualizar o lema dela “socialismo ou barbárie” numa espécie de “economia solidária ou barbárie”, “economia socialista ou barbárie”, nem que seja a longo prazo. E se o capitalismo continuar avançando sem o fortalecimento do modo de produção econômico solidário, se você acha que estamos no rumo de algum tipo de barbárie.*

*Além disso, você situa a economia solidária nesse mundo de diversas outras formas de organização da classe “pobretária” – essa nova classe operária. Rosa, por sua vez, no seu tempo,*

*apesar de toda a ênfase na base, era uma mulher de partido, que acreditava no papel fundamental da vanguarda, não como chefe, condutora das massas, mas como “chacoalhadora” ou inspiradora – enfim, no mínimo, como bastante sensível às bases. 90 anos depois, como fica a relação da forma de organização política e econômica da economia solidária com essas outras estruturas – o sindicato, o partido e fundamentalmente o movimento social? Você falou do MST, que eu vejo como a organização mais à altura dos desafios do nosso tempo. Como você avalia isso?*

Olha, essa é a única pergunta até agora que certamente eu não vou conseguir responder nos limites que nós temos aqui. Eu estou com a mesma preocupação que você, apenas em termos um pouco diferentes. Eu estou preocupado com a relação entre o Estado e a economia solidária exatamente porque estou no Estado. Vejo meu papel como um papel passivo de apoio; poucas iniciativas. Claro, estamos tendo agora uma iniciativa de tentar criar uma finança solidária, um sistema financeiro para financiar o Economia Solidária.

Existem várias formas de fazer isso. A que mais dá esperança são os bancos comunitários, que foi uma invenção numa favela de Fortaleza. Essas são as iniciativas que vêm lá de baixo, que podem ser generalizadas, você tem razão, e aí o partido, ao meu ver, é importante como representante político de tudo isso e, portanto, participa do poder. O partido é para chegar ao poder, mas não para monopolizá-lo, fazer dele uma ditadura; é meramente para representar esses interesses autenticamente, que é mais ou menos o que o Lula faz. Longe de fazer tudo que eu gostaria que ele fizesse, mas algumas coisas ele faz.

Então, a mudança se dá, ao meu ver, não por lutas. Digamos, eu desisti da idéia de que é preciso acabar com o capitalismo, eu acho que não dá para acabar com o capitalismo, a não ser quando ninguém mais estiver interessado em desempenhar o papel de patrão e ninguém mais quiser ser assalariado. O que hoje e no futuro próximo – o único que conseguimos vislumbrar – podemos enxergar é que vai ainda levar muito tempo até que ninguém mais se interesse pelo capitalismo.

E você mencionou a barbárie. O que vemos hoje é a barbárie do Bin Laden, do Taliban etc. que são pré-capitalistas, não têm nada a ver com o capitalismo. É resultado de muita coisa que sobrevive – do racismo, de vários tipos de ódio que se eternizam através de vendetas. Eu sou judeu. A coisa entre árabes e palestinos me interessa diretamente, me afeta. É um horror! Os judeus de Israel eram sofisticadíssimos, democráticos; tinha inclusive um setor de economia solidária importantíssimo, que eram os *kibutzim*. Hoje, algo como um terço dos *kibutzim* ainda pratica os seus princípios. Os restantes estão se transformando em conjuntos imobiliários, em que as famílias moram, mas cada pessoa trabalha fora do *kibutz*, geralmente num emprego.

Então quando você fala em barbárie, barbaridade, bárbaros eu penso nisso. Existem? Existem, efetivamente existem formas de barbárie, de genocídio que se multiplicam na África sub-equatorial, como você sabe; guerras tribais infindáveis, e no nosso continente, na Colômbia. Isso para mim é barbárie. E não é de um lado só, é dos dois. No caso específico colombiano, tanto as Farc quanto as anti-Farc são igualmente bárbaras etc.



Quer dizer, não estou achando, como Rosa formulou há muitos anos atrás, em outras circunstâncias históricas, que a alternativa é ou acabar com o capitalismo ou cair na barbárie. Eu acho que o que nós temos, e volto a ser otimista, é a possibilidade de construir um capitalismo democrático, que é uma conquista operária e, nesse espaço, avançar para um socialismo autogestionário.

*Danilo – A forma mercadoria permanecerá.*

Eu acho que a mercadoria em si não tem problema nenhum. Se você tiver um mercado que é ativamente corrigido para não polarizar riqueza e pobreza, que é o que ele polariza; se você nada fizer, o mercado divide a sociedade em alguns poucos ricos e uma maioria pobre – o que Marx mostrou brilhantemente. Mas a experiência do século XX também mostra que intervenções re-distributivas do Estado podem eliminar isso em quase 100%. Você tem países inteiros em que não há pobres; os pobres são minorias, doentes, circunstâncias muito especiais. Eu vejo que o capitalismo vai acabar quando chegarmos a uma situação em que qualquer pessoa que não queira trabalhar para os capitalistas tenha acesso a meios de produção. Aí os poucos que ainda vão querer fazer isso, tem que deixar fazer porque é um direito deles.

*Isabel – Posso fazer uma última pergunta? Você poderia sintetizar qual seria a atualidade de Rosa, e o que permanece no pensamento dela para nós, hoje?*

Ah, muita coisa. Primeiro é essa coisa que eu acho que aprendi com ela – e não só eu, muitos aprenderam – que é esse profundo respeito pelos outros; pelos camponeses, pelos jovens, pelas mulheres, pelos homossexuais; por todos que são diferentes e conseguem fazer da sua diferença uma bandeira e, com isso, o melhor. O mundo está melhor; 1968 mudou o mundo. É outra coisa hoje e é muito melhor. Rosa dá muitas contribuições, e a primeira é essa, dizer: o que vem lá de baixo no mínimo é interessante e tem potencialidade; respeite, procure entender antes de fazer julgamentos.

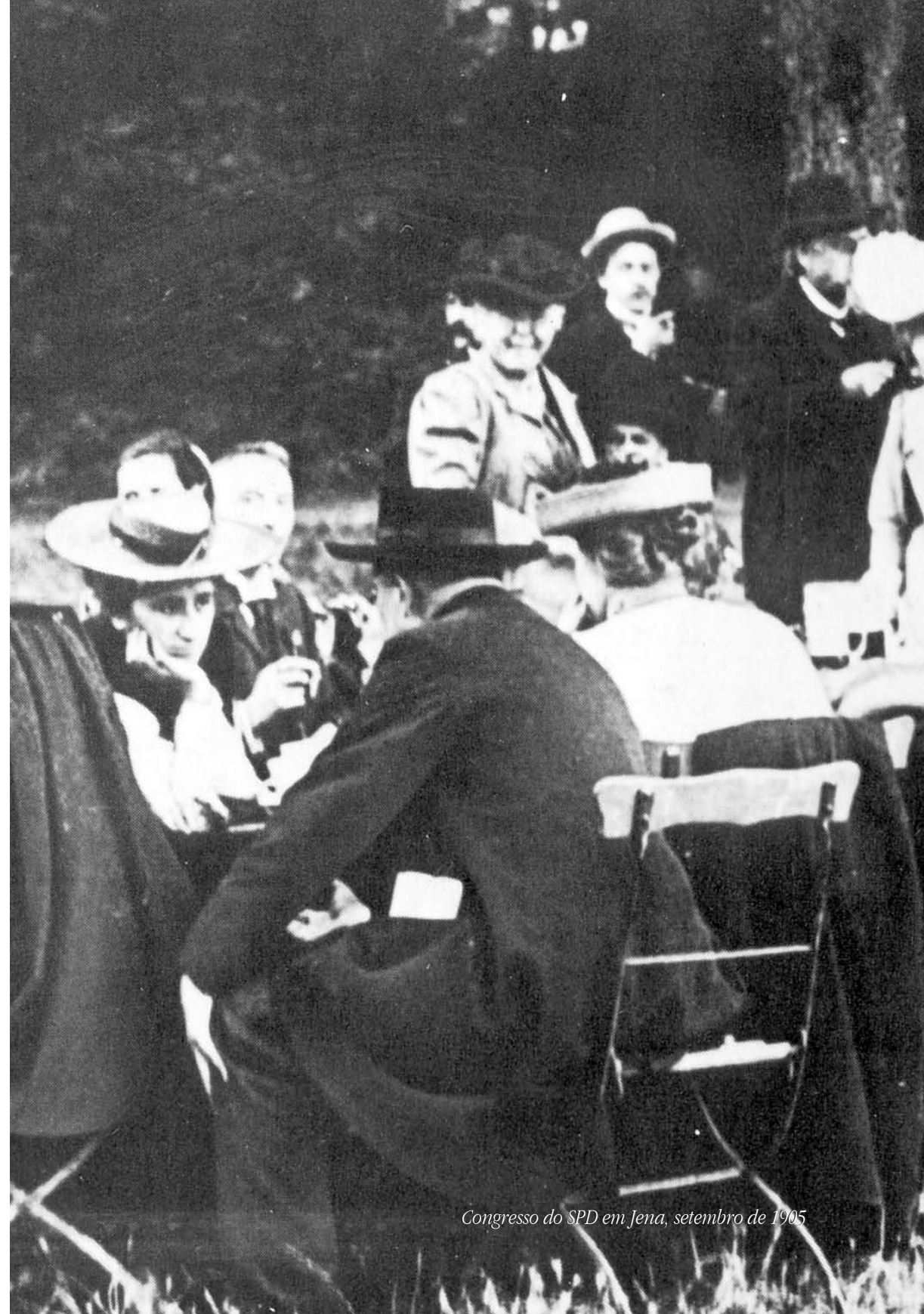
A segunda coisa que é importante é a absoluta recusa da ortodoxia. Isso é uma lição! Eu acho que todos nós contribuimos para melhorar a compreensão da realidade. Nenhuma dessas contribuições é definitiva e nem pode ser. Marx tinha claríssima noção disso quando disse que não era marxista. Ele não estava fazendo *blague*, estava sendo profundamente sincero – era tão contrário a tudo o que apregoou alguém tornar o pensamento dele uma espécie de doutrina religiosa, infalível! Essa é outra coisa. Eu acho que Rosa continua muito atual, tendo que ser superada também. Essa é a lógica dela, está certo.

*Isabel – Muito obrigada.*

*Danilo – Muito obrigado.*

Eu que agradeço a vocês. Eu acho que foi uma conversa muito boa e me ajudou a entender algumas das coisas que estava pensando.

*Danilo – Nós também.*



*Congresso do SPD em Jena, setembro de 1905*

## MICHAEL LÖWY\*

*Isabel – Como é que você descobriu Rosa Luxemburgo?*

Descobri graças a um amigo que – por assim dizer – me abriu os olhos, que foi Paul Singer. Fui ver Paul Singer, eu devia ter uns 15, 16 anos, não me lembro bem – meados dos anos 50, coisas do século passado, por recomendação do meu irmão, Peter Löwy. Peter era militante sionista de esquerda; quando ele viu que eu não iria emigrar para Israel como ele, não iria para um *kibutz*, me aconselhou: “Já que você vai ficar no Brasil, pelo menos, vai ver o Paul Singer que é um cara sério.”

Então eu fui ver Paul Singer e ele começou a falar sobre Rosa Luxemburgo, a me mostrar os livros e as brochuras – havia pouca coisa em português, outras coisas em francês – e a me explicar as idéias econômicas, políticas da Rosa Luxemburgo. Não sei se entendi bem a teoria da acumulação, mas a crítica ao reformismo de Bernstein e a polêmica sobre a democracia com Lênin e seus camaradas me impressionaram enormemente. Isso para mim foi um deslumbramento e, em certa medida, uma história de amor. Eu me apaixonei por Rosa Luxemburgo; pela figura, pelo espírito dela; seus escritos, sua política – tudo.

Pouco depois Paul Singer, eu e outros companheiros participamos da fundação – junto com Ermínio Sachetta, Maurício Tragtenberg, Alberto Rocha Barros, devo estar esquecendo alguém – de uma organização que tinha por referência principal, para não dizer única, Rosa Luxemburgo, que chamava-se Liga Socialista Independente, que era, como se diz em português, meia dúzia de gatos pingados; doze pessoas, às vezes quinze, às vezes oito. Alguns jovens; um operário; um sapateiro – tudo bem. Mas era um local que media 70 cm por 4m, dois bancos e uma mesa e na parede tinha o retrato de Rosa Luxemburgo, claro. Tinha um jornalzinho, que até que não era ruim, chamado *Ação Socialista*, em que também apareciam artigos sobre Rosa Luxemburgo, com a imagem dela. Era nossa grande referência. Entre os militantes: Renato Caldas, Luis Alberto Carvalho Pinto, Julio Goldfarb, Milton Taccolini; um pouco mais tarde recrutei dois estudantes para o grupo: Eder e Emir Sader. . .

Formei-me nessa coisa exótica no Brasil, nos anos 50, em que predominava o nacionalismo e o stalinismo do partidão. Essa coisa exótica de um grupo luxemburguista, que mais tarde desembocou – não todos – na POLOP. Os irmãos Sader, Paul Singer, eu e mais algum outro participamos da fundação da POLOP, mas aí já não era só Rosa Luxemburgo, eram várias coisas – para começar, a Revolução Cubana. Era outro contexto. Então foi isso, minha história de amor com Rosa Luxemburgo começou aí.

No começo dos anos 60 comecei a trabalhar na minha tese de doutorado, que em seguida continuei na França, sobre o jovem Marx. Na verdade, minha leitura sobre a obra de Marx era

\* Sociólogo franco-brasileiro, diretor de pesquisas emérito no CNRS/Paris. Desta entrevista participou também Isabel Loureiro.

inteiramente inspirada pelas teses de Rosa Luxemburgo. Eu queria demonstrar no fundo que a concepção que Marx tinha da revolução era aquela de Rosa Luxemburgo. A idéia central que tento mostrar no jovem Marx é a idéia da auto-emancipação revolucionária dos trabalhadores, contra a idéia de um salvador supremo, da redenção vinda de cima, de um chefe; de um líder; de uma vanguarda. Essa era a idéia. Essa foi a minha entrada. Minha leitura do jovem Marx foi inspirada por Rosa Luxemburgo. Era a idéia fundamental da Liga Socialista Independente, quer dizer, a idéia de que o partido não é uma vanguarda que substitui a classe, mas é um instrumento a serviço da auto-emancipação dos trabalhadores. Essa era a idéia de partido que nós tínhamos.

Num pequeno artigo que escrevi nessa época, e que foi publicado em 1961 na *Revista Brasileira* – graças à generosidade de Caio Prado Junior – tentei, de maneira um pouco esquemática, comparar as teses principais de Lênin, Trotsky, Rosa Luxemburgo, Gramsci e Lukács sobre o partido. O objetivo era mostrar que a concepção de Rosa Luxemburgo era a mais conseqüente, a mais adequada, mas mostrando também o interesse das outras, tentando mostrar que havia certa complementação. Em última análise era mesmo para ressaltar as idéias de Rosa Luxemburgo. Esse material, que depois eu reelaborei, entrou na minha tese como uma espécie de capítulo final, um anexo na tese sobre o jovem Marx.

*Danilo – Não só no Brasil – mas no Brasil em particular – dá-se muita ênfase a alguns capítulos de História e Consciência de Classe, mais relacionados ao tema da reificação e menos às análises estratégicas que Lukács faz, sobretudo nos dois primeiros capítulos, em que dá grande destaque aos elementos teóricos, políticos, estratégicos do pensamento de Rosa Luxemburgo. Lukács enfatiza em Rosa a articulação entre teoria e prática, que estaria ausente no marxismo da II Internacional. Esse compromisso com a prática foi menosprezado a partir do momento em que o marxismo ocidental, pelo menos na academia, se consolidou, e se passou a ressaltar só o lado mais teórico. Enfim, queria que você tratasse um pouco disso.*

Acho que há uma idéia fundamental em Rosa Luxemburgo que nós vamos encontrar nas origens do marxismo ocidental, que é a idéia de que há uma relação estreita, dialética entre teoria e prática – em particular entre a consciência socialista ou a consciência revolucionária e a experiência prática da classe. É uma coisa que você [Isabel] desenvolve bem no seu trabalho. Isso é fundamental. Ou seja, a consciência de classe, a teoria, o socialismo não é uma coisa elaborada pelos cientistas sociais lá nos seus laboratórios teóricos, e que depois vai ser introduzido de fora na classe, de uma forma pedagógica, mas de cima para baixo. Não. A consciência de classe, a consciência socialista, revolucionária só pode existir na classe a partir de uma experiência concreta de luta, na experiência prática da ação. Rosa Luxemburgo tem belas passagens sobre a greve geral, em que ela explica: “Em alguns dias de greve geral os trabalhadores aprendem mais do que em dez anos indo a comícios, ouvindo discursos, ou lendo panfletos.”

Enfim, essa é uma idéia muito marxista no sentido profundo. É a idéia da filosofia da práxis de Marx, já nas teses sobre Feuerbach. É só através de sua própria prática que os sujeitos da ação revolucionária transformam a sociedade, mas também transformam a si mesmos, transformam sua própria consciência. Acho que esse é um tema fundamental de Rosa Luxemburgo, que está em Marx, mas que talvez tenha sido deixado de lado pelos marxistas da II e de boa parte da III Internacional.

Já no jovem Lukács de *História e Consciência de Classe*, como no jovem Gramsci, de 1918 a 1923 – que é o grande momento da vaga revolucionária que percorreu toda a Europa – foram explicitamente tomadas essas idéias de Rosa Luxemburgo; os dois se referem a Rosa Luxemburgo de maneira muito central, os dois retomam a problemática da dialética entre teoria e prática, da dialética entre experiência de luta e consciência de classe. Portanto, com uma visão do processo revolucionário um pouco diferente da que predominou depois na III Internacional, que foi a de uma certa leitura, bastante simplificada, do bolchevismo. E como Gramsci e Lukács são um pouco os fundadores do marxismo ocidental, acho que Rosa Luxemburgo é uma das raízes do marxismo ocidental.

Em *História e Consciência de Classe* há uma evolução curiosa. O livro começa, nos primeiros capítulos, apontando Rosa Luxemburgo como aquela que continuou o pensamento de Marx, como aquela que encarna o princípio dialético da totalidade no pensamento revolucionário, e já para o fim Lukács vai se distanciando, criticando as posições de Rosa Luxemburgo. Mas de alguma maneira o livro é uma tentativa de síntese entre Lênin e Rosa. É uma síntese não totalmente bem sucedida, porque no começo é só Rosa Luxemburgo, e no fim ela fica um pouco descartada. Mas de alguma maneira o livro é uma tentativa de síntese. Uma das coisas que dá força a *História e Consciência de Classe* é essa tentativa de juntar idéias de Rosa e Lênin.

*Danilo – Porque de fato é um momento de inflexão na tradição socialista internacional e, como você disse, de uma vaga revolucionária radicalizada. Essa temática que estamos discutindo se desdobra, de certa forma, na questão das acusações que a própria Rosa sofreu, e não só dos marxistas mais ortodoxos, mas mesmo daqueles que estavam renovando de fato o marxismo – e a Escola de Frankfurt se inclui. Havia uma acusação de idealismo, de romantismo, de ingenuidade, digamos assim, espontaneísta, em detrimento do rigor científico teórico – e essa também é uma temática cara a você. Eu queria que você aprofundasse isso um pouco mais.*

Não tenho certeza de entender bem a sua pergunta. Eu acho que as críticas dirigidas a Rosa Luxemburgo não são tanto por idealismo, nem mesmo por romantismo (ela tem um elemento romântico, mas isso não se percebia muito); a crítica clássica é a do espontaneísmo: que ela ignorava o papel da vanguarda, do partido, tinha uma visão espontaneísta etc., coisa que não é bem assim. Se lermos seus textos, vemos que ela nunca rejeitou o papel do partido. Ela sempre

insistia que o partido tem um papel importante, e não por acaso ela vai fundar um partido, que era a Liga Spartakus, que depois vai se transformar no Partido Comunista Alemão. Sem falar do partido que fundou na Polônia, que era uma vanguarda bem disciplinada e organizada – o Partido Social-Democrata do Reino da Polônia e Lituânia. Mas enfim, como ela criticava um certo tipo de vanguardismo substitutista, a idéia de que a vanguarda substitui a classe, que ela dirige e que as massas têm que simplesmente seguir a vanguarda – aí efetivamente ela teve uma posição crítica e daí as polêmicas com Lênin, porque ela insiste na questão da democracia.

Mas a Escola de Frankfurt não se ocupou muito com as idéias políticas de Rosa Luxemburgo. Em geral a Escola de Frankfurt não discutia teses políticas nem de Lênin, nem de Rosa Luxemburgo. A contribuição da Escola de Frankfurt, que considero importante, é a crítica do capitalismo, que é muito interessante; a crítica da razão instrumental; a crítica da reificação que eles retomam de Lukács. Há aí coisas muito importantes, muito interessantes, mas eles não apontam propostas estratégicas, perspectivas. Eles não estavam dentro do movimento operário, eles estavam marginalizados. Então a contribuição deles é em outro terreno, não é por aí que ela passa.

*Isabel – Marcuse, por exemplo, faz uma referência explícita a Rosa em Contra-revolução e revolta, mas é uma coisa bem lateral. Ele menciona numa nota de rodapé a crítica de Rosa à idéia de disciplina imposta à classe trabalhadora em nome da autodisciplina da classe operária. E, por exemplo, em O ensaio sobre a libertação há formulações claramente luxemburguistas no sentido de que as massas adquirem consciência na luta, pela sua própria prática etc. Eu defendo a “tese” de que Marcuse era luxemburguista de coração. Ele estava em Berlim, quando Rosa falou pela última vez, antes de ser assassinada.*

Marcuse é uma exceção. Marcuse sempre foi um dos mais políticos da Escola de Frankfurt, o mais engajado nas lutas, principalmente nos anos 1960. Ele chegou a ter uma participação na Revolução Alemã, fazia parte de um conselho de soldados, simpatizava com os spartaquistas, mas não chegou a ser militante político. Desde o início ele tem simpatia por Rosa Luxemburgo, e quando tenta pensar em termos políticos, inevitavelmente surgem essas referências a ela.

E tem o caso de Walter Benjamin, que é um pouco especial porque ele, curiosamente, descobre a revolução quando ela já acabou, e, através de Lukács, vai descobrir Rosa Luxemburgo. Não há muitas referências a ela, mas há uma, indireta, que é fundamental; está nas “Teses sobre o conceito de história”: “Os revolucionários alemães da Liga Spartakus foram dos poucos que tiveram consciência de que a luta de libertação dos oprimidos é uma luta de séculos e de milênios e que ela se alimenta da memória dos mártires do passado.” Eles foram dos poucos que tiveram essa consciência, por isso chamaram sua organização de Liga Spartakus – em homenagem ao levante dos escravos romanos.

*Isabel – Podíamos passar agora para a sua interpretação das idéias de Rosa Luxemburgo, que é muito original, muito interessante, muito estimulante intelectualmente, e na*

*qual você dá grande importância à palavra de ordem “socialismo ou barbárie”. Gostaria que você falasse um pouco disso.*

Esse foi um ensaio que escrevi nos anos 1970, apontando o seguinte: havia no marxismo, na II Internacional e em parte também da III Internacional, uma visão determinista progressista, segundo a qual as contradições do capitalismo levam inevitavelmente à sua decomposição, à crise final e à vitória do proletariado e ao socialismo. Bem, para o social-democrata de direita era através das reformas, e para os revolucionários era pela tomada do poder. Mas os dois acreditavam nessa espécie de “inevitabilismo”, de determinismo histórico das leis da história, das leis da economia que levam, inevitavelmente, ao fim do capitalismo.

A própria Rosa Luxemburgo no começo compartilha essa mesma espécie de fatalismo otimista da II Internacional, embora de maneira mais sofisticada, mais dialética. Na polêmica dela contra Bernstein, em *Reforma ou Revolução?*, há um pouco a idéia de que a crise final do capitalismo é inevitável, que ele nunca vai conseguir superar suas contradições etc.

Mas a Primeira Guerra Mundial vai ser uma espécie de traumatismo, de choque para todos os revolucionários – para Lênin também, mas de outra maneira. Isso vai forçar Rosa a repensar esta questão – aquela visão um pouco ingênua de que o socialismo vai se reforçando, os votos do partido vão aumentando e os sindicatos vão ficando cada vez mais fortes. Aquela idéia do movimento em ascenso, que vai inevitavelmente terminar com a tomada do poder (sobre o que Kautsky também teoriza). De repente vem a Guerra de 1914 e tudo desmorona, não é? O Partido Social-Democrata Alemão vira auxiliar da guerra imperialista, e a mesma coisa acontece com os outros partidos socialistas.

Isso provoca em Rosa Luxemburgo uma reflexão profunda, radical, que vai às raízes da questão. É quando ela formula essa palavra de ordem, que ficou famosa, na brochura que escreveu na prisão, *A crise da social-democracia* (1915), assinada com o pseudônimo Junius, e que clandestinamente conseguiu tirar da prisão. Nessa brochura aparece a palavra de ordem “socialismo ou barbárie”, que alguns autores dizem que vem de Marx ou de Engels, mas não é assim. Estudei a questão atentamente. Marx e Engels, em *O Manifesto Comunista*, dizem que a luta de classes termina ou com a vitória de uma classe ou com a queda do conjunto das classes e a sociedade desmorona. Há um pouco esta idéia da alternativa, mas se refere mais ao passado do que ao futuro, e o conceito de barbárie não aparece aí. E Engels tem outro texto também, no *Anti-Dühring*, se não me engano, em que diz: “Ou o socialismo se impõe, ou vai se perder todo o progresso do desenvolvimento das forças produtivas.” Alguma coisa assim, não lembro exatamente. Havia a idéia de uma espécie de alternativa, mas também de forma mais retórica, para dizer: “O socialismo tem mesmo que chegar, porque se não chegasse seria uma regressão geral da sociedade.” Então é um pouco retórico. Quem realmente coloca nesses termos, “socialismo ou barbárie”, não como fórmula retórica, mas como verdadeira alternativa para a humanidade é Rosa Luxemburgo. Ela literalmente inventou esta fórmula – não é de Marx nem de Engels.

Ela não só inventa esta fórmula como o argumento que utiliza nessa brochura é extremamente importante; é o argumento de que a história não está determinada. A história é um processo aberto e não se pode prever o que vai ser o futuro – não existe isso. Na história existem alternativas – meu amigo Daniel Bensaid fala em bifurcações. Acho que é este o termo. Há alternativas, sobretudo essas duas: ou a humanidade vai caminhar para o socialismo – nessa crise que ela está vivendo, que é a crise da Primeira Guerra Mundial; ou vamos assistir a uma regressão – a barbárie.

Aí está uma idéia extremamente importante: a história é aberta, a história é imprevisível. O futuro depende não só das leis da economia, das contradições do capitalismo, mas depende da ação, da consciência dos explorados, de sua vanguarda, dos militantes. Então, a ação política, a ação revolucionária ganha um papel decisivo, enquanto que antes se perguntava qual era o papel da ação. Já que é inevitável, para que a ação? Há uma frase do Plekhanov que sempre cito: “A vitória do nosso programa é tão inevitável quanto o nascimento do sol amanhã.” Ninguém vai sair na rua e se mobilizar para garantir o nascimento do sol amanhã. Para quê? Já está garantido! É a mesma coisa com o socialismo, quer dizer, a ação não é necessária, é só esperar que o fruto caia, esperar o raiar do sol do socialismo amanhã. A ação política no melhor dos casos é para empurrar, para ir mais depressa. Mas o próprio Kautsky, que era conseqüente, dizia: “Para que apressar? Não adianta apressar. As coisas têm seu ciclo; precisamos esperar amadurecer. Se você quer apressar, você provoca um aborto .”

Dessa forma, em Rosa Luxemburgo, a ação revolucionária, a ação consciente, a ação do proletariado, das massas, do partido é decisiva. É ela que vai decidir se o processo histórico vai numa direção ou no sentido contrário – para o socialismo ou para a barbárie.

Outra coisa importante é o próprio conceito de barbárie. Em uma leitura ingênua você pode dizer que é uma regressão ao passado – vamos voltar a viver no mato, como aquelas tribos bárbaras, germânicas correndo na floresta. Obviamente não é nada disso. Quando ela fala em barbárie está falando de uma barbárie moderna e diz, por exemplo: “Essa guerra mundial é um exemplo de barbárie”. Então é isso: é uma barbárie moderna e não uma regressão. Acho que infelizmente a profecia dela se realizou, houve uma tentativa de escolher, optar pelo caminho do socialismo na União Soviética – a Revolução Russa. Não deu certo na Alemanha por várias razões – você [Isabel] analisa muito bem nos seus trabalhos – e o resultado foi a barbárie fascista. A barbárie fascista é o resultado direto da derrota da revolução socialista na Alemanha, em 1918-1919. Isso abriu caminho para o fascismo, 14 anos depois. Há uma relação direta. Acho que ela previu; foi uma das poucas que teve essa intuição do que poderia acontecer – ela e Walter Benjamin.

*Isabel – Michael, continuando com a sua interpretação de Rosa, queria que você falasse sobre a importância que você dá – acho que você é o primeiro a apontar para isso*

– aos escritos publicados postumamente com o título *Introdução à economia política e ao papel das comunidades primitivas no pensamento dela*.

Rosa Luxemburgo dava um curso na escola de formação do Partido Social-Democrata Alemão antes da guerra; as notas dela para esse curso ficaram engavetadas e só foram publicadas muito mais tarde em 1925, com esse título, *Introdução à economia política*. Um marxista que lê uma introdução à economia política espera que comece com a mercadoria, com o capital, o que é o capitalismo, as contradições capitalistas. Mas ela achou que era interessante começar com as formas pré-capitalistas, o que Marx também tinha feito nos *Grundrisse*. Rosa se apaixonou tanto pelas tais formas pré-capitalistas que dois terços do livro, se não me engano, acabaram sendo sobre o comunismo primitivo. Certo, é um tema que não foi ela que inventou, havia sido desenvolvido por antropólogos do século XIX, como Morgan etc., que Marx, e sobretudo Engels em *A origem da família*, vão retomar mais tarde. Ela realmente desenvolve esta questão de uma maneira sistemática e aprofundada e você sente um interesse muito grande, uma paixão por esse comunismo primitivo. É isso que chamo do momento romântico em Rosa Luxemburgo. Por que o romantismo o que é? O romantismo não é ser idealista, é uma coisa muito precisa. O romantismo é um movimento cultural – não só na Alemanha, em toda Europa e também na América Latina – de crítica à civilização moderna capitalista em nome de uma certa revalorização do passado.

Esse romantismo pode ser regressivo, reacionário – se ele quiser voltar ao passado; mas pode ser um romantismo revolucionário que não quer voltar ao passado, mas quer dar uma volta pelo passado em direção ao futuro, à utopia futura. Esse é um tema que encontramos mesmo em Marx e Engels; obviamente, para eles o comunismo do futuro não será a mesma coisa que o comunismo primitivo, mas de certa maneira há uma dialética entre os dois. Algumas qualidades da humanidade do comunismo primitivo, que foram perdidas com o advento da propriedade privada, do Estado e da família patriarcal, desejamos recuperar no futuro – claro que numa forma nova, que corresponda aos avanços da modernidade.

Essa dialética entre passado e futuro está em Marx e Engels... Deixa só eu fazer um parêntese: Marx, por exemplo, naquelas cartas que escreveu a uma revolucionária russa chamada Vera Zasulitch, dizia: “O comunismo primitivo existe na Rússia sob a forma da comuna rural tradicional. Por que não transformar isso em ponto de partida para uma revolução social na Rússia, partir dessas tradições comunistas dos camponeses russos para construir um movimento socialista moderno, sem esperar que a Rússia passe por todas as etapas do capitalismo?”. Parece uma heterodoxia, mas está em Marx. Então fecho o parêntese.

Rosa Luxemburgo retoma essas idéias, mas de uma maneira muito mais ampla porque ela faz uma espécie de apanhado das formas do comunismo primitivo em todos os continentes. Não só na Europa, mas também nos Estados Unidos, América Latina, Ásia, África. E mostra como o desenvolvimento do capitalismo destruiu brutalmente, impiedosamente essas comunidades primitivas – não sem resistência, não sem enfrentamentos; e



*Rosa em seu apartamento, 1907*

que esse processo continua. A acumulação primitiva do capital continua e ela se dá pela destruição dessas comunidades primitivas. Ela valoriza muito as qualidades humanas dessas comunidades, das práticas coletivistas, da igualdade, solidariedade dos indivíduos.

É interessante que ela fala da América Latina, e geralmente os marxistas na época ignoravam a América Latina. Se referindo ao nosso continente, ela escreve: “A comunidade primitiva existiu na América Latina pré-colombiana, por exemplo, o comunismo inca”. Ela utiliza a forma: “comunismo inca” que serão exatamente os termos utilizados por José Carlos Mariátegui, alguns anos mais tarde. Para que ele foi falar disso? Sofreu críticas de todos os lados: “Você é um populista, você é um narodnik, você é um antimarxista. Você é, pior do que tudo, um romântico.” Como pode um marxista falar em comunismo inca? Ora, Rosa Luxemburgo também tinha usado a mesma expressão! Claro, tanto Rosa Luxemburgo como Mariátegui sabiam muito bem que esse comunismo estava associado a um estado despótico absolutista – o império inca – mas lá na base das comunidades havia uma estrutura igualitária.

No entanto Rosa Luxemburgo não só analisa economicamente este termo, mas vê nisso uma questão política atual – isso é que é apaixonante. Ela diz outra coisa: “O comunismo primitivo durou séculos, milênios. No fundo, algum dia, quando houver o comunismo moderno, vai se descobrir que a propriedade privada foi um pequeno parêntese na história da humanidade entre milênios de comunismo primitivo e depois séculos do comunismo moderno.” Essa infâmia – a propriedade privada dos meios de produção – seria um pequeno parêntese na história da humanidade.

E outra coisa interessante é a idéia de que continua havendo resistência das comunidades primitivas nos países coloniais, países hoje em dia de Terceiro Mundo, países da periferia do capitalismo. Esse enfrentamento, essa resistência ao capitalismo continua. Então por que não pensar, diz ela, em uma aliança entre o comunismo moderno marxista que se desenvolve nos países industriais e o que ainda existe como comunismo primitivo que está tentando lutar contra a agressão imperialista? Ela imagina uma ponte, uma convergência, uma aliança entre o comunismo pré-capitalista e o pós-capitalista.

Realmente é uma obra apaixonante, que tem um significado político muito forte e acho que é interessante resgatar este aspecto que realmente é pouco estudado.

*Isabel – A partir disso, você acha que ela tem atualidade como pensadora marxista para a América Latina? Podemos pensar em movimentos sociais como o zapatismo?*

Sim. Exatamente. Essa idéia de que existem tradições comunitárias que podem ser revitalizadas no contexto da luta social moderna é uma questão muito atual na América Latina. Na verdade, Mariátegui desenvolveu isso mais que Rosa Luxemburgo, aliás, ele não conhecia os textos dela. Ele desenvolveu isso e acho que é uma temática muito atual. O socialismo na América Latina tem que ser um socialismo indo-americano ou então “afro-indo-americano”, porque tem uma raiz africana também, naturalmente.

Vemos isso em Chiapas. Isso é muito importante na formulação da cultura revolucionária dos zapatistas e de outros movimentos pela América Latina afora (Bolívia, Equador, Paraguai). Pensar em socialismo na América Latina a partir dessas raízes indígenas é uma questão muito atual.

*Danilo – Até porque o novo padrão imperialista também põe na ordem do dia, atualizadas, as idéias de Rosa sobre o imperialismo. Pelo menos é o que defende David Harvey, com uma forte inspiração luxemburguista, no livro O novo imperialismo.*

Estamos assistindo a uma nova versão daquilo que Marx chamava de *enclosures*, quer dizer, tudo o que era espaço comum, coletivo, comunitário, tudo vai sendo privatizado, dividido, apropriado pela expansão do capital, pela expansão do agronegócio, pelas multinacionais imperialistas. Há um enfrentamento direto entre essa lógica expansionista, privatizadora e destruidora do capitalismo com as tradições comunitárias camponesas, indígenas etc. As análises de Rosa Luxemburgo continuam de uma atualidade surpreendente neste começo do século XXI, em particular na América Latina. Por um lado a expansão imperialista que, necessariamente se dá pela destruição das formas tradicionais pré-capitalistas – que é aquilo que Rosa Luxemburgo chamava de comunismo primitivo. E isso a gente vê constantemente através da expansão do agronegócio, da destruição das comunidades indígenas em toda a América Latina e no Brasil também. É um aspecto muito atual.

E também é atual o que ela dizia sobre a resistência das comunidades primitivas, tradicionais a essa expansão imperialista, capitalista. Se olharmos para os movimentos sociais hoje em dia na América Latina, vemos coisas bem parecidas com as intuições de Rosa Luxemburgo, como por exemplo, o Movimento Zapatista. Em Chiapas existia aquela comunidade tradicional maia, dos indígenas. Havia uma espécie de comunismo maia. Não sei se os zapatistas usam essa expressão, mas eles se referem sempre às comunidades indígenas e à tradição comunitária indígena democrática, coletivista como uma das raízes fundamentais da cultura revolucionária zapatista. Esse é um exemplo evidente. Na realidade, Mariátegui é quem tinha desenvolvido isso da maneira mais poderosa sem conhecer os textos de Rosa Luxemburgo, que só foram publicados em alemão e ele não conhecia. Foi através da sua própria análise da América Latina que ele desenvolveu essa idéia do socialismo indo-americano.

O socialismo na América Latina tem raízes milenares, porque o comunismo não é uma importação da Europa aqui nas Américas, tem sua história de séculos das civilizações pré-colombianas de tradições coletivistas, comunitárias, como forma de comunismo. E ele dizia: “O socialismo moderno vai poder se desenvolver na América Latina se apoiando nessas tradições camponesas e indígenas comunitárias.” Essa é uma base formidável para o desenvolvimento do socialismo moderno. A proposta estratégica dele era essa: o socialismo indo-americano. Hoje em dia eu diria socialismo “afro-indo-americano” para levar em conta também as raízes africanas, não é? Esse é um exemplo da atualidade latino-americana de Rosa Luxemburgo.

*Isabel – Você disse em 1995 que sempre bouve uma corrente luxemburguista subterrânea na cultura de esquerda no Brasil, e que essa corrente teria desembocado no PT. Minha pergunta é: e hoje? Essa corrente luxemburguista subterrânea ainda está no PT, ou migrou para um outro lado? Para um outro movimento?*

Quando me referi à cultura luxemburguista subterrânea no PT, eu pensava em militantes que vinham de uma tradição luxemburguista e que participaram da fundação do PT, em particular duas figuras pelas quais tenho muita admiração: uma que mencionei que é o Paul Singer, e a outra que é o Mário Pedrosa, que foi um dos primeiros a introduzir o pensamento de Rosa Luxemburgo no Brasil, a traduzir Rosa Luxemburgo. E também a corrente que ele formou depois de 1945, através do jornal *Vanguarda Socialista*, era bastante inspirada nela. Ele foi o aderente número 1 do PT.

Mas além dessas figuras que vieram da corrente luxemburguista que existiu na esquerda brasileira, acho que há uma espécie de afinidade, digamos, de algumas sensibilidades presentes no PT na sua origem, com certas idéias de Rosa Luxemburgo. São desde as correntes sindicalistas, as oposições sindicais, as comunidades de base, quer dizer, havia alguma coisa que às vezes se chamava com certo desprezo de basismo – a idéia de que a luta, o partido e o socialismo vêm de baixo; constrói-se de baixo, a partir da base. Aqui também vemos certa afinidade com as idéias de Rosa Luxemburgo.

E outra coisa é a importância da questão da democracia e da liberdade no projeto socialista do PT. Se pegarmos aquele belo texto de 1990, do socialismo petista, temos temas parecidos com Rosa Luxemburgo: que não pode existir socialismo que não seja baseado na liberdade, mas numa democracia verdadeira. E, por outro lado, que o capitalismo é intrinsecamente antidemocrático e que você não pode ter uma verdadeira democracia sem o socialismo. Essa idéia forte, que está no programa socialista do PT, encontra eco nas idéias de Rosa Luxemburgo.

Isso infelizmente foi se diluindo, se perdendo, foi sendo substituído por uma cultura de outro tipo, social-democrata reformista – hoje em dia social-liberal. No PT atual estamos a vários anos-luz de Rosa Luxemburgo. . .

Pergunto-me que movimentos hoje em dia no Brasil teriam algo que ver com as idéias de Rosa Luxemburgo. Em minha opinião é o MST. E aí concordo inteiramente com aquele bonito artigo que você [Isabel] escreveu. O MST, primeiro é um movimento social e político ao mesmo tempo; não é um partido, mas é um movimento social e político – que é uma coisa que Rosa Luxemburgo sempre defendia: não separar o social do político. É um movimento que tem uma referência muito forte em Rosa Luxemburgo, quer dizer que ela é um dos ícones do movimento e os escritos de Rosa Luxemburgo fazem parte do material de formação dos e das militantes do MST.

E também essa idéia de que o sujeito da luta é a massa, a classe, os trabalhadores sem terra; que não é só uma vanguarda que levará adiante a luta, mas que ela será de todos juntos a partir da base, o que também é uma idéia forte do MST. Sem falar da questão do projeto

socialista, que é muito importante para o MST – que é um projeto socialista democrático, libertário, sem os vezos autoritários que teve o stalinismo.

Há uma espécie de afinidade eletiva, eu diria, entre a cultura social e política do MST e algumas idéias de Rosa Luxemburgo – não necessariamente que todos tenham lido, que conheçam; não necessariamente uma relação tão direta, mas há uma afinidade. Diria que se o espírito de Rosa Luxemburgo está presente nas lutas do Brasil, é em boa parte graças ao MST.

*Daniilo – Eu queria fazer um adendo a essa questão. Acho que uma das figuras que diagnosticou bem a perda de protagonismo da classe operária decorrente da derrota do início da década de 1920 foi Guy Debord. Em A sociedade do espetáculo ele ressalta a necessidade do espaço dos conselhos operários, que de certa forma é um pouco o que o MST tenta fazer nos espaços dos acampamentos, dos assentamentos etc. – uma tradição que um partido como o PT perdeu. Eu queria que você falasse um pouco mais sobre esse espaço formativo das ocupações, dos acampamentos, do processo de teorização que se dá nessa prática, em detrimento das “torres de marfim” – sejam institucionais, políticas, acadêmicas etc.*

É interessante comparar as ocupações, assentamentos do MST com os conselhos operários. Claro, são coisas diferentes, a dinâmica é outra, mas existe uma espécie de analogia, um paralelismo que é interessante. Vale a pena pensar nesses termos porque a esquerda está muito acostumada a pensar – quando fala em luta – na fábrica, no operário de macacão e na greve na fábrica, na ocupação da fábrica e no conselho de fábrica. Não sai daí. Pensar no camponês, na ocupação da terra pelo camponês, no “conselho” camponês, no assentamento como experiência de organização direta da base é uma maneira interessante de pensar as coisas.

Efetivamente o que vejo também de Rosa Luxemburgo é essa idéia do MST que as pessoas vão se formar através de sua ação coletiva. A ocupação por um lado tem o objetivo concreto, que é ocupar uma terra e levar a luta para conseguir desapropriar o latifúndio. Mas também o MST pensa que é através da ação coletiva, da luta, da experiência que as pessoas vão se politizar, vão se conscientizar e vão se transformar em sujeito histórico.

*Isabel – E uma última coisa: se você tivesse que dar uma aula rápida sobre Rosa Luxemburgo o que você diria?*

Bom, é difícil resumir em poucas palavras o que é a riqueza do pensamento de Rosa Luxemburgo, além do que, cada pessoa destaca aspectos diferentes. Mas, para mim, eu diria o seguinte: a primeira coisa evidente é que Rosa Luxemburgo é uma pensadora revolucionária. Aquele texto clássico *Reforma ou Revolução?* explica muito bem que os marxistas, os socialistas não são contra as reformas. Claro que qualquer reforma que favoreça os trabalhadores ela apóia, os socialistas apóiam – mas sabemos que a transformação da sociedade não virá de uma progressiva acumulação de reformas: uma reforma, mais outra e pouco a pouco a gente

vai insensivelmente entrando no socialismo. Não. Não é assim. É necessário um ato revolucionário, como uma espécie de martelo que quebra o muro que é o poder político, o poder das classes dominantes – e isso exige uma ação revolucionária das classes oprimidas. Esse é o primeiro elemento a resgatar. Rosa Luxemburgo é alguém que pensa, já no começo do século XX, a revolução como questão fundamental do pensamento e da ação socialistas.

Outro aspecto que está ligado à revolução é que para Rosa Luxemburgo há uma relação íntima fundamental entre a prática, a ação da classe trabalhadora, do proletariado, e a tomada de consciência. Práxis e conscientização são dialeticamente inseparáveis. Quanto mais o explorado age, se organiza e entra em processo de luta, greve etc., mais ele se conscientiza. Quanto mais ele se conscientiza, mais ele age contra o capital e assim por diante. Há uma dialética. Eu acho muito importante essa visão que ela tem da práxis. A práxis é o motor no qual a experiência e a consciência se desenvolvem simultaneamente. Se trata de uma linha que já está presente em Marx, nas teses sobre Feuerbach, mas Rosa Luxemburgo vai desenvolver isso de maneira concreta nas suas análises políticas, por exemplo, sobre a greve geral na Polônia e na Rússia – aquela famosa brochura *Greve de massas, partido e sindicatos*. Encontramos aí essa idéia, que acho muito importante, que é a dialética entre experiência prática, ação e consciência.

Muito relacionado com isso vem a famosa questão da democracia e da liberdade. A classe explorada, os trabalhadores, só vão conseguir se transformar em sujeito histórico através da sua própria ação, da sua própria experiência. Nenhuma vanguarda, nenhuma elite revolucionária pode substituir a ação das próprias massas, dos próprios trabalhadores, da própria classe. Daí a crítica que ela faz a todas as concepções vanguardistas, substitucionistas, em que a vanguarda se propõe a fazer a revolução no lugar dos trabalhadores, ou instaurar o socialismo e exercer o poder em nome do proletariado.

Ela criticava isso e já criticava antes da guerra – a polêmica com Lênin em 1904 – mas a questão será desenvolvida sobretudo naquela famosa brochura sobre a Revolução Russa, que é um dos grandes documentos políticos do século XX. Escrita na prisão, em 1918, ela começa se solidarizando com a Revolução Russa. É importante frisar isto – é a primeira coisa, não é? Ela dá seu apoio entusiasta aos bolcheviques, escrevendo: “Os bolcheviques salvaram a honra do socialismo internacional, enquanto que os outros socialistas participaram na guerra imperialista, cada um apoiando o seu governo. Os daqui na Alemanha apoiaram o Kaiser; os de lá, na Rússia, apoiaram o Czar, os outros apoiaram a República capitalista francesa colonialista.”

Então quem salvou a honra do socialismo internacional? Foram os bolcheviques, que não só recusaram a guerra, mas tiveram a coragem de fazer uma revolução e tentar começar um processo de transição ao socialismo. Esse é um primeiro elemento. Ao mesmo tempo é um apoio que é crítico. Ela critica de maneira bem clara, bem explícita o que acha que são erros dos dirigentes bolcheviques, de Lênin e Trotsky, que ela conhecia bem pessoalmente – já tinha militado junto com eles, discutido. Eram os camaradas Lênin e Trotsky que estavam cometendo, na opinião dela, um erro grave porque eles, em nome da ditadura do proletariado, estão impondo a

ditadura do partido. E estão esvaziando os sovietes, os conselhos operários e camponeses de seu significado democrático, porque estão virando sovietes de um só partido. E estão restringindo as liberdades democráticas. É aí que ela tem aquela famosa frase: “Sem liberdades democráticas nós não podemos falar de um processo de construção do socialismo.” A democracia é inerente ao próprio conceito de socialismo. Socialismo é o exercício, pelos trabalhadores, do seu poder sobre a economia, a sociedade, a política. Esse é o sentido do socialismo. É um texto fundamental, de uma revolucionária internacionalista, anti-capitalista, intransigente, mas para a qual a democracia e as liberdades são componentes essenciais do socialismo.

E uma última contribuição seria a seguinte. A revolução foi derrotada em 1919, possibilidade que Rosa Luxemburgo tinha previsto naquela brochura de 1915 que ela escreveu na prisão, *A crise da social-democracia*, assinada com o pseudônimo Junius, na qual ela coloca a fórmula “socialismo ou barbárie”. Quer dizer, a história não está predestinada, a vitória do socialismo não é inevitável, podemos ser derrotados. E a derrota do socialismo cria a possibilidade da barbárie. É uma afirmação muito forte e muito importante. Tem um significado metodológico fundamental contra as visões deterministas, economicistas que predominaram no marxismo da II e até da própria III Internacional. Essa colocação de Rosa Luxemburgo é decisiva e na realidade a previsão ou a profecia dela se realizou. A derrota do socialismo na Alemanha em 1919-1920 abriu o caminho para a barbárie fascista, que tomou o poder em 1933 e levou a um processo monstruoso em toda a Europa e no mundo inteiro com a Segunda Guerra Mundial. Aconteceu exatamente aquilo que Rosa Luxemburgo tinha previsto com essa alternativa “socialismo ou barbárie”.

Acho que nós temos – como revolucionárias e como marxistas – que estudar Marx, Engels, Rosa Luxemburgo. Também Lênin, Trotsky, Gramsci, Lukács, Benjamin, José Carlos Mariátegui – esses grandes pensadores. Mas também não devemos achar que eles têm respostas para tudo. Rosa Luxemburgo, que eu admiro enormemente, não tem resposta para todos os nossos problemas do começo do séc. XXI; para dar um exemplo: a questão ecológica. Rosa Luxemburgo tinha uma relação especial com a natureza, bastante rara entre os marxistas de sua época, mas não tinha uma reflexão teórica sobre a questão da ecologia. E hoje em dia não dá para pensar no socialismo sem pensar na questão da destruição acelerada do meio ambiente pelo capitalismo, da catástrofe que está se preparando em forma de aquecimento global; aí já não é nem mesmo a barbárie, já é uma coisa talvez pior que seria um perigo para própria sobrevivência da espécie humana. Hoje em dia não se pode pensar um socialismo que não seja socialismo ecológico, ou eco-socialismo. A nossa crítica do capitalismo é também, fundamentalmente, a crítica do caráter predatório, destruidor da natureza e do meio ambiente, em última análise, anti-humano, porque a destruição da natureza é a destruição da própria humanidade.

*Danilo – Obrigado, Michael. Obrigado pela paciência.*

Obrigado vocês.





Max Beckmann, Paul Levi, 1918

## ANGELA MENDES DE ALMEIDA\*

Danilo – *Quais são as obras e frases de Rosa Luxemburgo que mais influenciaram você?*

Como todo grande escritor e todo grande teórico, Rosa Luxemburgo tem uma obra muito vasta, que cobre vários temas, escritos em diversos períodos, marcados por diferentes episódios históricos. E é sempre uma obra que está polemizando com alguém, a começar pela primeira mais famosa, que é *Reforma social ou revolução?*, de 1899, uma das respostas do marxismo ortodoxo ao revisionismo de Bernstein, colocado pelo seu livro de 1898, *Problemas do socialismo*.

Existem muitas frases de Rosa que são citadas frequentemente, tanto de suas cartas de amor, quanto de suas obras políticas, e entre estas a que vejo mais amigável, e das que mais me agrada, é a do artigo de crítica à Revolução Russa, escrito em novembro de 1918, mas publicado apenas em 1922, criticando, entre outros pontos, a dissolução pelos bolcheviques da Assembléia Constituinte: “A liberdade apenas para os partidários do governo, apenas para os membros de um partido – por mais numerosos que sejam eles – não é liberdade. A liberdade é sempre, no mínimo, a liberdade daquele que pensa diferentemente”<sup>1</sup>.

Entretanto, como é uma obra muito vasta, cada pessoa faz um determinado recorte. O que eu faço tem a ver sobretudo com a batalha que ela travou com alguns pontos de vista do bolchevismo de Lênin, em dois momentos: 1903 e 1918. Embora não tenha sido um combate marcante em sua vida, a questão assumirá uma enorme importância depois de sua morte para os comunistas alemães luxemburguistas lutando contra as diretrizes centralizadoras da Internacional Comunista.

Nesse recorte destaco, em primeiro lugar, o artigo “Questões de organização da social-democracia russa”, escrito em 1904, para criticar o famoso livro de Lênin, *Um passo adiante e dois atrás*, de 1903, no qual, no seguimento do *Que fazer?* (1902), é construída uma teoria de organização do partido de vanguarda, cujo eixo fundamental é a separação rígida entre os militantes e a massa. Essa teoria partia do pressuposto de que as massas ainda estavam sob o domínio do reformismo, lideradas por políticos burgueses e pequeno-burgueses, ainda não tinham a consciência socialista correspondente à que tinham os militantes.

\* Historiadora; Professora aposentada da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro; Coordenadora do site Observatório das Violências Policiais - SP, do Centro de Estudos de História da América Latina (CEHAL) da PUC/SP.

<sup>1</sup> Rosa Luxemburg. *La révolution russe*. In: *Oeuvres II – Écrits politiques (1917-1918)*. Paris: Maspéro, 1971, p.79-88. Como se sabe, esse artigo crítico, escrito na prisão, não foi publicado na época, com a anuência de Rosa Luxemburgo. Depois de sua morte e em seguida a graves divergências dentro do Partido Comunista Alemão (KPD) e com a Internacional Comunista, Paul Levi, aquele que fora seu advogado e companheiro, publicou a íntegra do texto, o que desencadeou a fúria de Lênin.

A essa questão Rosa responde com uma teorização diferente sobre a presença do reformismo nas massas. Para ela isso não corresponde à presença da influência de pequeno-burgueses ou a uma suposta traição de classe, e sim a um estágio da consciência proletária inerente à essência da luta socialista. Enquanto os objetivos dessa luta estão além do sistema, é “na luta cotidiana com a ordem estabelecida, isto é, dentro dos limites desta ordem”, que as massas podem se fortalecer e se organizar.

“Por um lado, as massas do povo, por outro, um objetivo colocado para além da ordem social existente: de um lado a luta cotidiana, e de outro, a revolução, tais são os termos da contradição dialética em que se move o movimento socialista. Resulta daí que ele deve avançar entre dois escolhos, evitando-os incessantemente: um é a perda do seu caráter de massas, o outro, a renúncia ao objetivo final; a recaída no estado de uma seita ou a transformação num movimento de reformas burguesas. Eis porque é uma ilusão contrária aos ensinamentos da história pretender fixar, de uma vez por todas, a direção revolucionária da luta socialista e garantir para sempre o movimento operário contra todo desvio oportunista.” Por isso o oportunismo deve ser considerado como “um produto do movimento operário e como uma fase inevitável do seu desenvolvimento histórico”<sup>2</sup>

É interessante notar que, sendo membro do Partido Social-Democrata Alemão no momento em que escreve, ela não fala de partido, e sim de “movimento operário”. Estas colocações irão ser retomadas mais tarde, já no contexto de dominação da corrente bolchevique sobre os comunistas, depois da Revolução Russa, e combinadas com novas questões. Daí que esta frase constitui um marco para mim.

A segunda frase que eu destaco está na obra que é um de seus últimos escritos – a proposta de programa para a Liga Spartakus – apresentada no congresso que vai dar nascimento ao Partido Comunista Alemão, na passagem de 1918 para 1919, entre os dias 31 de dezembro e 1º de janeiro. O texto passa a ser conhecido como programa do partido, embora ela fosse contra a fundação de um novo partido comunista, daí o seu título, “O que pretende a Liga Spartakus?” E ela afirma em um dado momento – para mim uma das frases mais marcantes: “Se Spartakus se apoderar do poder será apenas sob a forma da vontade clara, indubitável, da grande maioria das massas proletárias de toda a Alemanha e apenas enquanto força de sua consciente adesão às perspectivas, aos objetivos e aos métodos de luta propagados pela Liga Spartakus.”<sup>3</sup>

Ora, se combinamos essa frase com a sua crítica à dissolução da Assembléia Constituinte na Rússia, país em que a classe operária constituía uma minoria da população, fica claro que a expressão “maioria das massas proletárias de toda a Alemanha” tem um sentido bem preciso. Quer dizer “maioria da população da nação alemã”. Pois a Alemanha – do fim

do século XIX e do início do século XX, até a Segunda Guerra Mundial – é o único país onde se realizou aquela expectativa de Marx, de que a classe operária crescesse e se tornasse a maioria da população, vindo o seu destino a se confundir com o destino da humanidade. Lá os operários fabris constituíam, já no começo do século, em 1907, 44% do total da população. Acrescentando-se a eles os ferroviários, os empregados de serviços, de transportes urbanos, o resto do proletariado, a cifra chegava a 68%, quase 70% da população. Então ela estava se referindo, ao falar massas proletárias da Alemanha, à maioria da população da Alemanha.

*Danilo – Gostaria de fazer um complemento a essa primeira questão. A posição que você mencionou também está relacionada e, de certa forma, é conflitante com o impacto que Rosa sofreu em relação à reação da população alemã diante da guerra: a adesão de boa parte das massas ao nacionalismo, exatamente naquele período da Primeira Guerra Mundial. Em que medida você acha que esse impacto profundo só reforçou a impressão dela de que havia uma necessidade de conscientização maciça?*

Você é historiador. Eu também e por minha parte trabalhei esse período quase ano a ano. Então você, como historiador, ponha-se naquele período e veja bem: o impacto a que você se refere foi em 1914. Depois disso passaram-se os anos da guerra, a Revolução Russa, a derrota alemã na guerra... Quando ela faz essa afirmação, a guerra já tinha acabado. E ela está dizendo isso diante da situação da revolução alemã de 1918, revolução que no seu início, em novembro, forma rapidamente o governo operário dos seis comissários, três social-democratas independentes (partido dentro do qual se encontrava a Liga Spartakus) e três da social-democracia. Mais adiante, depois da data desse seu discurso, em 19 de janeiro de 1919, realizam-se as eleições para a Assembléia Constituinte, e o enorme peso que a social-democracia ainda conservava fica evidente: 11,5 milhões de votos contra apenas 2,3 milhões para os social-democratas independentes. O governo operário formado no calor da revolução perdeu o sentido e a força. Foi então formado o governo social-democrata nas bases tradicionais do processo eleitoral, que depois irá adotar as instituições que constituirão a República de Weimar.

Vários autores afirmam que a social-democracia na Alemanha era quase que um modo de vida desses proletários. Ela tinha lutado no século XIX contra as leis do Império, extremamente reacionárias, inclusive em relação ao voto, tinha transformado o proletariado em sujeito da cena política alemã. Era esse proletariado que tinha aderido à guerra, tinha sofrido a guerra em sua carne, já tinha feito a revolução, uma revolução que põe o ponto final na guerra.

Portanto Rosa está dizendo isso na passagem de dezembro de 1918 para janeiro de 1919. Ela já tinha deglutido todo esse impacto nacionalista. Diante dela está a situação de existência daqueles dois partidos majoritários da classe proletária alemã, porque o Partido Comunista que está nascendo naquele congresso é praticamente um grupúsculo unindo a Liga Spartakus e os comunistas internacionalistas (IKD).

<sup>2</sup> Rosa Luxemburgo. Questões de organização da social-democracia russa. In: *Rosa Luxemburgo, viva!* – Antologia. Lisboa: s.ed., 1972.

<sup>3</sup> Rosa Luxemburgo, “O que pretende a Liga Spartakus?”, in: *Reforma social ou revolução?*, Lisboa, Publicações Escorpão, 1975.

*Danilo – No filme da Margarethe von Trotta, há um diálogo entre Rosa e Leo Jogiches, em que é referido um espírito de rebeldia do Leste que poderia ser trazido para a Europa Central...*

Eu acho que essa frase, referente a trazer o espírito de rebeldia do Leste, não tem tanto peso assim nas formulações de Rosa Luxemburgo, e muito menos dentro da problemática que estou relatando. Acho que ela tem peso como espírito da revolução, que é o espírito da revolução de 1905, na Rússia. Isso vai se refletir no seu texto *Greve de massas, partido e sindicatos*. Logo após a revolução russa de 1905 esse espírito mais rebelde e menos preso à rigidez da organização social-democrata faz falta na Alemanha.

Mas no recorte que eu estou fazendo, essa questão do espírito de rebeldia do Leste não se coloca. Nesse momento posterior à guerra e à Revolução Russa de 1917, os que têm rigidez de organização e de linha teórica são justamente os do Leste, ou seja, os comunistas e suas teses baseadas no bolchevismo russo.

*Danilo – Como foi a batalha dos luxemburguistas alemães contra a influência centralizadora dos bolcheviques na Internacional Comunista, desde o seu início?*

Depois da revolução de outubro de 1917 – que gera um enorme entusiasmo inclusive em Rosa Luxemburgo, que nesse momento estava presa –, o que era colocado pelos bolcheviques e por Lênin, em primeiro lugar, era a tarefa de fazer uma nova Internacional. O Primeiro Congresso da Internacional Comunista não passou de uma reunião bastante improvisada e longa. Alguns documentos desse congresso têm a data de janeiro, outros de março. O delegado alemão, Eberlein, já tinha deixado a Alemanha na data da fundação do Partido Comunista Alemão e levava instruções de Rosa Luxemburgo e da Liga Spartakus para não aprovar a criação de uma nova Internacional, consigna que não pôde levar adiante por estar em completa minoria. Os dois acontecimentos, portanto, dão-se quase em paralelo, mas não havia nem as comunicações, nem os transportes hoje existentes. Então eles não influenciaram diretamente um ao outro. Pela mesma ordem de razões, Rosa era contrária à criação do Partido Comunista na Alemanha, mas cedeu às pressões e acabou se entusiasmando com a combatividade dos delegados.

O Segundo Congresso da Internacional Comunista, que marca realmente o seu início – já em 1920 –, começa, na minha opinião, extremamente mal. Existe uma idéia, muito disseminada entre quase todos os grupos trotskistas e outros setores, de que a Internacional Comunista degenerou no período stalinista, porém teria sido excelente no período dos quatro primeiros congressos (1919-1922). Esta não é a minha opinião. É claro que ela degenerou, mas ela já tinha começado mal. O seu documento inicial – que é uma proposta de Lênin, conhecido como *As 21 condições de adesão à Internacional Comunista* – propõe nada menos que o seguinte: que aqueles socialistas ou social-democratas europeus que quissem

aderir à Internacional Comunista expulsassem todos os reformistas dos seus partidos social-democratas, para transformá-los depois em partidos comunistas. Além disso deviam expulsar também aqueles que não concordassem com a expulsão dos reformistas, ou seja, expulsar os chamados “centristas”. E caso expulsando todos, ficassem em minoria, como aconteceu na Itália, por exemplo, deviam fazer uma cisão, criando outro partido. E o documento ainda especificava: “A Internacional Comunista exige imperativamente e sem discussão esta ruptura, que deve ser realizada no prazo mais breve”<sup>4</sup>.

Esse primeiro passo, com seus imperativos peremptórios, teve um impacto considerado em seguida catastrófico, sobretudo na Alemanha, mas em outros países também. E foi a partir da avaliação desse impacto, que trazia na sua formulação toda a história do bolchevismo – que é predominantemente uma história de cisão, de fração, de expulsão –, que vai se formar aquilo que eu chamaria de uma tendência luxemburguista. Durante as diversas batalhas que foram travadas sobretudo na Alemanha, os que participaram dessa tendência não se autodenominavam propriamente luxemburguistas. Eles apenas foram pescar nas diversas formulações de Rosa Luxemburgo, sobretudo as acima citadas, a inspiração para a política que defendiam contra as orientações baixadas pela Internacional Comunista.

Antes de continuar, é preciso dizer que a Alemanha era o ponto central de formulação da tática e da estratégia da Internacional Comunista durante esses anos, porque todos supunham que era esse país, onde a classe operária e o proletariado constituíam a maioria da população, que daria o próximo passo da revolução. Lênin havia dito que a Rússia era o elo mais fraco, por isso aí se tinha dado o primeiro passo da revolução socialista. Mas todos consideravam agora que o elo mais forte, a Alemanha, desencadearia uma revolução mundial em um patamar mais elevado.

Acontece que a sociedade alemã tinha uma estrutura social, uma história e classes que a diferenciavam profundamente da Rússia e a tentativa da Internacional Comunista de repetir na Alemanha os passos dos bolcheviques na Rússia revelou-se um desastre. Uma série de acontecimentos na nação alemã levou militantes comunistas alemães a se inspirarem em Rosa Luxemburgo.

Em março de 1920, uma tentativa de golpe direitista liderada por Kapp, membro do Partido Nacional Alemão (uma espécie de pré-nazismo), apoiado no general von Lüttwitz, tentou derrubar o governo da social-democracia. Os dirigentes social-democratas Ebert e Noske fugiram. Os operários e a população se organizaram para resistir, com greve e mobilizações. Colocou-se novamente em tela a hipótese de um “governo operário”, para além do resultado dos votos. E os comunistas alemães, inspirados justamente nessas idéias da Rosa Luxemburgo, propõem o que foi chamado depois de “declaração de oposição leal”, que seria mais ou menos o seguinte: defendemos o seu governo contra a ultra-direita, mas vocês têm que conceder algumas reivindicações à classe ope-

<sup>4</sup> *Manifestes, thèses et résolutions des Quatres Premiers Congrès mondiaux de l'Internationale Communiste (1919-1922), “Conditions d'admission des Partis dans l'Internationale Communiste”. Paris: Maspero, 1975, p.40-41.*

rária. E aí propunham um conjunto de reivindicações que ultrapassavam o estágio de concessões já obtidas, e congregavam os operários. Foi esta a primeira inspiração das reivindicações de transição, inspirada no texto de Rosa, de 1904, acima referido. O golpe foi debelado mas os comunistas não tiveram peso para impor suas idéias.

Podiam continuar a seguir esta linha, porém, em março de 1921, foram atropelados por um movimento em sentido contrário, vindo diretamente da Rússia e da inspiração bolchevique. Uma nova eleição tinha colocado os social-democratas fora do governo alemão, agora chefiado pelo centro-direita. A polícia reprimia os social-democratas em distritos que eles governavam. Isso foi o pretexto para que alguns dirigentes da Internacional Comunista chegassem à Alemanha com a proposta pronta de fazer uma insurreição, nos moldes da Revolução de Outubro. Tal proposta estava baseada em alguns textos individuais divulgados anteriormente, que depois foram denominados de uma “teoria da insurreição”. Outro argumento para essa infeliz iniciativa foi a necessidade de romper com o isolamento em que se encontrava a União Soviética. Passando por cima da direção comunista alemã, fizeram então uma desastrada tentativa de insurreição, que constituiu um fracasso total e ficou conhecida no movimento comunista como a “ação de março”. O Partido Comunista Alemão já havia conseguido, em um ano, ganhar muitos militantes; tinha nesse momento cerca de 500 mil. Com essa iniciativa aventureira perde cerca de 200 mil militantes; há uma enorme repressão, muitos ficam na clandestinidade, e Paul Levi critica abertamente essa linha putchista, atribuindo-a à Internacional Comunista. Ele é expulso, junto com outros dirigentes. Lênin, que concordou com o conteúdo de sua crítica, porém não com a forma, e que apreciava Paul Levi, considerou que ele precisava de um tempo fora do partido para purgar sua culpa<sup>5</sup>.

Apesar dessas expulsões, a repercussão negativa da “ação de março” continuou a produzir efeitos que iam na direção das idéias luxemburguistas. Em 1921, no Terceiro Congresso da Internacional Comunista, inspirados justamente nessas idéias, outros militantes alemães – que não eram da mesma posição de origem luxemburguista, mas que lentamente foram aderindo a ela – propõem a “frente única operária”. Quer dizer, a “frente única operária”, naquelas condições alemãs, olhando para a Alemanha. A proposta previa que em determinados momentos, sob o impacto de determinadas situações, era possível propor uma frente. Com quem? Com os partidos reformistas, com aqueles mesmos que os bolcheviques e Lênin chamavam de traidores da classe operária; e também com os social-democratas independentes que seriam os tais centristas. Essa proposta de “frente única operária” é aprovada, porém em um texto cheio de ambigüidades, no qual, para ganhar uma maioria recalcitrante às frentes em geral, foi preciso que os líderes bolcheviques que a apoiavam sugerissem que ela estava baseada na história e na prática do bolchevismo e omitissem sua origem alemã.

*Danilo – Com anarquistas também, ou não?*

Não, não se falava de anarquistas. Os anarquistas, aliás, quase não tinham peso na Ale-

manha. E toda essa política está centrada nas condições sociais da Alemanha, diante daquelas classes sociais e daqueles partidos. Claro que ela tinha também incidência sobre outros países da Europa central.

No Quarto Congresso da Internacional Comunista, já em 1922, outro passo é tomado nessa direção: a proposta de um “governo operário”. Considerava-se que, em certas condições de efervescência, em que esse proletariado, que constituía a maioria da população, se mobilizasse, podia-se aplicar essa palavra de ordem. Isso porque a situação na Alemanha, nesses primeiros anos depois de 1918, era terrível e de grande instabilidade. E isso também porque nessas circunstâncias, sentia-se que o proletariado estava disposto a propor um governo operário do tipo daquele que havia existido durante a revolução de novembro de 1918 e que havia durado muito pouco tempo. Ou seja, um governo de todos os partidos operários, inclusive os reformistas e os centristas, mas sobre a base de um programa que desse um passo adiante, um passo que abalasse o sistema. É a idéia das reivindicações de transição que está subjacente a essa proposta.

Então essa política dos Terceiro e Quarto Congressos da Internacional Comunista – de uma “frente única operária” e de um “governo operário” – é adotada pelos comunistas, mas é adotada, eu diria que, quase à força e a contragosto – tanto em 1921 quanto em 1922. À força e a contragosto no seguinte sentido: três russos, três bolcheviques, embora não tenham admitido as críticas de Paul Levi e tenham mantido sua expulsão, apóiam essa política e apóiam as críticas à “ação de março”. E esses três são de um peso incomensurável: Trotsky, Lênin e Kamenev. E apesar de a maioria dos outros delegados ainda estar atenta com a “teoria da insurreição” inspirada na experiência russa de 1917, acabam apoiando uma tática que lhe era contrária, a “frente única operária”.

Para conseguir esse apoio dos delegados aos quais repugnava a frente com os “traidores” da classe operária, e por outras formas de oportunismo já entronizadas na prática política, o que fazem os bolcheviques russos? Em vez de apresentarem essa tática da frente única como uma posição que vem da Alemanha, da experiência alemã, apresentam – isso está nas teses – como uma prática que vem da experiência dos bolcheviques: falam de uniões e acordos que eles teriam feito com os mencheviques, etc., e que a história mostra que não duraram e nem eram para valer. Ou seja, esta é uma das primeiras incoerências que aparecem na história do comunismo e que depois ninguém entende. Uma sucessão de camadas de mentiras que, na era stalinista foram conformando uma política inexplicável, com ares de falsidade maquiavélica. Na verdade foi uma concessão que esses bolcheviques, que eram críticos à teoria da insurreição nas condições alemãs e européias do pós-guerra e à “ação de março”, fizeram para obter o apoio para a “nova tática”. Mas também foi uma espécie de oportunismo, que iria pesar muito fortemente em seguida.

Outra coisa bastante importante é a seguinte: desde o começo, particularmente entre 1922 e 1923, já começa a aparecer de uma maneira muito constante a idéia de que a URSS está

<sup>5</sup> Clara Zetkin. Recuerdos sobre Lenin. Barcelona: Grijalbo, 1975.



Conferência da II Internacional em Stuttgart, 1907. 1 Rosa Luxemburgo 2 Leon Trotsky

isolada e que precisa de um apoio, de uma revolução que a apóie. No esquema mental dos soviéticos, a França, a Inglaterra e os Estados Unidos eram o imperialismo a temer e a social-democracia tinha uma tradição atlantista verificável. Por isso a diplomacia da URSS faz uma série de contatos – e depois vai haver mais tarde até ações políticas – com a extrema-direita da Alemanha, com os pré-nazistas e os oriundos do aparelho imperial alemão, porque eles também eram contra os Aliados que humilharam a Alemanha com o Tratado de Versalhes. Assim, ao mesmo tempo que se pensava o fim do isolamento da URSS por uma via revolucionária, também se pensava, pela via comercial e política, nos contatos com a ultra-direita alemã, por sua vez.

Essas ambigüidades em relação à “frente única operária” e essa idéia de que era bom que a Alemanha se tornasse comunista para tirar a URSS do isolamento vão ter uma incidência dramática no ano de 1923, crucial para a Alemanha. Ano terrível, pico da maior crise alemã, com a invasão pelos franceses do Vale do Ruhr para cobrar in loco o pagamento das dívidas do Tratado de Versalhes, com a inflação galopante e incontrolável. Aí, sim, houve um momento revolucionário. Mas na primeira parte do ano os comunistas alemães, sob a influência de um enviado da Internacional Comunista, Radek, estavam distraídos em apoiar os nacionalistas de direita que protestavam contra a invasão francesa no Ruhr, aplicando aquilo que foi denominado depois de “linha Schlageter”. É preciso lembrar que desde Lênin a Alemanha derrotada era vista, por vezes, como uma “colônia”.

Quando se dão conta da efervescência revolucionária, na greve geral de agosto, decidem discutir em Moscou a revolução, a insurreição e a sua data, e o fazem durante seis semanas. Mas o momento revolucionário começa a refluir em setembro, com a subida de Stresemann ao governo. Quando em outubro, o dirigente comunista alemão, Brandler, em assembléia geral das diversas tendências operárias, propõe nova greve geral com vistas à insurreição, os partidários da social-democracia recusam. Posteriormente isso veio a ser denominado “a traição de Brandler”. O livro de Pierre Broué sobre a revolução na Alemanha descreve bem detalhadamente essa questão cronológica<sup>6</sup>. A posição aplicada e derrotada vai fortalecer a recusa da “frente única operária” e do “governo operário”. E a “frente única” começa a ser desnaturada, ridicularizada, conservada formalmente, porém transformada em uma coisa completamente oposta a ela, um simulacro de frente.

Em 1924, no V Congresso da Internacional Comunista, Lênin já tinha morrido e tudo estava em sintonia com a luta contra Trotsky, levada a cabo pela tróica Stalin, Zinoviev e Kamenev. A partir desse momento, falar nessas idéias de “frente única” e de reivindicação de transição, que estavam inspiradas nas obras de Rosa Luxemburgo, e mesmo falar nela, era quase que uma heresia. E assim permaneceu durante todo o período de vida de Stalin. Salvo na República Democrática Alemã, onde Rosa Luxemburgo, como mostra o texto de Jörn

<sup>6</sup> Pierre Broué. *Révolution en Allemagne (1917-1923)*. Paris: Les Editions de Minuit, 1971.

Schütrumpf, “‘depurada’ de sua obra, era útil para eles – como ícone mudo<sup>7</sup>.” Aí ela sempre foi reverenciada por ter sido assassinada pelas forças dos corpos francos, da extrema-direita militarista alemã, com a permissão do governo social-democrata de Noske. Também foi muito lembrada por suas cartas de amor. Porém as obras políticas dela, sobretudo estas batalhas acima referidas, ficaram para trás.

*Danilo – Quer dizer que as reivindicações de transição não começaram com Trotsky e nem com os bolcheviques?*

De fato, a questão da idéia de um programa de transição, que se inicia como reivindicações de transição relativas a um acontecimento político de crise em uma determinada situação nacional, não começou com Trotsky. Ele tem alguns méritos nessa batalha, como eu já disse antes, por ser um dos três bolcheviques russos – os outros dois foram Lênin e Kamenev – que desde o primeiro momento, entre 1921 e 1922, desde o Terceiro Congresso da Internacional Comunista percebeu que aquela “teoria da insurreição”, da tomada do poder planejada e extemporânea, era inviável na Alemanha e possivelmente em toda a Europa central. E que diante do fato de o Partido Comunista Alemão – apesar de já ter crescido – ainda ser um grupo absolutamente minoritário na classe operária alemã, num país em que o proletariado constituía a maioria da população, essa teoria de tomada do poder pela insurreição previamente planejada, um “assalto” ao poder, não funcionaria. Percebeu também a necessidade da “frente única operária” com aqueles partidos que haviam “traído” a classe operária mas que mantinham sua liderança sobre um vasto proletariado.

Além disso Trotsky tem um texto extremamente interessante e didático, escrito justamente em 1922, chamado “A Frente Única”<sup>8</sup>, em que procura convencer os outros comunistas da razão pela qual a “frente única operária” é uma tática correta. Nele ele incorpora essa idéia de que é preciso propor algo que seja do interesse das massas proletárias e, ao mesmo tempo, abale as estruturas do poder, sem ser ainda a tomada do poder.

Mais tarde, em outras condições completamente diferentes, em 1938, ele vai escrever o Programa de Transição que virá a ser o programa da Quarta Internacional, por ele fundada. É preciso ressaltar a diferença abissal da situação: a um observador distraído, pode parecer que o entre-guerras é um período homogêneo. No entanto, entre 1922, período em que Trotsky era ainda um dos líderes do partido bolchevique no poder na União Soviética, e 1938, quando ele escreve esse texto, não apenas tinha sido completamente alterada a sua situação – de líder de um Estado a um banido e perseguido em todos os continentes, que dois anos depois seria

assassinado pelos agentes stalinistas – como haviam se alterado as condições objetivas: a URSS estava completamente dominada por Stalin, todos os outros líderes bolcheviques estavam sendo processados em vergonhosos rituais de tribunal que os conduziram à morte, a Alemanha estava dominada pelo nazismo de Hitler, a Segunda Guerra Mundial estava batendo à porta.

O Programa de Transição escrito por Trotsky em 1938 é muito vasto, contém algumas reivindicações que podem ser consideradas de transição e outras que, para usar uma terminologia do fim do século XIX, podem ser consideradas reivindicações maximalistas, que já correspondem à passagem a um outro sistema, à superação do capitalismo. Além disso, a idéia das reivindicações de transição, tal como esses luxemburguistas alemães haviam pensado, está voltada para uma situação conjuntural de crise em uma determinada formação social, para um conjunto de classes sociais e de tendências políticas, historicamente construídas, no âmbito de uma nação. Em contrapartida, Trotsky pensou o programa num âmbito internacional. Claro, ele estava diante de um acontecimento que todos previam que ia acontecer, a Segunda Guerra Mundial. E formulou pensando no capitalismo em sua generalidade, incluindo classes e estruturas sociais, bem como histórias nacionais bem diferenciadas. E como estava no México, tinha um enorme contato com os trotskistas americanos, que vinham lhe trazer informações e colocar-lhe questões advindas da problemática do movimento operário americano. Foram publicadas uma série de discussões que ele travou com militantes que trazem os problemas dos Estados Unidos. Há até textos dele, contemporâneos do Programa de Transição, em que ele está raciocinando sobre a base do que fará a classe operária americana diante dos problemas que a guerra trará. Ele reconhece um enorme atraso de consciência, mas do ponto de vista da evolução objetiva das forças produtivas, seria o país mais maduro naquele momento. Então há, digamos assim, uma modificação radical no contexto em que ele escreve, em relação ao surgimento da idéia das reivindicações de transição. E considero que o primeiro texto de Rosa Luxemburgo que citei, de 1904, é o que mostra melhor a base dessa idéia do que seria uma reivindicação de transição.

*Danilo – Voltando um pouco ao período entre 1919 e 1924, queria que você falasse um pouco mais, se possível, sobre a questão do internacionalismo de Rosa e dos luxemburguistas. Como se posicionam os luxemburguistas em relação à questão da revolução mundial a partir da morte de Rosa e, sobretudo, como se posicionam essas correntes mais ligadas ao bolchevismo, a Trotsky?*

O internacionalismo, nesse período, não estava em questão. Passado aquele interregno da guerra de 1914-1918, existia a Internacional Socialista dos social-democratas, existia uma Internacional intermediária, que foi denominada pejorativamente pelos comunistas de Dois e Meio (eram os supostos centristas, social-democratas de esquerda concentrados na Áustria, que ainda queriam ter relações com os comunistas), e existia a Internacional Comunista, a Terceira Internacional.

7 Entre o amor e a cólera: Rosa Luxemburg. In: Jörn Schütrumpf (org.). *Rosa Luxemburg ou o preço da liberdade*. São Paulo: Expressão Popular/Fundação Rosa Luxemburg, 2006, p. 54.

8 Le Front Unique. In: Léon Trotsky. *Classe ouvrière, parti et syndicat*. Classique Rouge 4. Paris: Maspero, 1973, p.13-29.



Rosa prisioneira em Varsóvia, 1906

Nesse período, entre 1919 e 1924 o internacionalismo não estava sendo posto em causa. O que começa a ser posto como problema são, desde o início, as contradições e, ao mesmo tempo, as interligações entre os ideais da militância comunista orientada pela Terceira Internacional e os interesses do Estado soviético. Quer dizer, os bolcheviques, que eram a direção da Internacional Comunista, eram, ao mesmo tempo, a direção do Estado soviético. Assim as contradições entre as atividades da diplomacia soviética e os ideais da revolução mundial começam a aparecer e vão ficar aberrantemente evidentes, mais tarde, no período stalinista. Basta lembrar, por exemplo, o pacto de não-agressão entre Stalin e Hitler, firmado em 1939, às vésperas do início da guerra. Mas já existiam tratados com diversos países, entre eles o famoso Tratado de Rapallo, firmado com a Alemanha em abril de 1922 e que mais de uma vez se interpôs entre comunistas alemães e russos.

Existiam interesses comerciais importantes da URSS em relação à Alemanha. E os bolcheviques se relacionavam melhor exatamente com a direita alemã, porque a esquerda alemã, ou seja, a social-democracia, era atlantista, era totalmente voltada para a Inglaterra, a França e os Estados Unidos, como sempre foi e continua sendo. Então existia um problema de geopolítica que iria interferir diretamente, por exemplo, na formulação da “teoria da insurreição”, uma tomada do poder rápida, destinada a acabar com o isolamento da URSS.

Evidentemente, não só os membros da Liga Spartakus que são assassinados – Rosa Luxemburgo, Karl Liebknecht e Leo Jogiches, bem como Franz Mehring, que morre logo no início de 1919 – eram internacionalistas, é claro, mas os que lhes sucederam também vão ser. Entretanto o problema que se colocava era o seguinte: se todos consideravam que era na Alemanha que se encontrava a situação social que permitia desencadear uma revolução em um patamar mais elevado do que as condições existentes na Rússia czarista, como desencadeará-la? Essa é a questão então colocada.

Durante a ascensão do nazismo, Trotsky vai dizer, em escritos sobre a Alemanha, que neste país está a chave para o futuro da humanidade. E de fato na Alemanha esteve a chave para o futuro, que terminou com a vitória do nazismo.

Num outro momento vai haver uma primeira tentativa de insurreição chinesa, depois de 1924, que também romperia com o isolamento dos soviéticos, caso fosse vitoriosa. Mas nesse período que você situou, entre 1919 e 1924, tudo se passa em torno da Alemanha. Nesse ponto aparece a contradição entre o que se passa nacionalmente na Alemanha, no âmbito de suas classes sociais e suas tendências políticas construídas historicamente, de um lado, e de outro, as proposições da direção da Internacional, soviética, marcada pelos interesses do Estado, governado pelos bolcheviques.

*Danilo – Na verdade talvez tenha ficado ainda uma certa dúvida em relação aos luxemburguistas.*

Nesses cinco anos – os dos quatro primeiros congressos da Internacional Comunista, de 1919 a 1922, e mais o ano excepcional de 1923 na Alemanha – houve um momento de formulação e relativo ascenso das idéias luxemburgistas através de uma série de práticas e propostas táticas. Mas, ao se confrontarem com a Internacional Comunista, os comunistas luxemburgistas alemães receberam um choque. Primeiramente foi a tentativa da “ação de março”, tendo como pano de fundo uma “teoria da insurreição” formulada à margem de congressos e instâncias da Internacional. Depois foi a impotência comunista em 1923, chamada de “derrota de Brandler”, quando os comunistas não conseguiram fazer a revolução. Assim há quase que um ascenso dessas idéias luxemburgistas, no momento em que a Internacional adota a tática da “frente única” e depois a política do “governo operário”, e posteriormente um descenso. Na verdade este descenso, depois de 1923, está totalmente ancorado na forma com que estas políticas foram adotadas, apresentadas não como uma experiência calcada na realidade social alemã, senão como fruto da experiência bolchevique.

*Danilo – Na sua tese de doutorado<sup>9</sup> você mostra como em determinado momento a perseguição aos revisionistas – entre outros, os luxemburgistas – começou a se generalizar de forma escancarada, perseguição de todos aqueles que tinham uma outra posição, que era justamente ao que Rosa se referia na análise que fez da Revolução Russa e que pode se resumir na frase: “A liberdade é sempre a liberdade de quem pensa de maneira diferente.” Lá pelas tantas isso vira sinônimo de guerra aberta contra qualquer tipo de intelectual, ou seja, contra quem tem uma posição independente. Quando isso começou?*

Essa frase da Rosa Luxemburgo – “A liberdade é, em primeiro lugar, a liberdade daqueles que discordam” – diz respeito aos direitos das minorias. Se pensarmos na história da corrente bolchevique, não se pode dizer que há uma data para começar. Eu, pessoalmente, percorrendo alguns textos sobre a história do partido bolchevique, tenho a convicção de que isso existiu sempre no bolchevismo. Essa intolerância com a opinião divergente está baseada na idéia da disciplina e do centralismo democrático, mas também na convicção de que o divergente representa os interesses de uma classe alheia ao proletariado.

Eu fui uma leninista militante e acho, que nas condições de militância no Brasil, durante a ditadura militar, a idéia do Lênin, justamente a que Rosa critica, tem uma certa pertinência. Nessa época, eu já conhecia essas críticas da Rosa e não as aceitava. A idéia leninista, para um partido clandestino – e o partido bolchevique era clandestino – era muito sedutora, porque em condições de guerra ou em condições de clandestinidade, se não houver disciplina é uma debandada geral. Mas junto com essa questão da disciplina na ação, aparece a total intolerância ou a falta de espaço com as vozes divergentes. Além disso, essas vozes divergentes são rapidamente qualificadas e categorizadas

como vestígios da presença de uma classe estranha ao proletariado, portanto como uma “traição de classe”. A história do bolchevismo, para mim, é sobretudo uma história de cisões e expulsões.

Isso já acontecia, sem tanta repercussão, enquanto os bolcheviques eram um partido que não estava no poder e estava na luta clandestina. O que acontece quando eles tomam o poder? Bem, não vamos falar aqui de tudo o que aconteceu no Estado soviético. Mas considero que ainda que seja verdade que o stalinismo é uma enorme degenerescência do leninismo, alguns elementos, sobretudo essa intolerância com aquele que pensa diferente, já estavam presentes no bolchevismo, ou no leninismo. A categorização de uma opinião divergente como intromissão de uma classe estranha no seio do proletariado tem um efeito bem diferente quando quem categoriza é o próprio Estado.

Então não há um momento em que isso começa. Na verdade, eu acho que nessa pequena história dessa tendência luxemburgista que se formou nos primeiros anos da Internacional Comunista, que teve suas posições de “frente única” e “governo operário” aceitas e depois completamente desnaturadas, surge um contraste relevante. Esta história tem a ver com a contraposição entre uma experiência numa situação de clandestinidade, com classes sociais numa formação social na qual a classe operária era uma ínfima minoria da população, e uma formação social nacional na qual, entre as classes sociais, havia uma maioria da população que constituía o proletariado. São duas experiências completamente distintas que se contrapuseram, e a vencedora entre os comunistas, ainda em vida de Lênin, foi a tese bolchevique.

Com a morte de Lênin... Bem, isso já é a história do ascenso do stalinismo, que não é bem o objeto aqui tratado, mas enfim, tudo isso iria ter uma influência determinante sobre o que aconteceria depois na Alemanha e na história do Partido Comunista Alemão.

*Danilo – Mas independentemente disso Rosa era uma mulher de partido.*

Ela era uma pessoa de partido, mas qualquer pessoa que quisesse fazer política naquele momento da história tinha que ser de partido. Os próprios anarquistas tinham numa organização associativa de tipo partidária.

É uma coisa muito nova e recente o fato de as pessoas quererem fazer política por fora dos partidos, sem os partidos, contra eles às vezes. Acho que depois da revolução russa de 1905 e a partir do livro *Greve de massas, partido e sindicatos*, existe uma discussão, nos textos de Rosa, entre dar mais importância aos sindicatos ou dar mais importância ao partido. Justamente antes da revolução, antes de ver as massas em movimento na revolução de 1905, ela defendia que a posição dos dirigentes do partido devia ter preponderância sobre a dos dirigentes sindicais. E qual era esse partido? Era a social-democracia alemã de antes de 1905. E depois de *Greve de massas, partido e sindicatos*, ela vai modificar essa posição, ou pelo menos nuancá-la, porque ela viu as massas em movimento fazendo a revolução. Aí vêm todas as críticas de muitos setores leninistas que dizem que Rosa Luxemburgo é espontaneísta.

<sup>9</sup> *Les rapports entre communistes et social-démocrates à la veille de l'ascension du fascisme: la politique de la "troisième période" et la thèse du "social-fascisme"*, Universidade de Paris VIII, 1980.



Agora, veja bem, aqui nós temos de um lado partidos e do outro lado sindicatos. E os sindicatos estavam ligados aos partidos e vice-versa. A idéia de trabalhar fora dos partidos era uma coisa que não se colocava. Se você queria fazer política, tinha que fazer através de partidos.

Mas que partido era esse? Acho que a chave da questão está na relação – que é uma discussão sempre presente em vários textos de Rosa Luxemburgo, em quase todos que ela escreveu – entre partidos e massas. E quem eram essas massas? Aí é que está a questão das classes sociais concretas da Alemanha, uma formação social completamente diferente da Rússia czarista.

*Danilo – Só para esclarecer melhor: o trotskismo aí, nesse mesmo período, no calor da hora, década de vinte...*

Antes de Trotsky ser expulso da URSS, em 1927, ou pelo menos um pouco antes, desde a campanha da tróica Stalin-Zinoviev-Kamenev contra ele, após a morte de Lênin, não existia propriamente o trotskismo.

Trotsky não tinha sido bolchevique antes da revolução e pagou com “lágrimas de sangue” depois da morte de Lênin essa sua independência. Ele não tinha sido nem menchevique nem bolchevique, ao contrário do que dizem os textos comunistas do tempo de Stalin. Era justamente um militante que tinha sempre tentado a união entre as duas tendências. Ao chegar à Rússia, em maio de 1917, ele adere imediatamente ao bolchevismo. Portanto o Trotsky da década de 1920 é identificável ao bolchevismo, até pelo menos a morte de Lênin, em janeiro de 1924.

O que vai acontecer com o trotskismo depois da morte de Trotsky? Acho que a maioria das correntes trotskistas é leninista; a maioria, e há muitas. Em maior ou menor grau, elas são leninistas e acham o seguinte: tudo ia bem no bolchevismo até 1923, ou 1924, incluindo os quatro primeiros congressos da Internacional Comunista. Nesses anos teríamos uma Internacional que corresponderia a uma posição revolucionária. Depois tudo degingolou. Claro, estou fazendo uma enorme simplificação destas questões. Mas mesmo em um autor extremamente importante que é o Pierre Broué, isso aparece. No entanto é justamente entre alguns trotskistas que vamos encontrar a maior sensibilidade para a obra da Rosa Luxemburgo, sobretudo no que tange às questões aqui levantadas, que no fundo concernem à democracia interna de um partido.

Aquilo que eu estou chamando de “tendências luxemburguistas”, essas experiências alemãs sobre as quais me debrucei – é uma parte da minha tese – de modo geral, são esquecidas. Esquecidas até por Gramsci, que ao se referir a essa questão, daquela maneira cifrada utilizada nos cadernos da prisão, atribui o que corresponde à posição da “frente única” aos bolcheviques, e não aos alemães; e atribui a Rosa Luxemburgo e Trotsky a idéia de “guerra frontal”, conforme a terminologia por ele utilizada<sup>10</sup>. É por isso que digo que as posições

10 Antonio Gramsci. *Maquiavel, a política e o Estado moderno*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1967, p.67 ss.; *Arte militar e arte política*. In: *Note sul Machiavelli*. Roma: Editori Riuniti, 1977, p.81-82; *Guerra di posizione e guerra manovrata o frontale*. In: *ibid.*, p.82-84.

de Rosa Luxemburgo e as elaborações dos luxemburguistas foram praticamente varridas da história, da lembrança, da memória.

*Nicolau – E o que ficou para você de tudo isso para analisar o Brasil?*

O que me ficou dessas elaborações todas? Eu tinha trabalhado, na elaboração da minha tese, sobre a política da Internacional Comunista nos países europeus, sobretudo na Alemanha, e foi assim que cheguei a Rosa Luxemburgo e aos luxemburguistas alemães posteriores à morte dela. Havia feito esse trabalho quando estava fora do Brasil, exilada. Enquanto estava fora tinha ouvido falar do “milagre econômico” no Brasil, durante o período da ditadura e, ingenuamente, imaginava que a sociedade também tivesse se transformado. Inclusive porque não tinha lido coisas recentes sobre o Brasil, estava mais concentrada nesses outros estudos. Na minha volta foi um choque portanto, porque verifiquei que não tinha havido uma evolução no sentido da modernização da mentalidade no Brasil. Embora ainda não houvesse formulado a questão teoricamente, o que eu encontrei aqui – e esse foi o primeiro choque – foi uma mentalidade de casa grande e senzala.

Quando pensava naquela frase de Rosa Luxemburgo – “o partido jamais tomará o poder, a não ser com o apoio da maioria das massas proletárias da Alemanha” – e retomando a idéia de que ela estava falando de dentro de uma formação social em que essa massa proletária constituía a maioria da população, fui levada a reelaborar a questão das classes sociais no Brasil atual. Se prevalecia a mentalidade da casa-grande e senzala, era porque afinal o “milagre econômico” não havia transformado a estrutura da formação social, a industrialização não tinha transformado os operários fabris em uma classe social de peso na sociedade brasileira e, sobretudo, estes não se encontravam entre a maioria dos oprimidos e excluídos no Brasil. Agora, com a globalização e o desemprego estrutural, isto está mais ou menos evidente, mas era uma coisa para a qual eu já tinha sensibilidade.

E tinha mais sensibilidade ainda, porque logo que voltei ao Brasil, um ou dois anos depois, em vez de ficar em São Paulo, que é o *locus* dessa classe operária tão glorificada, fui morar no Rio de Janeiro. Acho que o olhar de São Paulo sobre o Brasil tem o viés paulista. O Brasil, visto de fora da cidade de São Paulo, parece uma coisa diferente, sobretudo ao norte do Estado de São Paulo.

Já então eu estava vacinada contra esse entusiasmo que muitas pessoas e correntes políticas desenvolveram em relação a um operário fabril, pelo simples fato de sua origem operária remota. Estava vacinada contra isso por várias vias, inclusive por textos do jovem Lukács que eu tinha lido em várias ocasiões, até antes de sair do Brasil, e que me ficaram na memória. Lembrava sempre a diferença feita por esse autor entre a consciência proletária voltada para a ultrapassagem do capitalismo, que não é dada imediata e naturalmente a cada operário, e o que pensam os operários de carne e osso, não apenas individualmente, como também enquanto classe organizada. E que “para cada operário há um caminho mais ou menos carregado de experiências a ser percorrido para poder realizar em si a consciência adequada de sua própria situação de classe”<sup>11</sup>.

11 Remarques méthodologiques sur la question d'organisation. In: Georges Lukács. *Histoire et conscience de classe*. Paris: Les Éditions de Minuit, 1960, p.366. Ver também Qu'est-ce que le marxisme orthodoxe?, p.41-42.

Assim, fui desenvolvendo cada vez mais a sensibilidade em relação aos pobres oprimidos e excluídos, que não podem ser enquadrados em uma classe social em termos do marxismo clássico, mas que constituem a maioria oprimida. A visibilidade da opressão a essa pobreza tornou-se muito mais clara nestes últimos anos de globalização.

*Danilo – Tenho uma questão sobre isso. A partir desse seu diagnóstico, vamos tentar buscar essa “criatura nova”, em particular o MST no campo, mas também certas experiências muito mais incipientes nas cidades e nas periferias urbanas, onde está a maioria da população. Sei que essa é uma preocupação sua. Qual seria o potencial dos movimentos sociais?*

Acho que você usou uma expressão muito boa, que eu não tinha usado: essa “criatura nova”. Na verdade é a velha discussão sobre o sujeito revolucionário, essa “criatura nova”. Será que os movimentos sociais hoje – você citou o MST, e falo de todos os movimentos dos sem-terra, porque há outros movimentos – e os movimentos urbanos, que estão centrados na questão da habitação são o sujeito revolucionário? Acho que esses movimentos são importantíssimos, mas a grande massa dos excluídos ainda não foi tocada por eles. E o que vejo como uma coisa extremamente preocupante é que todos os partidos, inclusive os mais à esquerda que existem hoje, e que têm uma formação marxista, bem como os movimentos sociais já referidos, desconhecem essa massa de oprimidos e excluídos, que ainda não se tornou sujeito de nada. E ela está sendo objeto não só de uma exploração, mas de uma violenta opressão institucional. Ela está sendo objeto, de um lado, de políticas do governo Lula, que são políticas assistencialistas, e de outro, de uma repressão brutal por parte do Estado. De um lado temos um Estado social com políticas focalizadas e de outro lado um Estado penal.

Alguns desses partidos mais à esquerda, que têm uma formação marxista, fazem uma transposição mecânica do marxismo, como se fosse uma Bíblia. Eles não têm olhos para essa massa, já que ela não ocupa um lugar na produção. Boa parte dela é formada por pessoas que têm empregos informais; são categorias que surgem, como os camelôs, motoboys e outros; são também os funcionários do tráfico de drogas e de outras atividades ilegais que se nutrem da ausência do Estado nas periferias. E esses partidos e setores de formação marxista não têm olhos para isso. Seus olhos vão, preponderantemente, para os setores operários fabris, de serviços, ou até outros setores sindicalizados.

Já existe uma série de textos interessantes, há uma espécie de busca por esse sujeito da revolução, essa “criatura nova”, sujeito da transformação ou da superação do capitalismo que, por enquanto, os movimentos sociais, embora importantíssimos, ainda não tocaram em profundidade.

*Danilo – Haveria hoje, até mesmo para arejar, a possibilidade de debates no plano internacional, como aqueles que você estudou e aos quais se referiu na entrevista?*

Talvez eu vá desiludir você, mas não acho interessante nem pertinente. Aliás, o Fórum Social Mundial se propôs a certa altura e pela voz de alguns de seus participantes, a ser uma Internacional. Mas essa idéia não frutificou. Acho que temos que tomar pé nessa nova situação do capitalismo, completamente diferente, não só do período que estávamos analisando, entre a Primeira e a Segunda Guerra Mundial, como de todo o período posterior à Segunda Guerra Mundial até os anos 1980.

Nesse contexto surgem novas tendências que estão à esquerda, mas não são propriamente socialistas, nem anticapitalistas, que querem apenas melhorar o capitalismo. Em tese o capitalismo poderia melhorar, ele já esteve melhor. Hoje está pioradíssimo. Paralelamente existem aquelas tendências que vêm dessa escola de formação da esquerda marxista e uma parte imensa delas não fez a crítica do stalinismo. E considero que enquanto não se fizer essa crítica do stalinismo toda nova experiência poderá renovar a intolerância com o divergente que, a partir do Estado, torna-se repressão.

Acho que vivemos hoje um momento de resistência. É claro que tem que haver contatos internacionais, atos em comum, mas a resistência tem que se construir localmente, sobre a base dos problemas reais das classes e setores que mais estão sofrendo. Por exemplo no Brasil, que nesse sentido é um caso extremo de despolitização das massas, esses excluídos e oprimidos estão erigindo um mundo ao qual nós não temos acesso. Nós falamos uma língua e eles falam outra. Nós, a classe média, os partidos de origem marxista, os operários sindicalizados à esquerda, etc., falamos uma língua à qual eles não têm acesso; e eles falam uma língua à qual nós não temos acesso. É como se houvesse dois países no Brasil – duas nações. Então acho que a idéia de uma Internacional não se coloca.



*Leo Jogiches, 1890*

## ISABEL LOUREIRO\*

*Nicolau – Gostaria de começar nossa conversa com algumas perguntas sobre a mulher Rosa Luxemburgo, antes de falar de suas idéias políticas. O que primeiro me chamou a atenção na biografia de Elzbieta Ettinger sobre Rosa Luxemburgo foi a seguinte passagem: “Além da revolucionária renomada, porém, há uma outra Rosa Luxemburgo, uma pessoa basicamente desconhecida e triplamente estigmatizada: como mulher; como judia e como aleijada.” O que você tem a dizer sobre isso?*

Posso fazer conjeturas a partir do livro da própria Elzbieta, que dá muita importância ao defeito físico de Rosa. Quando ela era criança foi diagnosticado um problema no quadril, que a fez passar um ano na cama com a perna engessada; a partir daí ela começou a coxear, o que procurava disfarçar de todas as maneiras. Quando ficou adulta mandava fazer vestidos apropriados para esconder essa claudicação – ela era bastante vaidosa. E sendo judia, na Polônia, isso também significava uma coisa problemática. Elzbieta Ettinger refere-se a um pogrom que Rosa teria presenciado por volta dos 10 anos de idade e que a teria marcado para o resto da vida. Essa é uma boa “sacada” da biógrafa de Rosa: o tal pogrom explicaria o horror da multidão de que Rosa fala em uma carta; é como se cada vez que ela visse uma multidão aquele pavor vivido aos 10 anos voltasse. Em resumo, como judia, Rosa era objeto de perseguição. E como mulher, ela era, como todas as mulheres, o negro do mundo.

*Nicolau – A outra pergunta vai um pouco por esse caminho também. Como era a relação entre ela e Leo Jogiches? Como era para ela o sonho de conciliar uma vida política e intelectual ativa com uma vida pessoal, vivida junto com o companheiro? É algo que também aparece no livro de Elzbieta Ettinger, que soa quase como se houvesse uma concepção de amor em Rosa.*

Acho uma boa pergunta, daria até para escrever um artigo sobre isso, mas eu não saberia responder de maneira muito sistemática. Nas cartas a Leo Jogiches, e mais tarde nas cartas escritas da prisão podemos ver o que ela pensa do amor. Por exemplo, numa carta de 1915 à sua secretária Mathilde Jacob, Rosa faz um comentário irônico sobre a sra. Charlotte von Stein (uma das amantes de Goethe) dizendo que quando este “a mandou passear, ela se comportou como uma lavadeira maledicente; eu insisto que o caráter de uma mulher se revela, não quando o amor começa, mas quando o amor acaba.” E numa carta de 1917 a Sonia Liebknecht diz que para ela “o amor era (ou é?) sempre mais importante e sagrado que o objeto que o desperta.” Rosa era acima de tudo uma pessoa apaixonada por tudo, que

\* Professora aposentada do Departamento de Filosofia da UNESP/Marília.

se entregava de corpo e alma ao que amava, mas muito severa do ponto de vista moral. Isso pode ser visto numa carta de 1917 ao amigo Hans Diefenbach, em que tece considerações duras sobre o comportamento da sua amiga feminista Clara Zetkin, por se recusar a conceder o divórcio ao segundo marido, vinte anos mais moço. Rosa comenta que essa história foi para ela um golpe muito duro, e que tem dificuldade de sentir compaixão por Clara. Vale a pena citar um trecho: “(...) por que eu não deveria sentir compaixão pelo outro lado, queimado vivo e que, a cada dia que Deus dá, precisa passar pelos sete círculos do inferno de Dante? E mais: minha compaixão e minha amizade têm limites muito claros e acabam inexoravelmente onde começa a baixeza. Meus amigos devem manter suas contas na mais perfeita ordem, e isso não somente na vida pública, mas também na vida privada, na mais privada. Proferir publicamente grandes frases sobre a ‘liberdade do indivíduo’ e na vida privada escravizar uma alma humana por causa de uma paixão insensata – isso eu não entendo e não perdôo.”

A biografia de E. Ettinger é interessante por expor aspectos da personalidade de Rosa que talvez ela não gostasse de mostrar. Ela tem uma auto-imagem de mulher dura consigo mesma, que não se deixa levar pelas tristezas, embora ao mesmo tempo confesse muitas vezes estar deprimida. Ela se via como alguém que não se deixa humilhar, que não se deixa abater, que está sempre firme. E. Ettinger procura mostrar o outro lado, por exemplo, na relação com Leo Jogiches, que foi desde o começo uma relação muito complicada, como se Rosa estivesse sempre em uma posição de inferioridade em relação a ele. Primeiro porque ele era muito bonito e ela não. Segundo, ele tinha dinheiro, ela não tinha. Há muitas cartas em que Rosa fica pedindo dinheiro para comprar vestidos, e faz uma espécie de contabilidade, dizendo quanto gastou em fitas, chapéus, luvas, comida, etc., o que não deixa de ser uma situação desagradável. Ao mesmo tempo, Rosa sabia escrever, ele não; ela era a pena de Leo. Enfim, uma relação complicada. Ela gostaria de ter vivido com ele, mas o que ela queria, ele não podia dar. A vida dele era a causa política, e não a relação amorosa. Rosa teria gostado de conciliar as duas coisas, mas não conseguiu.

*Nicolau – Você comentou numa conversa anterior que havia uma diferença marcante (explícita nas cartas) entre a época do relacionamento com Leo em que ela era muito jovem, um pouco ingênua, com esperanças de poder viver um amor pleno, e uma Rosa madura, um pouco mais resignada, entregue prioritariamente à luta política. Você poderia retomar essa idéia?*

É essa a impressão que temos pela leitura das cartas. Há períodos em que as cartas a Leo – uma mistura curiosa de relatos pessoais do seu estado de espírito com prestações de contas políticas – são quase diárias. Ela reclama muito dele, que só se interessa pela luta política, como se não tivesse sentimentos pessoais. Quando muito jovem, durante uma estada em Paris, ela lhe escreve dizendo: “mantenho no antigo tom minhas pretensões à felicidade

pessoal. É um fato, tenho um enorme desejo de ser feliz e estou disposta a negociar, dia a dia, em favor da minha pequena razão de felicidade com a teimosia de uma mula.” Podemos acompanhar essa luta pela felicidade pessoal durante bastante tempo, até que chega um momento em que ela parece cansar-se; isso coincide com a Revolução Russa de 1905 quando Leo vai para a Polônia. É como se a partir dali as coisas mudassem... Rosa conhece Costia Zetkin (filho de Clara, 13 anos mais jovem). A relação com Costia é totalmente diferente da anterior. O que entretanto aconteceu é que ela se tornou, a duras penas, uma mulher intelectualmente independente de Leo e consciente de que aquilo que mais gostaria de ter – um amor perfeito, realizado, maravilhoso (uma coisa com que todas as mulheres sonham, e acho que os homens também...) – ela não conseguiu. Daí conclui E. Ettinger que a política veio preencher esse lugar que ficou vazio. Não sei se isso é verdade, mas dá o que pensar.

*Nicolau – Há um trecho da biografia de E. Ettinger que é uma espécie de sociologia do comportamento do revolucionário. Vou citar: “Para Rosa (...) a vida não consistia na Causa dos Trabalhadores [nome do jornal do SDKP, fundado, entre outros, por Rosa e Leo], não consistia nos trabalhadores ou na causa, mas consistia em viver. Que ela e ele trabalhassem pela revolução não se discutia, mas que a vida se limitasse a ‘tal questão, ou tal panfleto, a este ou aquele artigo’ era equivalente a matar a alma. Destruir os laços espirituais entre as pessoas, para maior glória de uma idéia que buscava criar esses laços era, para ela, uma aberração brutal. (...) O pensamento que torturou Luxemburgo durante toda a sua vida – a quem serve, realmente, a revolução? – perpassa essa carta caótica [de 24/03/1894]. Ela tentou lutar contra a realidade de Jogiches, contra uma vida sacrificada pela humanidade, mas não conseguiu. Se as pessoas que fazem a revolução estão condenadas, não estará a revolução condenada? Se os revolucionários não são humanos, se não entendem a arte de viver, como podem criar uma vida melhor para os outros?” O que você pensa disto?*

Concordo. Há uma carta de Rosa a Sonia Liebknecht em que ela comenta uma crítica de Clara Zetkin (a feminista de carteirinha da social-democracia alemã) a uma personagem literária feminina que não era útil para nada. Rosa tece alguns comentários bem interessantes, dizendo que nem todas as mulheres podem se tornar agitadoras, datilógrafas, telefonistas. E conclui: “E como se as belas mulheres – a beleza não é apenas um rosto bonito, mas também delicadeza e graça interiores – como se as belas mulheres não fossem já um presente do céu por alegrarem os nossos olhos. Se Clara como arcanjo à porta do Estado futuro, com sua espada flamejante expulsar as Irenes, eu lhe suplicarei de mãos postas: deixa-nos as doces Irenes, mesmo que elas como os colibris e as orquídeas só sejam boas para enfeitar a terra. Sou a favor do luxo sob todas as formas.” Esse tipo de intervenção é incomum no interior do movimento comunista e no interior da esquerda em geral, que tem uma tendência ao ascetismo, a sofrer de sentimento de culpa.

Ela queria uma vida culturalmente rica, e isso na época significava cultura humanista clássica; ela conhecia bem a literatura francesa e russa (traduz na prisão um romance de Vladimir Korolenko para o qual escreve uma apresentação que é um passeio pelo romance russo do século XIX), a poesia alemã, freqüentava a ópera, os concertos, os amigos tocavam para ela, cantava, pintava bem, interessou-se por botânica, chegando a fazer um herbário. Em suma, era uma mulher talentosa, de formação burguesa clássica, herdada da mãe. O socialismo para ela englobaria essa cultura burguesa, e iria além. Nesse sentido, acho que Rosa se inscreve no quadro do chamado “marxismo ocidental”, ou seja, um marxismo que não é o marxismo-leninismo; ela seria, sob um certo ponto de vista, a primeira marxista ocidental do século XX, pelo peso dado à consciência, à subjetividade, que talvez venha dessa forte ligação com a vida, levando em conta o trecho que você leu. Acho que isso faz que ela respeite profundamente os aspectos humanos da revolução, a cultura, enfim, essas coisas que o marxismo soviético acabou deixando de lado. Mas não se pode esquecer que, ao mesmo tempo, existe um viés determinista que não dá para negar de jeito nenhum. Ou seja, no pensamento dela se combinam de maneira complicada um viés determinista e outro espontaneísta, que se exprime na idéia de ação livre das massas. Como é que essas duas coisas se combinam – foi esse o problema que me ocupou no doutorado.

*Nicolau – Como Rosa se relaciona com o movimento de mulheres e qual o papel dessa atividade na vida dela?*

É problemática a relação dela com o feminismo. Como você sabe, Rosa não era uma feminista *stricto sensu*. Os líderes da social-democracia alemã, Bebel, por exemplo, queriam que ela colaborasse com Clara Zetkin, que se ocupasse da “questão feminina”. Mas Rosa não era uma *suffragette*, isso não bastava para ela.

Quando Rosa chega a Berlim em 1898 posso imaginar o tipo: 28 anos, bate na porta do Partido Social-Democrata, com a sua tese de doutorado embaixo do braço: “Cheguei para trabalhar na social-democracia alemã.” Quando ela mostrou que conhecia bem a situação polonesa, os velhos ficaram felizes da vida, porque eles ignoravam tudo que se passava no Leste. Mas o que ela queria não era se ocupar da questão feminina, direito de voto das mulheres, e sim lutar em pé de igualdade com os teóricos do partido. Ela queria ser igual aos homens. É por isso que as feministas alemãs da década de 1970 a consideram machista. É possível ver as coisas dessa maneira, mas o que é interessante e que podemos aproveitar no que se refere à questão feminina não é o que ela escreveu a respeito – cerca de 13 páginas, em uma obra de quatro mil páginas – mas o seu modo de ser, como mulher independente, como alguém que ocupa o espaço público, justamente o espaço do qual as mulheres estão excluídas por princípio. Ela faz isso com muita garra e muita força. Ela é uma mulher extremamente independente. Penso que é esse espírito independente, esse espírito livre,

essa luta para ser livre, que é um exemplo para as mulheres de todas as gerações. E para os homens também, é claro.

*Nicolau – E a Rosa escritora de cartas?*

Isso é interessante pelo seguinte: quando ela foi assassinada, houve uma grande comoção, inclusive dos inimigos, que viram que a coisa tinha passado dos limites. Na mídia da época ela era vista como uma *pétroleuse*, uma daquelas mulheres que jogavam bombas, uma terrorista. A amiga Luise Kautsky, pouco tempo depois do assassinato, publicou as cartas que Rosa tinha dirigido aos Kautsky. Nesse momento apareceu uma outra Rosa, lírica, grande escritora de cartas, amiga dos amigos, que admirava a natureza, as nuvens, os pássaros, as flores, como se fosse o oposto daquela primeira Rosa, terrorista, revolucionária. Na realidade, Rosa era as duas coisas. Terrorista não era, ela sempre se disse explicitamente contra o terror, mas revolucionária e lírica escritora de cartas certamente que era. As duas coisas caminham juntas. Não é à toa que Karl Kraus, o “guardião” da língua alemã, quando lê a comovente carta de Rosa sobre os búfalos – o búfalo que foi espancado e que sangra – escreve um artigo impressionante em que diz que “Toda a literatura viva da Alemanha não produz lágrimas como as dessa revolucionária judia, nem nos faz ficar com a respiração suspensa, como depois de lermos a descrição da pele do búfalo: ‘e ela foi dilacerada’.” Ele considera que essa carta devia figurar, ao lado de Goethe, nas cartilhas dos estudantes alemães.

*Nicolau – Por que Rosa foi assassinada?*

Rosa foi assassinada no dia 15 de janeiro de 1919, no decorrer daquilo que ficou conhecido como “insurreição de janeiro”. Foi um levante popular de uma parte da população de Berlim, de extrema-esquerda, com o qual Rosa privadamente não concordou. Ela não concordava em privado, mas publicamente defendeu o levante porque era necessário mostrar seu apoio aos revolucionários. Basicamente foi assassinada por causa das idéias que defendia, ela queria uma revolução socialista para a Alemanha, mas estava dividida em relação a isso.

O trágico nessa história toda é que se ela tivesse sido absolutamente conseqüente com o que pensava, com o que acreditava de fato e defendia perante os seus amigos, privadamente, esse desfecho não teria ocorrido. Para Rosa, uma revolução socialista só pode ser vitoriosa caso a maioria esteja convencida de que aquele programa é o programa correto. Ela nunca defendeu uma revolução como um golpe de Estado, como um golpe de uma minoria, ela sempre foi crítica desse tipo de concepção que chamava de concepção blanquista de revolução.

Ela foi conseqüente até o final do ponto de vista teórico, mas do ponto de vista prático ficou numa situação muito difícil de sustentar. Afinal o que estava acontecendo? As massas estavam na rua, o país estava numa grande confusão por causa do fim da guerra, ti-

nham brotado espontaneamente conselhos de operários e soldados pela Alemanha inteira. Rosa apostava que naquele momento, como em todas as revoluções, a história se aceleraria e seria possível que se formasse uma maioria revolucionária naquele momento de luta.

Qual é a idéia básica do pensamento político de Rosa? É que as massas se tornam conscientes na ação, na luta. A luta, a ação é formadora. Logo, no momento em que as massas estão na rua, em ação, como é que uma revolucionária que defendeu isso durante toda a vida poderia dizer: “vamos esperar mais um tempo, quem sabe mais tarde, depois”? Seria um contra-senso para ela. Esse é um lado.

O outro lado é que ela era uma mulher extremamente corajosa que pensava que os dirigentes da classe operária deviam ficar junto da classe operária em luta, independentemente do que acontecesse. Ela sabia que poderia morrer naquele momento, tinha sido alertada, vivia se escondendo, cada noite dormia em um lugar diferente. Mas, segundo sua concepção de vida não fazia sentido ir embora de Berlim, se esconder em algum lugar, para voltar depois. No fundo ela tinha uma concepção trágica de política – onde está a massa, a liderança está junto, se a massa perece, a liderança perece junto. É claro que os resultados foram bastante problemáticos do ponto de vista prático.

Algo que não podemos esquecer é que ela foi assassinada com o aval da social-democracia no poder. O antigo partido de Rosa, o Partido Social-Democrata Alemão, com o fim da monarquia e a instalação da República na Alemanha, chega ao poder. Era um partido moderado, de centro-direita, que não implementou as medidas socialistas que sempre tinha defendido, que fez alianças com as velhas forças da ordem, com as antigas elites, enfim, um partido que, pode-se dizer resumidamente, renegou todas as suas antigas idéias socialistas no momento em que subiu ao poder.

Rosa sempre tinha sido e continuava sendo uma teórica do socialismo conseqüente, defendendo o ideal socialista. Com isso criou inúmeros inimigos no interior do Partido Social-Democrata Alemão. Tanto que as ordens que levaram ao assassinato dela e de seu companheiro de partido, Karl Liebknecht, foram dadas pelo Ministro da defesa, Gustav Noske, o grande responsável pela repressão do levante de janeiro. Isso provocou no século XX uma cisão no interior da esquerda alemã que nunca mais foi superada. De um lado, social-democratas, do outro lado, comunistas. Foi uma ferida que nunca fechou.

*Nicolau – Havia nesse momento outras lideranças mais radicais que Rosa. Por que escolhem matar justamente ela e tão brutalmente?*

Provavelmente porque os outros não se expuseram tanto. Mas alguns meses mais tarde, em março de 1919, o próprio Leo Jogiches também foi assassinado. Ele ficou desesperado com a morte de Rosa e lutou muito para que os assassinos fossem condenados, o que não aconteceu. Por sua vez também foi preso, barbaramente torturado e assassinado na prisão. Foi

tão barbaramente torturado que quando a secretária e amiga de Rosa, Mathilde Jacob, foi ao necrotério reconhecer o corpo o guarda à porta lhe disse: “Não entre, a senhora nunca mais vai esquecer essa cena.”

Se Rosa não tivesse morrido, o destino do Partido Comunista Alemão talvez tivesse sido diferente, porque o grupo luxemburguista era muito forte na origem do KPD, e Rosa tinha grande autoridade moral e intelectual. Talvez o KPD tivesse seguido outro rumo que não o da subserviência total aos soviéticos. Ou talvez ela tivesse sido expulsa como aconteceu com Paul Levi, continuador das idéias de Rosa e crítico da imitação do “modelo” soviético pelos alemães. Ou teria sido assassinada pelos stalinistas, se não tivesse sido assassinada antes pelos nazistas – como ocorreu com Mathilde Jacob, e com Luise Kautsky ambas mortas em campos de concentração. Toda essa geração teve um destino trágico. O grande amigo de Rosa, a quem ela envia da prisão cartas lindíssimas, o médico Hans Diefenbach, morreu na guerra; Paul Levi teve um acesso de loucura e se jogou de uma janela; Mathilde Wurm, outra amiga de Rosa, se suicidou.

*Nicolau – Vamos passar agora às questões políticas. Queria que você comentasse um trecho citado no seu livro, de um artigo de agosto de 1917, “Questões candentes”: “É certo que revoluções não podem ser ordenadas. Esta também não é a tarefa dos partidos socialistas. O dever consiste apenas, corajosamente, em sempre ‘dizer o que é’, ou seja, mostrar às massas, de maneira clara, nítida, as suas tarefas num dado momento histórico, proclamar o programa de ação política e as palavras de ordem resultantes da situação. O socialismo deve, sem receio, deixar à própria história a preocupação com o momento revolucionário de massas (...) Mas também, no pior dos casos, quando aparece primeiro como voz no deserto, que as massas se negam a seguir; produz, conforme se verifica sempre necessariamente no final das contas, uma posição moral e política cujos frutos ele recolhe com juros compostos, ao bater a hora da realização histórica.” Trata-se aqui do valor da conscientização, do esclarecimento e de como unir a idéia de ação revolucionária, que para ela está sempre ligada à ação direta, com o ideal de emancipação.*

Aqui entramos na famosa oposição canônica entre Rosa e Lênin. Eu não gosto de fazer isso e justifico por quê. Todos os comentadores de Rosa se detêm nessa oposição, e por isso resolvi tematizar a questão de outro modo. Quero deixar claro que considero Lênin um grande revolucionário, mas que seu livro *Que fazer?* é uma droga e que *Um passo à frente, dois passos atrás* só tem valor histórico relacionado com as brigas dentro do partido russo. O problema não é Lênin, o problema são os epígonos e os chatos que hoje continuam repetindo as mesmas coisas num mundo completamente diferente.

Isto posto, quando comparamos as concepções de Lênin e Rosa a respeito da libertação das massas, naquele momento histórico preciso, vemos que são diferentes. Lênin,

citando Kautsky, diz que a consciência socialista é introduzida de fora nas massas por uma vanguarda de revolucionários, oriunda da burguesia. Rosa polemiza com ele dizendo que a social-democracia é o próprio movimento da classe operária. Massas em movimento e partido socialista estão identificados, não tem uma vanguarda que leva a consciência de fora. No caso de Rosa não há dicotomia entre vanguarda e massas, dirigentes e dirigidos; no caso de Lênin essa separação é bem clara, e isso é dito com todas as letras, e por quê? Porque a experiência histórica dos dois é diferente. Rosa está vivendo na Alemanha – que tem um grande partido socialista de massas, e Lênin está vivendo na Rússia – onde existe um Estado absolutista, que não permite partidos políticos e os revolucionários têm que ter um partido clandestino. São situações totalmente diferentes.

Rosa sempre foi crítica da burocratização da social-democracia alemã, que conheceu por dentro e criticou desde o começo. Ao mesmo tempo, ela nunca quis sair da social-democracia. Na época da guerra, rompe politicamente com a social-democracia, embora continue dentro do partido. Ela só vai sair em 1917 quando a ala esquerda é expulsa do SPD e funda o Partido Social-Democrata Independente, por discordar do apoio dado pelos social-democratas majoritários à política do governo imperial. Rosa só vai romper com os independentes no final de 1918, por absoluta necessidade e muito contra vontade, pois, para ela, viver em um grupelho político pretensamente dono da verdade não fazia o menor sentido. Para ela era importante continuar dentro do partido, conquistando espaço por meio do debate de idéias. Daí a idéia de esclarecimento que você mencionou. Sempre achei que esta era a posição correta, mas confesso que atualmente não sei mais. Depois do que aconteceu com o PT, voltei a ter grandes dúvidas a esse respeito. Há militantes bem intencionados dentro do PT, mas não podemos esquecer que partidos como o Partido Social-Democrata Alemão, e como o PT hoje, são aparelhos burocráticos, rígidos, dominados por uma cúpula que não dá espaço real para a divergência, nem permite compartilhar o poder interno. Ou seja, só na aparência são partidos democráticos.

*Danilo – Antes de aprofundar essa questão do PT, da atualidade de Rosa no cenário brasileiro, gostaria de retomar uma idéia que considero central. Você colocou Rosa como uma das pioneiras do marxismo ocidental, justamente por uma negatividade que – como você bem mostra no seu trabalho – nasce e tem o cerne na ação, na prática revolucionária. Isso é diferente, de certa forma, do viés crítico e negativo de boa parte do marxismo ocidental posterior, sobretudo da Escola de Frankfurt, que abdica do engajamento. Eu também tendo a concordar com você que a negatividade de Rosa, que inclusive areja boa parte do trabalho teórico mais “determinista” – com várias aspás –, surge dessa intervenção prática no calor da hora. Você acha que isso se perdeu? Que não há mais possibilidade de revolução? Ou faria falta uma nova Rosa, claro que re-contextualizada?*

Acho que a possibilidade de revolução permanece no horizonte, mas é algo diferente do que era naquela época. Quando pensamos nas palavras de ordem do movimento anti-globalização (ou alter-mundialista, como querem outros), “o mundo não é uma mercadoria”, “um outro mundo é possível”, que eram as consignas dos primeiros Fóruns Sociais Mundiais, acho que o caminho é esse. Essas palavras de ordem resumem a idéia de que esta sociedade, do jeito que está, não pode continuar. No entanto, diferentemente da época de Rosa, a possibilidade de uma mudança pela tomada do poder, pura e simples, revelou-se uma ilusão, para dizer o mínimo.

Marcuse, um filósofo do qual gosto muito, e que foi adepto das idéias revolucionárias até o fim da vida, sempre dizia que quando falava em revolução não estava pensando na tomada do Palácio de Inverno. Muito bem. Se hoje isso não é mais possível o que se pode fazer para mudar? No momento presente, parece que a única saída, pequenininha, que temos pela frente, são os movimentos sociais, ou seja, essa mobilização pela base dos mais variados tipos de associações, através do mundo inteiro – essa gente que se reúne às vezes em grandes grupos, às vezes em grupos menores e que se opõe à barbárie da globalização neoliberal. Vejo neles a única esperança. E mesmo essa, meu Deus do céu, é difícil muitas vezes de acreditar que daí poderá surgir um outro mundo. A sedução do capitalismo é tão forte, a sedução da mercadoria é tão grande, que mesmo em um país como Cuba, por exemplo, não podemos ter muita ilusão de que quando Fidel morrer o capitalismo não entre com tudo e eles não sejam seduzidos pela mercadoria. Não precisa invasão norte-americana, basta a invasão das mercadorias em larga escala. É contra isso que temos que lutar. Na época de Rosa, a luta era mais simples do que hoje. Hoje as consciências e o inconsciente das pessoas foram seduzidos de tal forma pelo canto de sereia das mercadorias que é muito mais difícil a revolução.

Nós temos que pensar é em outra idéia de revolução. Uma nova teoria, uma nova Rosa, pode ajudar a pensar, claro. Com toda essa gente junta pensando, quem sabe a coisa poderá se alterar. Mas confesso que estou super-pessimista. Isso tem a ver com o que aconteceu com o PT, é óbvio. Acho que foi uma desgraça para a esquerda brasileira que vai levar uns 20 anos para se recuperar – e quando digo 20 anos é porque é um número meio baixo. Tomara que eu esteja enganada.

*Danilo – Nesse sentido, só para especificar um pouco mais o ponto a que eu queria chegar, que é justamente o conceito de massa, suas possibilidades de formação, de esclarecimento naquele momento tão intenso de inflexão da história da humanidade, pelo menos naquela região da Europa. Esse conceito seria muito distinto do conceito de massa visto negativamente pela Escola de Frankfurt? Até que ponto o engajamento ao estilo de Rosa e a atualização das idéias dela perdem força hoje? Ou será que haveria nos movimentos soci-*



Rosa com Costia Zetkin, 1907

*ais uma possibilidade de maior potencial crítico e negativo, a possibilidade de reativação de uma massa que hoje é dominada pela lógica da mercadoria?*

A idéia de Rosa que continua atual para os movimentos sociais é a idéia de que a mudança, a transformação do mundo, se ocorrer, só ocorrerá caso venha das próprias massas populares, que na luta, na ação direta decidem por si mesmas o que fazer. Acho que essa idéia, que é o fio vermelho que atravessa a obra dela, é uma idéia correta e que permanece.

Mas que hoje a coisa é mais complicada é. O que são essas massas hoje? Bom, o MST. O MST tem uma cara que a gente reconhece como massas populares. Agora precisamos ser honestos e dizer: “O MST é uma pequena parte da população brasileira. A maioria da população brasileira é urbana, não é mais rural.” Como é que nós lidamos no meio urbano com essas massas despossuídas, marginalizadas – nem sei se a palavra “marginalizadas” é a mais correta, mas enfim – que estão fora da sociedade de consumo, que só possuem a vida nua? Há um livro de Mike Davis, *Planeta Favela*, em que ele descreve a vida daquela gente que mora nos grandes aglomerados, nas grandes cidades do mundo, sobretudo do Terceiro Mundo, que não tem nada – é uma coisa de cortar o coração, nós não temos idéia do que fazer com aquelas pessoas. Como é que elas vão se libertar, se conscientizar de alguma coisa se não têm absolutamente nada? Qual é a resposta para isso? Juro que não sei. É uma coisa angustiante. Nós não sabemos o que dizer; chegamos a um ponto em que o máximo que podemos fazer é o diagnóstico, e é o que Mike Davis faz. A situação é esta, e é desesperadora. A partir daqui, o que nós vamos fazer? Podemos apostar em algumas pequenas coisas, que é o que fazemos no nosso dia-a-dia, na nossa ação. Tentamos botar um grão de areia na roda do sistema, não é isso? Mas não vejo outra coisa possível de ser feita neste momento. Por mais pessimista que isto possa parecer, precisamos ser honestos.

*Danilo – Acho que é normal, que é assim mesmo, é assim que são as coisas, não devemos ficar presos, temos que completar, temos que entender... E aí é preciso questionar também o Fórum Social Mundial; em alguns momentos ele apontou o caminho para um neo-reformismo. Houve um certo boom que proliferou entre a esquerda, de “onguismos”, que hoje se tornaram um festival de soluções baratas para todos os problemas da pobreza no mundo.*

É verdade, é uma coisa horrorosa. Paulo Arantes já escreveu muito adequadamente a respeito do fenômeno das ONGs. Mesmo as ONGs “do bem”, o que fazem? Administram a pobreza. A pobreza chegou para ficar e agora vamos administrá-la da melhor maneira possível. Juro que não agüento mais ver na televisão aqueles grupos de negros da favela tocando não sei o que e com isso conseguiram uma renda. Meu, não tinha que ter a favela, pra começo de conversa! O mais dramático nessa história toda é que não dá para sermos contra o Bolsa-Família, contra o Movimento Nossa São Paulo, essa coisa do Oded Grajew



que está reunindo desde a empresa Natura até mais não sei o que, porque alguma coisa eles vão fazer para melhorar, um pouco aqui, um pouco ali.... mas é tudo muito medíocre, é pior que reformismo, bem pior.

*Nicolau – E o reformismo de Bernstein, como é que você vê isso?*

Sobre o reformismo de Bernstein, voltando às questões históricas. Rosa Luxemburgo ganhou o seu lugar na social-democracia alemã nessa polêmica, foi aí que ela mostrou a que tinha vindo e do que era capaz. Eu não gosto de *Reforma social ou revolução?* porque é um livro em que ela faz a lição de casa ortodoxa [risos]. Mas, claro, a sua pena afiada já se revela ali. O que faz Bernstein? Ele mostra que o capitalismo se modernizou de tal forma que é capaz de sobreviver e que portanto a idéia de colapso do capitalismo é falsa. Rosa, ao contrário, quer mostrar que essa idéia continua na ordem do dia, que o que a Europa vive naquele momento são apenas melhoras paliativas do capitalismo, mas que estruturalmente é um sistema que jamais poderá resolver suas próprias contradições e que então um belo dia ocorrerá o colapso. Ela nunca abandonou essa idéia que é estrutural no seu pensamento e que é retomada em *A acumulação do capital*, mas não do jeito que dizem seus críticos – que o colapso do capitalismo ocorrerá automaticamente. Na cabeça de Rosa o colapso ocorrerá caso se lute no sentido de levar o capitalismo ao colapso, caso as massas, o proletariado, a classe trabalhadora – que para ela são sinônimos – lute no sentido de destruir o capitalismo; automaticamente isso não ocorrerá. Essa idéia também é básica para ela.

Voltando à polêmica Rosa-Bernstein. Sempre pergunto nas aulas qual deles tinha razão, e a resposta é: ambos, cada um à sua maneira. Ou seja, Bernstein tinha razão em termos conjunturais pois o capitalismo foi capaz de sobreviver às suas próprias crises, de se auto-reformar. Foi o que vimos durante todo o século XX e temo que se repita durante o século XXI. O capitalismo tem uma maleabilidade, uma flexibilidade impressionantes. Agora parece que chegou a um limite por causa da questão ambiental. Mas temo que também aí seja suficientemente flexível para se adaptar e, quem sabe, enviar a parte pagante da humanidade para Marte... Mas Rosa também tinha razão, pois o capitalismo é devorado pelas suas contradições...O século XX, com as guerras mundiais e tudo o que veio a seguir, mostrou que a análise dela era igualmente correta em termos estruturais.

*Nicolau – Rosa fala também em barbárie. O que ela quer dizer com isso?*

Michael Löwy tem uma interpretação do pensamento de Rosa muito interessante, segundo a qual Rosa foi determinista até um determinado momento de sua obra, mas que, a partir da guerra e com a palavra de ordem “socialismo ou barbárie”, essa idéia desaparece e é substituída por um “ou”. Quer dizer que passa a existir uma indeterminação: “socialismo *ou* barbárie”; Michael Löwy sublinha o termo ou. Tanto pode ser uma coisa quanto outra. Com isso, haveria em

Rosa uma crítica implícita a uma visão progressista da história, à idéia de que a história caminharia sempre no sentido do progresso e sempre no sentido do melhor. Nessa interpretação Rosa abandonou a visão tradicional marxista, herdeira do iluminismo do século XVIII.

Eu concordo em parte com essa interpretação. Mas acho que Michael Löwy quer atualizar Rosa a qualquer custo, e por isso quer esquecer o outro lado, a Rosa determinista que continua existindo até o fim. No meu livro mostro como convivem os dois lados, o tempo inteiro, coisa de que ela não tem consciência. Para Rosa, a vitória do socialismo é como uma segunda natureza, faz parte da sua visão de mundo e um dia ocorrerá. Mas, é bom enfatizar, só ocorrerá caso a classe operária lute nesse sentido, não vai ocorrer automaticamente – como era o caso de Kautsky, para quem essa vitória estava garantida de antemão pelas leis do desenvolvimento histórico. Para que se mexer? Não precisa. No caso de Rosa tem que ter luta, e é a luta que vai determinar o rumo da história. O interessante no pensamento dela é justamente essa dualidade – o que é dramático, como se houvesse um fio esticado – se puxar demais de um lado ele arrebenta. Rosa fica tentando se equilibrar, mas há momentos em que resvala para um lado, momentos em que resvala para o outro. E as coisas ficam bem dramáticas justamente no final da vida dela, naquele curto período da Revolução Alemã, quando suas idéias são postas à prova.

*Danilo – Os críticos mais ferrenhos de Rosa viram nessa dualidade uma certa ambigüidade teórica. Não seria antes vitalidade dialética, para usar uma palavra mais chegada à sua concepção teórica e prática?*

No momento da Revolução Alemã ocorre uma coisa muito dramática, Rosa no fundo fica paralisada. Eu dou muita importância a uma frase que ela pronunciou no discurso de fundação do Partido Comunista Alemão: “Olho para esta assembléia com um olho que ri e outro que chora.” O olho que ri, significa que ela está entusiasmada com os jovens revolucionários, os spartaquistas que querem fazer a revolução e que acham que em 14 dias tomam o poder. O olho que chora significa que ela sabe que isso não é verdade, que a tomada do poder é muito mais complicada do que imaginam aqueles jovens inexperientes. Mas enquanto a portas fechadas ela acha que não existem condições para a extrema-esquerda derrubar o governo de centro-direita dos social-democratas majoritários, o que seria uma atitude golpista, publicamente, por razões políticas, ela não pode opor-se a essa tentativa dos revolucionários. Tanto que no jornal *A Bandeira Vermelha* [Die rote Fahne] sempre clama por “ação, mais ação”, numa atitude bem esquerdista, inclusive pedindo a derrubada do governo em um determinado momento.

Por isso é vista como terrorista, como uma inimiga que tem que ser liquidada. Essa foi uma imagem que passou para a história. Na história alemã, até recentemente, a liderança do Partido Comunista Alemão, que rejeitou a luta pela tomada do poder por saber

que não tinha chances de vitória, era vista como golpista. O único a favor da tomada do poder foi Karl Liebknecht. Mas como foi assassinado, não se falava das divergências entre ele e o resto da liderança do Partido Comunista Alemão.

Rosa Luxemburgo pensa claramente numa revolução longa. O que seria uma revolução longa? A luta pela criação de uma contra-hegemonia já na sociedade atual, idéia que aproxima Rosa e Gramsci, como mostra Frigga Haug no livro sobre ela [*Rosa Luxemburg und die Kunst der Politik*, 2008]. A idéia é que é necessário usar os espaços dados na sociedade capitalista burguesa para politizar as massas no sentido de uma transformação radical da sociedade. E isso demora. Mas ao mesmo tempo, esse processo longo não está separado de um processo rápido de tomada do poder, que era o que ocorria naquele momento com os bolcheviques (que Rosa apóia entusiasticamente), ou na própria Revolução Alemã de 1918. Para Rosa as duas coisas caminham juntas. A mesma idéia pode ser traduzida no conceito de “*Realpolitik* revolucionária”, um termo que ela usa num artigo de 1903, escrito por ocasião dos 20 anos da morte de Marx, para definir a política dele. “*Realpolitik* revolucionária” significa uma defesa dos princípios socialistas que não é descolada das exigências postas pela realidade, ou, em outras palavras, uma relação dialética entre reforma e revolução. Para Rosa as reformas fazem sentido, justamente, no interior de um processo mais longo, que tem como objetivo a mudança radical da sociedade.

Voltando à idéia de revolução longa. Hoje poderíamos chamá-la de revolução cultural, na medida em que implica uma modificação profunda, não só das estruturas econômicas da sociedade, mas também da cabeça das pessoas. Ela dizia que não se pode fazer revolução sem um “renascimento interior do proletário”, isto é, sem a formação de homens e mulheres autônomos, responsáveis, intelectualmente e moralmente maduros. Daí o papel fundamental da educação, da formação política, que se dá na própria luta. Em dezembro de 1918 ela escreve que “na luta, na revolução, as massas proletárias aprendem o idealismo necessário e adquirem rapidamente maturidade intelectual”. Os conselhos têm inclusive esse papel formador – “exercendo o poder é que a massa aprende a exercer o poder”, ela diz no discurso de fundação do Partido Comunista Alemão. Assim os trabalhadores não poderiam ser dominados por uma camarilha qualquer porque seriam autônomos, pensariam com a própria cabeça, teriam atingido a maioria e – indo além de Rosa –, seriam capazes também de não se deixarem subjugar pelos seus próprios fantasmas. É essa idéia de autonomia, individual e coletiva, que está presente.

*Nicolau – Mas ao mesmo tempo ela não abre mão de uma vanguarda. O que ela entende por vanguarda? Seria o “grupo de iguais” que tinha como modelo o Partido Social-Democrata do Reino da Polônia e Lituânia (SDKPiL)?*

É verdade, ela usa o termo vanguarda, mas num sentido bem diferente de Lênin. A vanguarda tem o papel de esclarecer, não de comandar. A massa comanda a si mesma. A van-

guarda esclarece, a vanguarda é porta-voz. Tem uma expressão dela que é boa: a vanguarda é porta-voz dos anseios ainda confusos das massas. Ou seja, é como se a vanguarda tivesse o papel de formular, de pôr em palavras algo que ainda não adquiriu forma. A vanguarda dá forma aos desejos de mudança da massa, que são informes. Nós já passamos por isso tantas vezes, não é verdade? Nos velhos tempos, na época das greves em São Bernardo, mais tarde nos comícios pelas eleições diretas, quando Lula falava daquele jeito dele bem simples, acabava dando voz ao nosso desejo de mudança. Uma liderança tem esse papel, não é verdade? Para Rosa, a vanguarda era isso: porta-voz dos anseios ainda inconscientes, informes das massas. A vanguarda tem o papel de esclarecer, de agitar, de não deixar dormir.

O que os spartaquistas fizeram na época da guerra? Eles foram, de certo modo, o exemplo do que acabei de dizer. Escreviam panfletos que distribuía ilegalmente, se organizavam clandestinamente nas fábricas, o que era proibido, porque durante a guerra existia uma censura draconiana na Alemanha.

Quanto à idéia do “grupo de iguais” (posta em circulação na biografia de Rosa escrita por J. P. Nettle) que existia no SDKPiL fundado por Rosa e Leo Jogiches e que ficou como modelo de partido político para eles, significa que a boa organização política tem que ser inteiramente democrática, um espaço de debate de idéias, não um lugar de disputa do poder. O partido político é um espaço de formação para quem faz parte dele. Isso era possível no pequeno partido polonês, formado por um grupo de amigos, com uma relação de companheirismo, de cordialidade, confiança, respeito mútuo. É claro que essa posição era completamente marginal e vista com desdém no Partido Social-Democrata Alemão, sobretudo a partir de 1906 quando o partido começa a se burocratizar e a se transformar numa máquina eleitoral.

*Danilo – Quería que você comentasse a concepção de Rosa sobre o imperialismo.*

Ela desenvolve sua teoria do imperialismo em *A acumulação do capital*, publicada em 1913, onde procura mostrar que o capitalismo para acumular precisa de algo fora dele. A reprodução ampliada do capital exige a anexação da Terra inteira. E ela mostra, com riqueza de exemplos, como essa anexação é feita de maneira violenta, primeiro pela aniquilação das culturas tradicionais, dos povos primitivos, e em seguida das outras culturas – por exemplo, dos camponeses dos Estados Unidos, dos camponeses europeus. Ou seja, todos os modos de produção anteriores ao capitalismo precisam ser destruídos e aniquilados para que o capitalismo possa se reproduzir ampliadamente. Porém, vai chegar um momento, no raciocínio dela, em que a Terra inteira terá sido colonizada pelo capitalismo e aí as contradições, que são inerentes a esse modo de produção, farão com que ele desmorone. Mas ela nunca faz esse raciocínio até o final, e diz: “Antes que isso aconteça, a violência do capitalismo é de tal ordem, que a luta revolucionária do proletariado levará em outra direção.” Ela termina o livro com isso.

Hoje em dia, o que tem de novo nessa idéia, que é recuperada por David Harvey no livro *O novo imperialismo*, é que essa incorporação de outros domínios não é mais geográfica, mas econômica. Ou seja, existem todas as dimensões que ainda não foram colonizadas pelo capitalismo, que estão fora mas que estão sendo colonizadas cada vez mais – cultura, educação, saúde, água, o domínio das patentes (sementes, partes do corpo humano, da vida em geral), enfim, todos esses domínios que ainda não foram colonizados e em que o capitalismo está penetrando. As feministas alemãs incluem aí o trabalho doméstico não-pago. A reprodução ampliada se dá dessa forma hoje. Nesse sentido Rosa teria tido um *insight* precioso e atual.

E uma outra idéia interessante é quando ela diz que a violência do capitalismo não está restrita ao período da acumulação primitiva, como queria Marx, mas que essa violência é constitutiva do próprio capitalismo. É como se ela não distinguisse imperialismo e capitalismo. Para Rosa o imperialismo não é a última fase do capitalismo, embora ela tenha algumas formulações que possam levar a pensar isso. Mas a lógica do raciocínio – Paul Singer tem uma interpretação que vai nesse sentido e que é interessante – é que o capitalismo já é imperialista, que ele precisa, para acumular, anexar outros territórios ou outros domínios da vida fora dele. E com isso Rosa critica Marx, embora seja marxista. Hannah Arendt, de maneira muito polêmica e equivocada, duvida que Rosa fosse marxista por defender a tese de que o capitalismo para se reproduzir precisa de algo fora de si mesmo. *A acumulação do capital* é de fato um livro que revela por parte de Rosa uma grande independência de espírito em relação a Marx, o que para ela era absolutamente normal, porque não entendia o marxismo como uma Bíblia, com verdades prontas, mas como uma fonte inesgotável que permite prosseguir o trabalho intelectual e a pesquisa.

*Nicolau – Você poderia falar um pouco da recepção de Rosa Luxemburg na Alemanha?*

É uma coisa muito curiosa. Quando em 2001 a prefeitura de Berlim, uma coalizão entre comunistas e social-democratas, propôs construir um *Denkmal* [memorial] em homenagem a Rosa Luxemburgo, levantou-se uma tal tempestade de críticas na imprensa conservadora que eu fiquei impressionada. Chegou-se a dizer que ela era terrorista, que não era democrática de jeito nenhum o que me deixou sinceramente surpresa porque, para mim, era assim: ninguém punha em dúvida que ela era uma socialista defensora do socialismo democrático, entendeu? E não é bem verdade. Mas por que Rosa seria terrorista? Porque ela era a favor da violência. Aí você se pergunta: “Mas como assim?” / “Porque ela era a favor da guerra civil.” / “Como? Da guerra civil?” / “Sim, claro. Porque se ela era a favor da revolução, uma revolução é uma guerra civil.” Ponto e acabou. Então, ela era uma terrorista. Um raciocínio assim... muito... sofisticado [risos]. E, além disso, uma coisa extremamente chocante é que ela foi questionada como mulher. E o que era dito? Que era uma mulher incompleta porque

nunca recebeu uma proposta de casamento dos namorados, não teve filhos, etc. Será que um político do sexo masculino seria questionado por isso?

*Nicolau – Mas será que isso não tem a ver com a divisão entre as duas Alemanhas?*

Claro, foi bom você lembrar. Que na realidade era uma luta política local da direita alemã contra os comunistas alemães.

Outra coisa que eu queria mencionar rapidamente é a diferença entre a recepção brasileira e a alemã, tomando como parâmetro o livro de Jörn Schütrumpf, *Rosa Luxemburg ou o preço da liberdade* [Expressão Popular]. Ele acha que Rosa ficou presa à concepção tradicional de revolução e de tomada do poder e que, nesse sentido, pouco se libertou do marxismo tradicional. A recepção na ex-República Democrática Alemã tende a enfatizar o viés democrático do pensamento de Rosa, o que é compreensível para quem viveu num regime de partido único; mas por vezes essa recepção acaba dissociando democracia de revolução.

No Brasil, Mário Pedrosa nunca separou uma coisa da outra. Schütrumpf também diria que não separa, mas a ênfase é maior na democracia. Na América Latina a esquerda enfatiza a revolução, porque queremos mudanças estruturais profundas. Isto aqui é tão injusto, não é verdade? E temos democracia formal... Na RDA a vida material estava mais ou menos resolvida, não havia grandes desigualdades sociais, mas também não havia democracia política. Dá a ênfase no aspecto democrático do seu pensamento deixando na sombra o viés revolucionário. Eu não concordo com essa leitura; no meu modo de ver, Rosa era uma socialista democrática, mas era, acima de tudo, uma revolucionária.

*Danilo – Em alguns textos seus, você se refere a dois momentos posteriores da recepção de Rosa no Brasil: no PT das origens em que ela estava presente (e depois se perdeu numa espécie de morte brasileira de Rosa Luxemburgo), e um terceiro momento que aponta para um possível renascimento de Rosa no Brasil com o MST. Você de fato vê essa segunda morte, a morte brasileira de Rosa dentro do PT, devido à perda da idéia revolucionária, não-institucional? E pode-se de fato perceber um “renascimento” de Rosa no MST e outros movimentos? Não se poderia antes pensar que a figura de Rosa – tanto no PT quanto no MST – seria uma espécie de penduricalho, o que não significa uma reapropriação efetiva das suas idéias?*

No caso do PT acho que sim. Michael Löwy disse certa vez que existia uma corrente luxemburguista subterrânea na esquerda brasileira que veio desembocar em alguns intelectuais presentes no começo do PT. É possível rastrear isso nos programas do PT das origens em que existe uma crítica ao burocratismo, a defesa do partido de massas socialista e democrático, a ligação com os movimentos sociais, a defesa do fortalecimento das bases, etc. Isso se perdeu, claro. O PT é um partido que se burocratizou, que deixou de

ser socialista, e que não tem mais ligação com os movimentos sociais. Quem seriam então os herdeiros de Rosa no Brasil, e na América Latina? Acho que o zapatismo, com sua construção do poder autônomo a partir da base, é um deles. Outro herdeiro é o MST, que sempre mostrou grande interesse pelo pensamento de Rosa Luxemburgo, entre outros revolucionários, é claro.

Existem algumas razões que explicam isso: a ação direta que se traduz na ocupação de terras; os sem-terra não estão esperando que o parlamento decida fazer a reforma agrária, senão vão esperar sentados mais 500 anos; a democracia radical, democracia pela base, que aparece muito claramente no livro daquelas jornalistas inglesas, Jan Rocha e Sue Brandford, que fazem uma história do MST [*Rompendo a cerca*, 2004]. Ali elas falam da democracia no interior do movimento, o que trocado em miúdos significa que as decisões são todas tomadas em assembléia, desde a instância mais alta à mais baixa, e descrevem como isso funciona. Conversas recentes com João Alexandre Pechanski, que fez o mestrado sobre o MST, mostraram que as coisas não são bem assim, que só a partir de 2006 é que foi tomada a decisão de formar uma Direção Nacional paritária entre homens e mulheres. Ele acha que a partir daí o movimento pode se democratizar de fato. Essa foi uma exigência das mulheres do MST, pois ao que parece as coisas não estavam mais funcionando. E por último, é óbvio, a defesa do socialismo, da revolução socialista. As lideranças do MST defendem isso com unhas e dentes. É claro que os camponeses, quando vão ocupar as terras, não estão pensando em socialismo. Aliás, como essa idéia passa das lideranças para a base é uma outra questão, daí o peso dado à formação de quadros. Talvez se possa dizer, *cum grano salis*, que Rosa hoje continua viva no Brasil – no MST e em alguns intelectuais de esquerda independentes de partidos políticos.

*Nicolau – Para terminar, conte como começou seu interesse por Rosa Luxemburgo.*

Descobri Rosa quando estava fazendo o mestrado no departamento de Filosofia da USP com Marilena Chauí. Escolhi como tema um jornal chamado *Vanguarda Socialista*, dirigido por Mário Pedrosa – nosso grande crítico de arte, trotskista histórico e pai do “luxemburguismo” brasileiro – de 1945 a 1948, no Rio de Janeiro. Descobri esse jornal na Biblioteca Nacional do Rio. Isso foi em 1980; o PT estava sendo criado, a ditadura brasileira estava se esgarçando, o que ainda demorou um tempo, mas já estava bastante debilitada nesse período, e os exilados estavam voltando. Havia novamente um clima de discussão política, e se voltava a falar de socialismo no Brasil e de Partido Socialista no Brasil. Eu, muito jovem na época, não conhecia nada dessa tradição socialista brasileira, resolvi estudar isso, fui atrás dessa tradição socialista e me deparei com esse jornal, *Vanguarda Socialista* e foi um deslumbramento! Eu fiquei muito impressionada com esse pequeno semanário, mas de excelente qualidade – um jornalzinho para formar a militância. Meu mestrado foi então uma análise do ideário socialista desse jornal em que Mário Pedrosa divulgava as idéias de Rosa Luxemburgo.

Um pouco depois, no começo do doutorado fui para Berlim fazer um curso intensivo de alemão e tive contato com Wolfgang Haug, professor da Universidade Livre de Berlim, que Marilena Chauí me recomendara procurar. Na época eu pensava vagamente em fazer um doutorado sobre Marcuse. Mas como para isso seria obrigada a estudar Heidegger (o jovem Marcuse é muito influenciado por ele), um filósofo que eu detestava, acabei desistindo. Na conversa com Haug ele me sugeriu estudar Rosa Luxemburgo, dizendo que na Alemanha o interesse por ela estava renascendo, que a obra completa tinha sido publicada, etc. Isso foi em 1987. Aprendi alemão, fiquei 5 anos estudando os textos dela, e defendi o doutorado em 1992.

O primeiro responsável pela minha trajetória foi então Mário Pedrosa, que introduziu na cultura brasileira de esquerda Rosa Luxemburgo e a idéia de partido democrático de massas. Por isso ele ficou tão entusiasmado com o PT, e por isso foi o primeiro a assinar a ficha de fundação do PT. Claro que se ele fosse vivo hoje estaria extremamente decepcionado com a trajetória do partido, mas o fato é que quando o PT foi fundado ele o considerava o partido com o qual sempre havia sonhado.

No período que vai de 1987 a 1992 o PT ainda não era partido de governo e vivia numa espécie de tensão – o que Rosa chamava de “*Realpolitik* revolucionária” – entre os princípios socialistas e a política prática cotidiana. Quando chegou ao poder a tensão desapareceu e ele optou pela *Realpolitik* sem mais... Os princípios foram totalmente postos de lado. Em 2003, quando da segunda edição do livro [a tese de doutorado virou livro – *Rosa Luxemburg, os dilemas da ação revolucionária*], é que me dei conta de que aquela tese de doutorado sobre Rosa estava em diálogo constante com o PT e com a situação brasileira daquele período. Nesse sentido, como não poderia deixar de ser, minha leitura das idéias de Rosa Luxemburgo é muito brasileira, e muito informada por aquele momento político do país. Tanto que na época em que fiz o doutorado eu pensava em Rosa como uma grande figura histórica do socialismo internacional, com idéias brilhantes, mas não via nelas uma grande atualidade, devo confessar.

Dez anos depois, quando volto a pensar no assunto, considere-a mais atual do que em 1992. Por quê? Porque os movimentos sociais tinham voltado à cena, numa visível resistência contra a globalização neoliberal. Basta lembrar que em 1994 os zapatistas fazem seu encontro intergaláctico na selva Lacandona, a partir de 2001 começa a eferescência do Fórum Social Mundial, que, para mim, foi a coisa mais importante naquele momento, uma espécie de iluminação. Foi aí que comecei a ver as coisas numa perspectiva “luxemburguista”: a idéia das massas que se educam a si mesmas, do socialismo democrático como criação autônoma das massas, a idéia de que a revolução é feita a partir de baixo pelos homens e mulheres comuns e que se eles não participarem, não há revolução. – tudo isso, que é fundamental para os movimentos populares, compõe o ideário político de Rosa. Foi então que comecei a ver uma

atualidade que não tinha percebido em 1992. Aqui poderíamos usar uma frase de Peter Weiss que resume bem o que quero dizer: “Se não nos libertarmos a nós mesmos/as, a liberdade não terá conseqüências para nós.” A liberdade não é algo outorgado, e sim algo pelo que temos que lutar – esta é uma idéia válida tanto para o movimento socialista, quanto para o movimento feminista. Nós mulheres para sermos livres temos que lutar pela nossa própria liberdade; ela não pode nos ser dada pelos maridos, pelos pais, pelos filhos, temos que lutar por ela. E a mesma coisa para as massas trabalhadoras, como diz o lema da Associação Internacional dos Trabalhadores: “A libertação da classe trabalhadora será obra da própria classe trabalhadora.” É isso.



*Discurso no Congresso Socialista em Stuttgart, 1907*

## GILMAR MAURO\*

*Danilo – Num dos seus últimos textos sobre poder popular, você menciona em alguns momentos a figura de Rosa Luxemburgo, e termina citando uma belíssima frase dela, bastante reveladora, que é mais ou menos assim: “os erros cometidos por um movimento de trabalhadores, autêntico e revolucionário, são muito mais frutíferos e têm mais importância histórica que a infalibilidade do melhor comitê central”. Esta frase vai permear boa parte da nossa conversa. Mas eu queria que para começar você falasse um pouco sobre algo presente em várias entrevistas suas e também nesse texto, algo que você considera fundamental e cuja importância você enfatiza na formação dos trabalhadores: o papel da teoria, da crítica, do estudo. Gostaria de saber como foi o seu despertar para a importância da teoria, da formação política e de que maneira Rosa Luxemburgo influenciou você.*

O MST como movimento social surge com essa perspectiva de que era preciso formar muita gente, formar muitos militantes, mesmo que então a grande maioria dos militantes nem tivesse a dimensão real e mais profunda do enfrentamento que seria a luta pela terra, pela reforma agrária, a luta de classes. Eu mesmo quando entrei no MST, entrei porque queria um pedaço de terra, em 1985, num acampamento.

Mas o MST surgiu buscando conjugar a luta pela terra, pela reforma agrária e pela transformação social. E nas análises já se apontava, desde então, que era praticamente impossível fazer a reforma agrária dentro do Estado e da lógica burguesa. Portanto, era preciso lutar pela mudança social em aliança com outros setores da classe trabalhadora, o que implicou que o MST investisse em formação político-ideológica. Essa é uma das belas características do nosso movimento, com todos os erros que possamos ter cometido no processo. Mas desde o início o MST se propôs a formar novos militantes, investir na formação de base, de militantes, de quadros e assim por diante.

Eu mesmo – acho que foi em 1987 – fiz o primeiro curso de formação pelo MST em que tomei contato com a teoria política. Eram aqueles cursinhos de como funciona a sociedade, de economia política; na época se estudava metodologia, movimento sindical...

A partir daí fui militando e estudando, mas em 1989 fui deslocado para fazer um curso em Cuba. Então fiquei cinco meses estudando filosofia, economia, história do movimento operário internacional, cooperação agrícola, história do partido etc. Foi nesse contexto que ouvi falar, pela primeira vez, de Rosa Luxemburgo, obviamente ainda com um viés um tanto dogmático. Eu acho que se enfatizava muito mais, por exemplo, o partido leninista, e por vezes até se deixava de lado as polêmicas existentes, muito salutares. Mas enfim, tomei contato com o movimento operário internacional e pude conhecer Rosa Luxemburgo. O

curso de Cuba ainda era aquele padrão da escola soviética, dos manuais; foi importante, obviamente, pois a gente pôde tomar contato e aprender um bocado de coisas.

Na volta, dentro do MST, acabei atuando também um pouco no setor de formação do movimento. Particpei durante algum tempo do setor de relações internacionais, na frente de massas, e acho que pela própria trajetória do MST e pela minha trajetória pessoal, mesmo sem ter lido muita coisa, eu tinha essa idéia de que é preciso investir na formação. Não tem outra alternativa. Se quisermos construir de fato uma nova sociedade, poder popular, nós precisamos investir pesado no processo de formação. E investir pesado no processo de formação não é só dar aula, não é só ir para a escola; é você fazer ação, refletir sobre essa ação, extrair as lições do processo de luta, teorizar em cima e a partir daí replanejar, reconduzir enfim o planejamento para novamente voltar a fazer. É o que nós chamamos no texto de “práxis”.

Então esse foi o contato. O MST sempre priorizou isso e esse foi o primeiro contato que tive com o pensamento de Rosa Luxemburgo. Mas, obviamente, não li muito sobre a Rosa; seria um crime dizer que conheço profundamente o pensamento da Rosa Luxemburgo. Não. Eu li várias coisas; lembro que li, acho que umas três vezes, *Reforma ou Revolução?*, um clássico importantíssimo. E também conheci o pensamento dela por outros textos de economia, de política, pelas polêmicas que se estabeleceram no partido social-democrata, pelas polêmicas com Lênin etc. Então o contato com o pensamento da Rosa foi muito importante, e é muito importante. Eu acho que é uma das pensadoras da atualidade que o movimento social, principalmente, e aqueles que querem mudança social devem efetivamente conhecer.

*Danilo – Gilmar, ainda neste mesmo espírito, e ainda falando do seu texto sobre o poder popular: você enfatiza muito a importância da teoria, desse processo de reflexão na ação revolucionária, ainda mais num período de crise como este em que estamos vivendo nos últimos anos. Você enfatiza a importância de analisar a realidade brasileira e latino-americana com os nossos olhos, e não importar sistemas pura e simplesmente; para você também é importante que cada movimento, cada experiência passe por um processo auto-crítico muito profundo, que leve a crítica ao limite em todos os momentos, o que também está bastante próximo da radicalidade crítica de Rosa Luxemburgo. E uma das figuras que você usa para ilustrar isso – uma imagem cara a Marx – é o trabalho da toupeira revolucionária. Mesmo neste momento de crise, de guerra, numa situação semelhante àquela em que Rosa estava vivendo (embora na época ela estivesse ao mesmo tempo vivendo o ascenso da Revolução Russa, um grande movimento revolucionário internacional) esse trabalho silencioso de formação é fundamental para o surgimento da toupeira da revolução, do momento revolucionário.*

\* Membro da Direção Nacional do MST.

Eu acho e comungo na idéia de que efetivamente a esquerda no mundo vive uma crise muito grande. Entretanto, este é paradoxalmente um momento ímpar também, que a Rosa não teve, que o Lênin não teve e que outros revolucionários da época não tiveram. Hoje temos a oportunidade histórica de conhecer o que foram as experiências socialistas e de extrair as lições desse processo, e temos também a oportunidade de estar vivendo num mundo em que o capitalismo é hegemônico em todo o planeta. Em outras épocas, até como forma de superar as suas crises, havia perspectivas expansionistas. Mas agora a última fronteira – a China e a Índia – foi derrubada, não tem para onde ir. Portanto, agora, o capitalismo, para resolver os seus problemas, tem que se voltar para dentro; e ao se voltar para dentro e ao tentar resolver suas crises, ele leva obviamente ao agravamento de um processo que é jogado para a frente, que efetivamente vai criar problemas sérios para a humanidade. Por exemplo, nós poderíamos destacar aqui o problema do trabalho. À medida que a tecnologia avança gera desemprego, a taxa média de lucro tende a cair efetivamente e o capitalismo encontra saídas buscando formas, inclusive, de reinventar, por exemplo, o trabalho escravo e a precarização generalizada; assim como a tendência de queda do preço da força de trabalho internacional, desemprego estrutural e assim por diante.

Do ponto de vista da natureza também – a extração de matérias-primas, a destruição do meio ambiente – nós estamos vendo as conseqüências para a humanidade. Guerra. É uma alternativa, mas uma alternativa que vai criando outros problemas – mesmo o capital financeiro, que foi uma saída para a crise do capitalismo dos anos 1970, que cresceu enormemente e é uma enorme fonte de extração de lucro para as grandes empresas. Mas tem limite, ou seja, nós estamos vendo a crise nos Estados Unidos.

Enfim, o tempo em que vivemos é um tempo em que podemos dizer que o capitalismo é o sol do meio-dia, é aquele que arde mais, que está mais quente, mas também é o prelúdio de começar a cair para o entardecer. Bom, eu acho então que se é o sol do meio-dia, começa a ir para o lado da tarde.

Eu não quero dizer que com isso o capitalismo por si só vai se auto-destruir etc., não acho que história esteja no piloto automático de jeito nenhum, é preciso derrotá-lo. Entretanto, ao resolver as suas crises, ao se voltar para dentro, vão sendo criadas novas contradições. E penso que a nossa tarefa no momento é entender isso, é entender quais são as contradições fundamentais e, principalmente, quem pode ser o pólo opositor a essa lógica, quem pode ajudar a construir um processo que enfrente a lógica do capital numa perspectiva de construir uma nova sociabilidade.

Por que é que eu estou fazendo um pouco esta parte analítica? Porque acho que a lógica do capital – aí de novo Rosa – é uma lógica que caminha no sentido da destruição da humanidade. O “socialismo ou barbárie” nunca esteve tão na ordem do dia como agora; portanto, Rosa Luxemburgo é muito atual. Nós caminhamos para uma

barbárie generalizada. E na barbárie – o próprio Marx nos adverte – ou uma classe se sobrepõe à outra ou as duas perecem. Então está posto para a humanidade o desafio: ou se constrói uma nova sociabilidade para além do capital, que para nós é o socialismo, ou a humanidade corre sérios riscos. Isso significa a barbarização das relações sociais, a destruição do meio ambiente, enfim, uma série de questões. É um momento importante então. Esse capítulo, o do capitalismo global, está em toda a Terra vivendo suas contradições. Nós enfrentamos essas contradições, temos a experiência socialista que foi construída, com suas lições, erros e acertos, que precisamos trazer para o presente.

E a terceira lição refere-se aos elementos da esquerda e das formas organizativas, porque houve mudanças profundas na composição da classe trabalhadora, embora na essência continuemos sendo um sistema cada vez mais explorador. É preciso interpretar essas mudanças e, principalmente, encontrar formas organizativas que nos permitam organizar a classe trabalhadora para enfrentar a lógica do capital e construir uma nova sociabilidade. Isto está posto agora.

No texto que você mencionou eu busco fazer essa reflexão. Não é que a gente não deva estudar as experiências históricas e a própria construção do partido, dos movimentos, do movimento sindical etc. Eu acho que eles ainda são atuais e cumprem certos papéis hoje, não dá para jogar na lata do lixo. O grande problema é que eles não resolvem a totalidade das necessidades de organização social para enfrentar a lógica do capital. É preciso lançar mão de outras formas organizativas a partir da realidade objetiva, não pela minha vontade, não porque eu quero construir alguma coisa diferente. Mas é óbvio que estas formas organizativas têm que incorporar elementos diferenciados, porque nós não podemos trabalhar na lógica de “vamos assaltar o poder etc. e depois que estamos no poder vamos fazer as mudanças que o povo precisa”. Acho que esta experiência e esta lição nós já temos do passado; é preciso construir organizações de novo tipo também, que apontem desde já, agora, no presente, para a construção que nós queremos dessa nova sociabilidade.

Não tenho nenhuma dúvida de que é preciso tomar o Estado burguês, que é um aparelho da burguesia que precisa ser destruído. Entretanto, para inclusive tomar o Estado burguês – vou usar a expressão tomar – é preciso construir uma poderosa contra-hegemonia, é preciso construir formas organizativas muito grandes que nos permitam enfrentar esse gigante, que é a lógica do capital e também o Estado burguês, que é muito mais complexo do que foi em outros tempos. Quanto a isso acho que o Gramsci traz muitos elementos novos que precisam ser incorporados nas análises da esquerda.

Bom, mas o que isto tem a ver? Eu acho que aí está a essência, a Rosa viveu um período difícil, tanto assim que foi assassinada. Vou discorrer um pouquinho sobre uma questão que acho importante na atualidade. Muitos militantes de esquerda hoje fazem a

seguinte análise: a humanidade nunca viveu numa conjuntura tão desgraçada como a gente vive. É bem provável que outros militantes em outras épocas dissessem a mesma coisa e talvez daqui a quinze anos venham outros e digam: “Agora está pior do que antes.” Cada momento é cada momento histórico; as contradições são daquele momento, independem da nossa vontade. Nós poderíamos até dizer que os militantes de outras épocas eram muito mais revolucionários, inclusive tiveram que dar a vida. Tudo isso são elementos que podem ser trazidos ao debate, mas no meu modo de ver não resolvem o nosso problema. Eu sempre procuro dialogar com a militância, para mim a militância é o maior patrimônio de uma organização. E a militância não pode se separar entre o que ela quer pessoalmente e a causa política. Não existe um divisor: “Eu luto pelos outros.” Isso não existe. Eu luto por mim mesmo também, e ao estar no processo da luta eu estou aprendendo, estou me construindo como ser humano, estou buscando minha auto-estima, buscando me aprimorar. Tem gente que diz: “Estou ficando velho, então agora deixa a luta para os novos.” Só falta mandar a conta amanhã ou depois: “O que eu fiz por vocês agora quero receber.”

Esse projeto político é um projeto de classe, não tem uma saída individual. Muitos militantes, eu acho, estão vivendo momentos de crise pessoal; é normal que isso ocorra, é um momento difícil, mas não tem uma saída individual, o projeto é de classe. Entretanto, como é que a gente conjuga o projeto de classe com os nossos anseios pessoais? Porque afinal de contas eu também estou ficando velho, tenho filhos, um monte de coisas. São questões que estão postas para a militância e eu acho que nós temos que trabalhar essa dimensão nessa nova organização. Não é que nós vamos resolver agora o problema de todo mundo, mas a questão é: como eu me insiro dentro de um projeto político e desenvolvo também a minha vontade pessoal? Como é que eu vou construindo, dentro da organização e dentro do processo, a minha inserção de uma forma que não separe a minha vida pessoal do projeto político? Porque, afinal de contas, eu vivo neste momento histórico.

Com isso não quero dizer que nós vamos fazer os ajustes. Eu acho que vai ter desistência; o momento de crise é um momento em que muita gente desiste, muita gente vai cuidar da própria vida, muita gente... Enfim, é natural que isso ocorra em tempos de crise. Mas tem um bocado de gente que permanece e que toca em frente; e possivelmente muitos até que desistem não é por peleguismo. Alguns sim, mas alguns efetivamente vão buscar formas inclusive de sobrevivência, e num outro momento poderão voltar a militar.

É nesse sentido que vejo o processo de construção de uma nova organização. Embora ela tenha que ser radical do ponto de vista político, ideológico, de combate ao projeto burguês – não dá para ceder um milímetro – ao mesmo tempo temos que ser generosos e entender que são seres humanos com enormes dificuldades que estão ajudando a construir esse processo. E nesse ser generoso é que entra o aspecto da formação, é preciso investir no processo de formação, é preciso investir permanentemente.

Vou encerrar este diálogo. Nesta semana estive em São Carlos, nós estamos fazendo um curso junto com outros movimentos e está dando o maior quioproquó. É claro, são movimentos diferentes, pensamentos diferentes, histórias diferentes e muitas pessoas que lá estão têm uma ideologia que não é a ideologia que o MST prega. Entretanto, você visualiza naquelas pessoas um limite objetivo: nunca puderam estudar, não tiveram contato com nenhuma teoria. Como é que se pode exigir de um sujeito desses que esteja à mesma altura de quem já está num debate político há bastante tempo?

Eu entendo bem essa questão porque sou oriundo desse processo. Quando entrei no MST, no meu curso tinha uma palavra de ordem que era assim: “Brasil, Cuba, América Central, a luta proletária internacional”; eu ia atrás gritando, mas não entendia nada do que estava dizendo, eu não sabia nem o que era proletário. Então precisamos ter a capacidade e a generosidade de incorporar mais pessoas, de dialogar. Eu discuto isso na participação popular: como é que se pode exigir participação popular se historicamente o sujeito é formado dentro da lógica burguesa em que você nunca é sujeito de nada? Então construir esse processo é difícil, é lento, mas eu não tenho nenhuma dúvida que a frase da Rosa está certinha. Vários erros cometidos na tentativa de construção desse processo de formação, erros que possam ser cometidos são mais importantes do que acertos individuais ou de um pequeno grupo, que não têm impacto nenhum em toda a classe. Desculpe ter me alongado demais...

*Danilo – Isso é tão importante que gostaria que nos aprofundássemos um pouco mais. Você desenhou, de forma brilhante, três eixos fundamentais para a formação de um militante social boje. É preciso ter um diagnóstico da realidade à altura do seu tempo, e ser radical nessa crítica... Outra questão que você abordou, também fundamental (e que era muito cara à Rosa), é o equilíbrio entre a coletividade do movimento e o espaço do indivíduo: nem a organização, o movimento ou o partido deve se sobrepor completamente ao indivíduo, nem o indivíduo deve se sobrepor completamente ao partido, ao movimento.*

*E, por fim, um outro tema que você também aprofunda bastante no texto, e sobre o qual eu queria falar um pouco mais: a relação entre a vanguarda (para usar um termo de Lênin e Rosa) e a massa. Que tipo de vanguarda seria esta e que risco haveria de o pequeno grupo (ou alguns indivíduos) se descolar do processo e passar a ser uma espécie de manobrador; o que configuraria, no fundo, uma espécie de segunda morte da massa – uma massa que já está sendo morta pelo capitalismo passa a morrer de novo pela sua direção. Em maior ou menor medida, a “aristocracia” – seja sindical, seja do partido – se sobrepôs ao processo de formação da consciência das massas, que deveria ser a base de sustentação, como você diz, do processo revolucionário. Como você pensa essa articulação e como o MST atualmente está tentando lidar com isso, com esse risco que toda organização social corre?*





*Karl Liebknecht falando no dia 5 de janeiro de 1919*

Há um tempo atrás escrevi um textinho interno para o MST e fui pegar precisamente a Rosa Luxemburgo quando ela discute a questão da burocratização, que é um dos debates mais interessantes e intensos de que ela participou. Ela vai dialogar com a Revolução Russa, com a construção do partido etc. Mas, veja, não tem um antídoto, não tem uma vacina contra processos de burocratização. Entretanto, acho que a melhor forma de enfrentar isso são precisamente as construções coletivas. Acho que o melhor antídoto é a construção de movimentos que envolvam efetivamente maior quantidade de gente.

Lênin tem uma frase que é a seguinte: “é mais fácil enganar milhões de ignorantes do que dez quadros”. Esta frase faz sentido. É por isso que os movimentos têm que investir na formação de muitos quadros. E por isso busco dialogar com essa coisa da vanguarda aí porque eu acho que... Qual é o meu problema com esse termo? Não é com o termo em si. Eu acho que a vanguarda, se não me falha a memória, vem das artes. A origem do termo, é quem está à frente. Enfim, eu não vejo nenhum problema em que tenha pessoas que efetivamente estejam à frente pela condição histórica. O meu problema é achar que um grupo, uma vanguarda vai conduzir todo o processo revolucionário; o assalto ao poder e as massas amorfas ou em reascenso etc. vão dar força política, exigir mudanças etc., mas quem vai fazer as mudanças é essa vanguarda. Bom, aí eu tenho um problema; porque aí ou há uma hipocrisia muito grande da esquerda, ao dizer: “quem faz a revolução é a massa”. Nesse caso a massa faz a revolução, mas quem dirige todo o processo é meia dúzia. É por isso que sempre estou discutindo a questão do poder popular. Quer dizer, como é que a gente amplia a participação, no sentido de que nós consigamos formar muita gente – e inclusive que os quadros interajam?

Ou seja, eu não estou negando a possibilidade de termos quadros; nós precisamos ter quadros, mas o quadro tem que estar em interação permanente com a massa para inclusive ajudar a extrair as lições e para elevar o próprio nível político-ideológico das massas. Eu vou dar um exemplo particular: aqui em São Paulo nós construímos uma militância muito interessante. Se você disser, “o Gilmar aqui em São Paulo manda”, manda porra nenhuma! Eu levo couro igual a todo mundo nas reuniões. Há um tempo atrás era diferente, mas hoje nós temos um monte de gente com capacidade de refletir, e não só de refletir, mas de questionar tudo o que se faz. Eu acho que este é o antídoto contra o processo de endeusar pessoas, criar personalidades ou criar uma burocracia que a partir da máquina administre e comande todo o movimento real.

Está resolvido? Não, não está resolvido. Eu acho que tem um grande distanciamento ainda entre a nossa base real – por exemplo os assentamentos, as suas necessidades imediatas, a necessidade do crédito, da própria sobrevivência – e o debate político e a construção de um processo mais avançado. Há um distanciamento muito grande e são desafios que precisam ser trabalhados. No texto também falo da idéia de aproveitar os assentamentos e construir núcleos dentro dos assentamentos, fazer o debate político para inserir.

Eu vou fazer um parêntese de novo. Como é que se dá o processo de formação política? Na luta política, não tem outro jeito. Você não faz formação política se não é dentro do contexto da luta de classes. Então se o assentado só participa da luta reivindicatória por créditos e não se envolve no contexto da luta de classes nos locais onde vive, obviamente a sua consciência vai ser aquela da luta reivindicatória – até vem, radicaliza, quebra o pau, fecha banco, não sei o que, mas é para conquistar o crédito. Como é que a gente insere o assentado na luta, lá no município, com as outras categorias e assim por diante e participa do processo de disputa política nos locais, para você ir criando efetivamente militantes com um caráter e um conteúdo político?

E como eu disse, acho que é um método de construção, e acima de tudo uma concepção nova de política porque é preciso estimular a participação, a inclusão, enfim, de milhares e milhões de pessoas porque é o que vai garantir que uma organização não descambe para a lógica da burocracia, ou para a cooptação.

Você perguntou do MST. O MST vive um dilema, porque do ponto de vista de movimento de luta pela terra e pela reforma agrária, não posso negar que dentro do movimento haja pessoas que acreditem que é possível ainda desenvolver uma reforma agrária dentro da lógica e do Estado burguês. Mas a grande maioria não. Entretanto, a necessidade do MST, da sua luta imediata e da sobrevivência do próprio MST, enquanto movimento, nos leva para a luta sindical muito fortemente. E por vezes isso é aparentemente contraditório num processo de luta política. A esquerda trabalhou muito essa questão: a luta econômica descolada da luta política. Eu procuro dialogar no texto com isso. Para mim, a luta econômica e a luta política são partes de um processo de lutas contra o capital. Você não pode separar porque à medida que se separa você cria a idéia de vanguarda, os iluminados, que dominam a política e vão fazer a condução; e a massa, que vai lutar por suas reivindicações etc. – e daí num determinado momento se incomoda, chuta o pau da barraca, vem junto com a vanguarda, toma o poder; e então a vanguarda no poder faz as mudanças de cima para baixo.

Mas o MST vive essa contradição da luta econômica e da luta política, e por vezes tem debates: os revolucionários e o pessoal sindical. Nós buscamos dialogar e tentar discutir que o problema do crédito, o problema econômico, pode se transformar num problema político, ele pode e deve ser transformado numa luta política.

Mas, enfim, são desafios que estão postos na atualidade, porque as velhas concepções – velhas não no sentido pejorativo, não estou aqui jogando tudo na lata do lixo, não é esse o objetivo, eu acho que são importantes, precisamos estudá-las – estão muito presentes na esquerda em geral. Construir novas formas organizativas normalmente é muito difícil, é mais difícil do que reproduzir aquelas que se construíram historicamente – é por isso que eu acho que isso vai levar um tempo de amadurecimento. É um tempo necessário de amadurecimento, e inclusive de elaboração. No texto mencionado e nos

debates conseguimos apontar algumas linhas, entretanto, falta muito a ser construído, é um processo em que deve haver um diálogo muito grande, de novas formas organizativas. Agora, há um tempo para que efetivamente isso se consolide.

*Danilo – Acredito que você esteja pensando nos debates internos, por exemplo, da Consulta Popular; ou, pelo menos, considerando o ciclo PT esgotado, chegando ao limite, você apresenta justamente a proposta dos conselhos populares. Você chega até a citar trechos das propostas de Marx e Engels a respeito da Comuna de Paris e do programa da Liga Spartakus, de Rosa Luxemburgo, como inspiradores (coisa que deveríamos voltar a estudar) para pensar o que seriam movimentos de conselhos populares, os núcleos... Eu queria que você falasse um pouco disso, pensando nesse conceito pós-ciclo PT.*

Eu acho que efetivamente vivemos um momento em que os instrumentos políticos construídos pela classe trabalhadora, que cumpriram um papel importante (muitos ainda cumprem, eles não acabam de uma hora para outra), estão em crise; todos esses instrumentos vivem, em maior ou menor medida, em crise. E há quem diga efetivamente isso. O Mauro Iasi é uma das figuras que tem questionado muito o próprio MST fazendo a seguinte questão, com a qual eu concordo: ou o MST vai ser parte desse velho ciclo que praticamente está sendo enterrado, ou o MST vai ser um dos primeiros movimentos de um novo ciclo que precisa ser construído. E de fato esta questão está posta hoje, e não está decidida. Eu espero que o MST faça parte desse novo ciclo que é preciso construir e que vai surgir. Agora, não tem nada garantido que o MST vai efetivamente caminhar para isso. É um debate – até porque não depende só de vontade, depende de uma série de circunstâncias objetivas etc.

Essa idéia é para dialogar precisamente com a própria Consulta Popular – o texto também foi feito em função disso – que caminhava, e num certo sentido caminha, para a reedição da idéia de partido, partido de quadros. Não quero dizer que não seja importante que existam outros partidos, não quero negar. Agora, essa experiência, no meu modo de ver, já foi desenvolvida quase à exaustão. Partidos de quadros nós temos um monte neste país, principalmente quem se auto-intitule vanguarda.

O nosso grande problema não está aí, não está na construção de um instrumento, com um nome que se diga de quadro etc. Nosso problema está em como organizar a classe trabalhadora. Este é o grande problema, hoje: como organizar o proletariado em geral, não só o operário fabril; como organizar os 6 milhões de empregadas domésticas, como organizar os desempregados, como organizar a infinidade de categorias de trabalhadores. E o pior, aí é meu lado de desânimo. Se tem uma coisa em que, nesta conjuntura, sinto dificuldade é precisamente essa: é que não visualizo muitas organizações preocupadas com isso. Aí eu desanimo, aí eu vejo: “putz, o processo vai demorar mesmo, viu!” Quem é que está organizando isso, eu me pergunto. Bom, nas periferias das cidades nós temos experiências,

mas ainda são pequenas – MTST, outros movimentos, mas muito pequenos. Que outras novas experiências estão sendo desenvolvidas no nosso país? Aí vem o meu lado de pessimismo. Neste aspecto, não tenho nenhuma dúvida. Mas há quem diga: “a qualquer hora dessas vai haver um reascenso de massas”. Eu não visualizo dessa forma. A massa não vai reascender assim e vai dar autorização para um partido desses conduzir para a revolução. Ou a gente constrói esse processo organizativo ou não tem revolução. Não tem nem reascenso – esse é o meu lado pessimista.

Eu acho que estamos num momento muito difícil. Uma parte dos movimentos sociais cooptada, uma parte dos movimentos sociais completamente enfraquecida, ou porque suas direções deixaram os movimentos, ou estão dentro do governo, etc.; uma parte dos movimentos e, entre estes, eu coloco o próprio MST, está enfraquecida pela própria lógica do Estado burguês do governo Lula, um governo que efetivamente criou uma série de problemas para os movimentos sociais. Nós não acumulamos no governo Lula, muito pelo contrário, nós nos enfraquecemos em geral.

O que se imaginava... Aí é que estava o problema também – eu estou juntando um monte de coisas. A estratégia em parte dos movimentos sociais era fortalecer o movimento social e a partir dele criar o braço político para se disputar eleição. A idéia era disputar o parlamento burguês para fortalecer o movimento social. Qual foi o problema? O braço parlamentar ficou forte, enorme, e o braço social, do movimento social se enfraqueceu – e se enfraqueceu não só porque se fortaleceu aqui, mas porque aqui o braço parlamentar está querendo destruir precisamente o braço do movimento social porque não quer conflito de classe. O governo Lula é um governo que abertamente não quer conflito de classe, muito pelo contrário; no movimento sindical nós chamamos de “pelego”, na presidência da República deve ser o amortecedor – se é que se pode chamar de amortecedor, porque eu imagino que deva estar muito mais para lá do que no meio, nessas alturas do campeonato.

Em resumo, olhando para essa situação, o que nós vemos são movimentos enfraquecidos: movimento estudantil, movimento operário. Nós estamos vendo, não é? Uma grande parte aderiu, outra não faz luta etc. Então de onde virá a saída? Daí a idéia de pensar novas formas organizativas e propor – não só para nós, mas para a Consulta Popular, para todo mundo – a construção de um movimento político de novo tipo que parta da idéia de construção dos espaços de poder popular, dos conselhos, buscando as experiências históricas da Liga Spartakus, a experiência da Comuna de Paris, a experiência dos conselhos de Turim (que eram conselhos de fábrica), buscando a própria experiência latino-americana; no México tem várias experiências das comunidades indígenas etc. Nós precisamos visualizar um processo organizativo na forma de organizações locais, de disputas políticas locais. Eu digo no texto: até mesmo eleições, se quiser disputar, não tem problema nenhum, como tática de luta; mas seria preciso que fosse um processo integrado e articulado nacional-

mente, que desse um sentido organizativo, um projeto político de classe, para efetivamente mudarmos este país.

Muita gente não entendeu, muita gente entendeu e critica, acha que o projeto é meio anarquista, não sei o que. Eu não tenho nada de anarquismo, embora respeite muito o pensamento anarquista. Nós precisamos aprender muito, acho que tem muita coisa belíssima que precisamos estudar, e que estigmatizar tudo e todos só interrompe o processo de conhecimento. Aí vem a frase da Rosa: “Não estaremos perdidos se não tivermos desaprendido a aprender”, não é?

Mas, voltando de novo ao nosso tema: eu acho que é um tempo de maturação. Vai ser um tempo de diálogo difícil, um tempo em que é preciso ter muita paciência...

#### *Danilo – A nossa toupeira.*

A nossa toupeira, construir devagarzinho. Nós temos que construir a nossa toupeira devagarzinho. Até agora falei do meu lado negativo. Qual é o lado positivo? Meu lado positivo é que estão surgindo muitos debates interessantes, principalmente na juventude; tem uma juventude se aproximando. Eu tenho andado por aí, e em vários debates aonde fui, mesmo dentro da universidade, até dialogando com os setores da classe média, que estão dentro das universidades, tem muita gente achando que o caminho é por aí.

Mas para chegar a uma conjunção de forças numa decisão política de construir, ainda levará um tempo. E depois da decisão tomada, obviamente levará mais tempo ainda para que efetivamente essa construção possa se fazer ver, se fazer sentir. Mas eu acho e estou convencido de que este é o caminho: ou a gente constrói este processo dos conselhos populares, organizações populares, com um projeto político claro de substituição da sociedade capitalista e construção de uma sociabilidade diferente – o socialismo – ou efetivamente a esquerda amargará muitos anos. O bom da luta de classes é isso: que as coisas não ficam paradas, as contradições estão andando e, obviamente, as contradições vão aparecer e vão surgir novas formas, enfim.

Eu estou me alongando muito. Uma figura muito legal, que traz elementos interessantíssimos para a atualidade, é Milton Santos. Milton Santos dialoga com essa nova realidade, urbana, da periferia etc. e dialoga com um viés muito positivo. Ele traz elementos interessantes que devemos incorporar.

#### *Danilo – A noção de território, sobre a qual ele teoriza e que você também trabalha.*

Exatamente. Eu pego dele a idéia de território. É preciso construir no território, disputar o território, até para não cair naquela lógica de que a única coisa que interessa é a parte. Não, é preciso ver o todo. A parte e o todo se conformam. O todo é conformado por partes. Se você não dialogar com um sujeito que mora lá no local, como é que você constrói? Eu fico falando para quem? E como é que tu dialoga com um militante que está lá no local?

Eu vou contar uma... Em São Paulo tem um debate que é: o militante fica no local, só no local, não sai de lá; a nossa turma começou, de forma pejorativa, a chamar de militante “mandioca”, porque cria raízes no lugar. Aí esse militante mandioca diz: “Mas também o outro só vive viajando! Militante mala de louco, vive na estrada, como é que vai...? Pedra que muito rola nem limbo cria”. Então a impressão é que há um... Os dois são importantes: o que viaja demais e o outro que fica no local. O militante que mora no local, que constrói o local, que dialoga com a problemática local, que tem que dar resposta é fundamental para uma organização. Mas o militante que faz a integração, que articula essa parte com a outra parte é fundamental também. Os dois são importantíssimos. Como é que a gente conjuga aquele militante lá do local – o local que eu estou falando não é só do municípioinho não, é o local lá dentro da fábrica, dentro da universidade, dentro da comunidade, dentro da favela, lá no município do interior – com os militantes com uma certa disponibilidade de circular, viajar etc., etc.

Então para mim a construção de uma organização tem que conjugar esses vários aspectos e essas várias militâncias, dentro de um projeto político. É aquela história: se o sujeito puder dar um dia, ótimo! Se puder dar dois dias por semana, melhor. Agora, se puder dar cinco dias, muito melhor. Tem aqueles que vão trabalhar a semana toda e são fundamentais, imprescindíveis, como diz a frase.

#### *Danilo – Pode crer!*

Por que é que eu destaquei isso? Parece que tem um problema na atualidade, que é o seguinte: a nova sociologia – ou pelo menos vários sociólogos defendem que a questão de classe acabou: “Esse negócio aí é coisa do passado”. Agora fala-se em identidades – então você vê pelo hip-hop, negros, mulheres etc. – e essa é construção do futuro. E o marxismo quadrado acha que isso não tem nenhum sentido. O negócio é clássico: nós vamos resolver a questão de classe, depois a gente resolve os problemas das mulheres, o problema dos negros, o problema de todo mundo. Mas primeiro a gente tem que resolver [risos]... tomar o poder. É aquela história, depois que toma o poder, as coisas se resolvem.

Então eu procurei dialogar no texto com a idéia de que as duas coisas são fundamentais. Eu não perdi a dimensão de classe, o texto todo busca a classe, a questão de classe – para mim é fundamental. Agora, é preciso conjugar esses elementos de classe com elementos outros, que permitam construir o que chamamos no texto de uma alteridade, ou seja, que as pessoas se vejam e que, a partir desse se ver, se situar, socializem suas experiências – “Nós vivemos um problema comum, estamos na mesma favela, na mesma comunidade. Nós enfrentamos problemas como falta de luz, falta de condições etc. e o problema é seu e é meu, e assim por diante.”

A pergunta então é: como fazer lutas comuns a partir do território, do local onde se vive? E como integrar no processo de luta experiências que já estão sendo construídas

a partir da cultura, do hip-hop, por exemplo. Como é que você integra no processo de luta essas experiências? Eu acho que é isso que a esquerda não conseguiu fazer no passado, que é trazer para dentro o debate cultural, o debate sobre a subjetividade, para inclusive a luta se tornar muito mais rica do que aquela coisa rígida de antes: você fecha a cara, tem que derrotar todo mundo e depois resolve lá na frente. Aí se construíram experiências que nós vimos onde deram.

Mas do ponto de vista organizativo é muito difícil dizer qual é o jeito de organizar; a tentativa, inclusive, dos conselhos populares é apontar um caminho – mas que não seja fixo, que não seja uma coisa fechada, que seja uma forma de dar conteúdo e organicidade a um projeto em andamento. Então se nós construirmos vários núcleos – em vários lugares deste país, dentro das comunidades –, dialogando com o povo real, objetivo e com as suas necessidades nós poderemos construir uma força política com uma dimensão bastante grande.

Também num outro texto (acho que não é neste) a gente se pergunta como chegar ao povo. Pode ser a partir da cultura, a partir da arte? Às vezes a gente quer chegar lá só pela via econômica. Aí, faz aquela lista de reivindicações: “o que a comunidade precisa? Ah, precisa de água, etc., etc.” Tem outras vias para estabelecer diálogo com o povo. Uma vez a gente cogitou de filmes populares – ir para as periferias passar filmes, dialogar e assim por diante. E estas propostas não são nada novas, a gente já experimentou em outras épocas. É preciso pensar e lançar mão de outras formas de dialogar com o nosso povo, formas didático-pedagógicas que nos permitam, não só através da agitação clássica, dialogar com o povo e com as suas necessidades, e a partir disso estabelecer laços e construir lutas que possam nos levar à superação disso.

Quanto às formas organizativas, eu acho que a própria experiência do MTST – mais recente – da periferia ativa, é muito interessante, porque também parte da idéia de dialogar com o que existe. Nós temos que dialogar com essa realidade objetiva, o que não significa ficar só nisso. Mas é preciso partir daí para ir construindo processos como a experiência dos conselhos populares no Ceará, que, embora pequena, está começando; ela é muito interessante porque vai dialogar precisamente com as comunidades pobres. Mas tem outras formas organizativas de que poderíamos lançar mão.

Acho que do ponto de vista político, se conseguíssemos chegar a um projeto que estabelecesse que daqui a cinco, dez anos vamos ter um núcleo organizado, um conselho organizado, ou vários conselhos organizados em três, quatro mil municípios deste país e tomar a decisão – “tal dia nós vamos parar esse negócio aqui” –, aí teríamos força política para dizer que a correlação de forças vai se alterar. Mas – “ah! não, porque agora no 1º de maio...” – com quem? Vamos fazer propaganda na televisão, chamar a turma na rua e lá vamos convencer todo mundo a ir pra luta? Me engana que eu gosto! Desse jeito não sai reascenso e não sai revolução.

Portanto a preocupação era esta – e é esta: como organizar a classe nos seus locais, no território, a partir da problemática local, sem deixar de organizar a categoria. Eu não estou negando a organização da categoria. Os metroviários têm que se organizar etc. Nós temos que conjugar várias formas organizativas, não é uma única forma, mas com um projeto político comum – e eu acho que isso está posto, que as formas clássicas já não dão conta. É preciso pensar em novas formas, principalmente num mundo urbanizado, precarizado e que tende a ser cada vez pior. Esse que é o grande problema, a barbárie tende a ser muito pior. Como nos organizarmos?

*Danilo – Até porque justamente essa esfera cultural, essa esfera da subjetividade foi onde o capitalismo, nos últimos tempos, atuou prioritariamente para limitar qualquer tipo de espaço que permita a formação política.*

*Nicolau – Com certeza.*

A indústria cultural está aí para isso.

*Danilo – Uma última questão que considero fundamental para a esquerda brasileira também está relacionada com tudo isso de que falamos até agora: trata-se da questão nacional, um tema que na conversa com o Paulo Arantes apareceu muito. O problema é o seguinte: muitas vezes os movimentos dos quais participamos não conseguem se desprender ou dar uma ênfase menor à questão nacional, em detrimento de um capitalismo global e de uma luta cada vez mais global contra esse capitalismo que dominou todas as esferas, não só materiais, não só nacionais, mas inclusive psíquicas, como eu dizia há pouco.*

Com certeza.

*Danilo – Nós vemos em muitos movimentos dos quais fazemos parte uma ênfase demasiada na questão nacional, perdendo-se de vista articulações e questões voltadas para um internacionalismo atualizado, que também eram muito caras a Rosa Luxemburgo. Gostaria de saber como você vê a idéia de projeto simplesmente nacional, de revolução simplesmente brasileira, e se é possível inclusive pensar hoje numa revolução, num processo revolucionário nacional.*

Primeiro aspecto, eu acho que as questões postas para a humanidade são postas para a humanidade. Eu não tenho nenhuma dúvida. Não vai ser uma questão que vai ser resolvida dentro dos marcos de um país, de cinco países etc. São questões postas para a humanidade. “Socialismo ou barbárie” para a humanidade, não para o povo brasileiro. A perspectiva de construção de uma nova sociabilidade que se sobreponha ao Estado, à lógica burguesa, está posta para a humanidade. Eu não tenho nenhuma dúvida: ou a gente constrói uma outra sociabilidade em escala internacional, ou não tem como sustentar um projeto dentro de um país. É só vermos a situação de Cuba...

Entretanto, como fazer isso? E aí eu vou de novo para o local e para o geral. Eu sou da opinião seguinte, que... Bom, você pega um município, como eu trabalho; um local, um município é uma parte. Ele é uma totalidade enquanto município, porque engloba várias comunidades, mas ele é uma parte de uma região, dentro do Estado. A região também é uma totalidade e é uma parte do Estado; o Estado é uma parte, é uma totalidade e uma parte do Brasil; e o Brasil é uma totalidade e uma parte do mundo, do planeta Terra, se quisermos, e assim por diante. Então como é que tu dialoga com o local, e com o geral? Essa é uma questão que também está posta em escala internacional.

Da mesma forma a gente dialoga no local, porque é no local que as pessoas vivem objetivamente, e, portanto, nós precisamos dialogar com elas nos locais onde vivem, porque senão tu não constrói organização com base realmente local e com base real. Também acho que a luta dentro do país é fundamental. O modo como se constrói a luta de classes e o enfrentamento dentro de cada país é uma coisa fundamental. Como é que você dialoga com outras experiências se você não constrói também dentro dos marcos do teu país um enfrentamento? Pode se pintar de vermelho que ninguém vai te dar bola.

Então, eu vejo a luta nesta perspectiva: tem questões que são questões nacionais, que precisam ser enfrentadas dentro dos marcos de um país, é ali que você dá concretude à tua luta. É muito difícil pensarmos em grandes mobilizações de massa juntando o mundo inteiro, objetivamente não se poderia fazer isso. Mas dentro de vários países é possível fazer grandes mobilizações em todo o mundo. Então o local é fundamental, nunca está fora.

Temos uma experiência interessante que é a experiência da Via Campesina, com todos os seus limites. Temos muitas contradições dentro da Via Campesina. Há quem ache que a agricultura camponesa é a salvação do mundo. Não precisa socialismo se ela chegar a resolver os problemas dos camponeses [risos]. Mas ao mesmo tempo, ela se organiza nos países e desenvolve uma articulação internacional e lutas internacionais. E fez lutas interessantíssimas contra a OMC, a luta de Cancun, Hong Kong, Seattle mesmo, lá eles falavam muito da Via Campesina. Ou seja, a Via Campesina consegue fazer lutas internacionais e ao mesmo tempo dentro de cada país. Para mim é um exemplo muito interessante, apesar de todas as contradições.

Eu acho – aliás, o que tem de mais avançado na atualidade, não é puxação de saco porque eu sou do MST não – que o que tem de mais avançado na atualidade em termos de movimento social e em articulação mundial é a Via Campesina, que está em todos os continentes. Há pouco tempo estive na Coreia do Sul, ela está presente; em Moçambique estamos criando uma escola da Via Campesina, com a ajuda de companheiros do MST, inclusive para fortalecer as organizações camponesas na África. Também na Ásia está sendo construída uma articulação política muito interessante. É de fato uma experiência extraordinária, em determinados momentos, nós mobilizarmos tantos camponeses...



*Auto-retrato para Hans Diefenbach, 1911*

## PAULO ARANTES\*

*Danilo – Nas reuniões preparatórias para a inauguração da nova sede do Instituto Rosa Luxemburgo, sugeri que fosse feito um pequeno filme que juntasse alguns depoimentos sobre ela e alguns experimentos – seja material iconográfico, como o filme de Margarethe von Trotta e outros, seja algumas cenas de ficção com a Georgette Fadel, que topou e se empolgou com a idéia. Pensamos em alguns depoimentos: Angela Mendes de Almeida, Gilmar Mauro, Isabel Loureiro, Paul Singer, você. Como você não é especialista em Rosa Luxemburgo, nossa maneira de entrar no assunto é justamente retomando a interpretação que Lukács faz de Rosa em História e consciência de classe, um livro que foi fundamental na sua formação e que está na origem do assim chamado “marxismo ocidental”. Gostaria que você comentasse o papel e a importância da reflexão de Rosa (que Lukács chama de “altamente arejada” devido precisamente a uma concepção de totalidade histórica que ele considera “bastante dialética”) em comparação com Bernstein e companhia, que ele acusava de mecanicista e parcial. Em que medida Rosa teria importância para o “marxismo ocidental” posterior?*

Quando reli o livro há uns vinte e poucos anos, imaginei o seguinte: na teoria da reificação de Lukács, reificação e objetivação coincidem. Portanto, essa fusão fantasmagórica entre sujeito e objeto não tem ponto de fuga, não tem fresta, não tem nenhum escape. É um livro genial que reinventou o assunto do fetichismo no marxismo, que tinha desaparecido desde o jovem Marx. Mas por outro lado é um livro esquizofrênico porque não há lugar para a Formação (*Bildung*), embora um ex-orientando meu, Wolfgang Leo Maar (que fez mestrado e doutorado sobre Lukács), tenha por tema justamente a idéia de formação em Lukács. Ora, em *História e consciência de classe* não há formação possível. A idéia de reificação, de abstração pela forma mercadoria não permite a formação da consciência, nem o protagonismo de um sujeito – não há subjetivação possível. De modo que Lukács, ao fazer um livro assim tão genial, que será banido da tradição marxista (tanto que só foi publicado na França nos anos 60), está no entanto simplesmente glosando a teoria clássica de Kautsky, depois encampada por Lênin, sobre a consciência introduzida de fora na classe operária. Essa consciência é sempre exterior; a ciência, a consciência, a formação, é tudo exterior.

Portanto, Lukács é radicalmente anti-luxemburguista. Ele é o teórico, por excelência, da necessidade de um partido de vanguarda leninista que traga a consciência, a ciência, a teoria, de fora. No mundo reificado ela não existe. É claro que vai ter que explicar

\* Professor aposentado do Departamento de Filosofia da USP.

o milagre. Como é que esse saber, essa consciência, aparece numa organização? Então escreve um texto especulativo, hegeliano, sobre a mediação entre sujeito e objeto – a práxis – para justificar a importância da organização. Esta é responsável pelo milagre da eclosão da consciência num partido de vanguarda. Naturalmente ele é o teórico de um partido, digamos, autoritário. E não tem como explicar o milagre do surgimento da consciência no partido de vanguarda, já que as massas estão completamente tomadas pela reificação. (É o que está acontecendo com nossos amigos da revista *Krisis*, para os quais a dominação não tem sujeito; não existe mais possibilidade de sujeito, o sujeito é o dinheiro. E como não pode ter partido, eles estão perdidos em um gueto, falando sozinhos.) O que estou dizendo sobre *História e consciência de classe* é uma impressão de leitura de vinte e poucos anos atrás, que possivelmente se fosse aos textos, teríamos que nuançar. E não sei se corresponde à verdade, foi o que ficou.

É por isso que existe um Lukács dual: ele foi um teórico extraordinário naquele momento e, por outro lado, inteiramente alinhado com o Partido Comunista – num mundo dominado pela reificação é preciso explicar como se dá o milagre da consciência, como aparece um sujeito. O ponto de vista da classe operária no mundo reificado pelo capital e pela mercadoria é o ponto de vista da sua vanguarda.

A novidade é a análise que ele faz da reificação. Do ponto de vista da história das idéias, ele não está dizendo nada mais nada menos do que toda a *Aufklärung*, do que todo o Iluminismo francês disse durante o século XVIII. Era o paradoxo da revolução burguesa na filosofia clássica alemã, encharcada de Iluminismo francês. Por que a educação era fundamental? Porque era incompreensível que de uma sociedade corrompida pela servidão do Antigo Regime nascesse a consciência da liberdade em condições de edificar uma nova ordem emancipada.

Então qual é a solução? Tem a solução da guilhotina, você corta pela raiz. O resultado não foi brilhante. E tem a solução alemã cordial, de Kant, Schiller, até Hegel: a educação, até fazer com que a incongruência entre entendimento e sensibilidade, característica do mundo desencantado da modernidade, seja virada de ponta-cabeça, e você, por esse processo de educação da humanidade saia, digamos, em condições de cumprir, de levar adiante a ordem nova. Esse é o paradoxo da Revolução Francesa. E quem foi o primeiro a assinalar que esse era o paradoxo da teoria da revolução na prática francesa e na filosofia clássica alemã? O Marx das *Teses sobre Feuerbach*. Quem vai educar os educadores? É uma bela solução, a práxis revolucionária.

E até hoje, fazendo um curto circuito, este é o problema do MST – que é uma organização que vive da formação e sem a formação não é nada. Quem forma os nossos formadores? O mesmo dilema está lá. Você tem um sujeito completamente apassivado pela carência absoluta e que pode portanto ser cooptado por uma cesta

básica. Como é que este cara vai ter coragem de cortar uma cerca e arriscar a família e tudo o mais, fazer uma ocupação e sobreviver na ocupação? Ele tem, e a ocupação acontece. Esse é o milagre da revolta, que em *História e consciência de classe* Lukács diz que não pode acontecer.

É claro que isto é um saber a respeito dessa sociedade que não existia. Porque antes existia o quê na consciência socialista ou marxista vulgar? Era o conflito de interesses entre pobres e ricos, assalariados e exploradores. Era uma arena dramática. A parte estrutural do marxismo tinha ficado completamente de lado. Ele foi o primeiro a dizer que os agentes sociais são apenas portadores de categorias. Os sujeitos seguem leis sociais semelhantes às leis da natureza. Seguem leis, só que essas leis têm uma origem social, numa sociedade antagônica. Então o marxismo original consiste em mostrar que nesse confronto de classes existe uma estrutura que governa esse antagonismo e que se torna independente dos atores sociais.

*Danilo – Podemos ver certa semelhança entre o que você está dizendo e as idéias de Rosa Luxemburgo. No pensamento dela também parece existir uma espécie de dualidade que se traduz na idéia de que o socialismo está “garantido” pelas leis que regem o processo histórico, mas ao mesmo tempo essa “garantia” não prescinde de uma aposta apaixonada na ação revolucionária. Se não houver aposta, se não houver risco, se não nos arriscarmos não haverá nenhuma possibilidade de superação do capitalismo.*

Até onde me recordo da leitura da tese de doutorado da Bel [Isabel Loureiro], que procura fazer uma reconstituição da filosofia política de Rosa Luxemburgo, o problema era justamente essa dualidade, ou essa alternância constante em todo o século XIX (que vem de Hegel, e que ele resolveu de maneira muito engenhosa). Na verdade trata-se do paradoxo da revolução. Havia esses dois registros: por um lado, a idéia de necessidade histórica inelutável, e, por outro, a idéia de que a necessidade histórica não se cumpriria se não houvesse a irrupção da liberdade de uma classe específica, de uma classe que era revolucionária porque carregava a contradição de todo o sistema.

Todos os grandes teóricos da época fazem parte dessa galáxia de pensamento (que tem a ver com esse ciclo histórico das revoluções) em que todo mundo via a história a seu favor. Todos eles, até mesmo Rosa Luxemburgo, os teóricos dos conselhos, enfim, todos os que se debruçaram sobre a espontaneidade organizativa do poder popular dizem: essa criatividade, esse ressurgimento da democracia, quando os explorados se reúnem e decidem o seu próprio destino é alguma coisa que está inscrita na necessidade do capitalismo contemporâneo. Nenhum deles entende isso como uma ruptura utópica como, por exemplo, os radicais da Revolução Inglesa do século XVII. São sempre revoluções que estão cumprindo um destino.

Para os *Levellers* [niveladores], para os *Diggers* [cavadores], os que, segundo Christopher Hill, botaram o mundo de cabeça para baixo, não havia necessidade histórica alguma, era a liberdade absoluta de dar um pulo para fora do sistema de opressão. Um ou outro se inspirava na Bíblia, mas não eram revoluções para realizar alguma coisa. Era irrupção utópica mesmo, uma espécie de sopro libertário, que vem de baixo, vem dos oprimidos porque em última instância é assim, está escrito na Bíblia, tem algo a ver com redenção.

Já nos revolucionários do século XIX, socialistas, marxistas, a utopia é sinal de não-ciência, ou de bobagem. O espírito utópico, salvo em Bloch, que vem do expressionismo alemão, salvo em Benjamin, que vem da vanguarda artística e da tradição messiânica judaica, milenarista, não existe. De modo que quando Rosa Luxemburgo diz que a espontaneidade revolucionária da massa, que se auto-organiza nos momentos revolucionários, não surge da noite para o dia, isso significa simplesmente que ela se antecipa para cumprir uma possibilidade histórica cuja realização se oferece nesse momento. Não é para sair da sociedade opressiva, como no caso da mentalidade utópica. Por isso, nessa tradição, utopia e história se opõem, são incompatíveis.

*Nicolau – Gostaria que você comentasse uma passagem de uma carta de Rosa Luxemburgo a Leo Jogiches, de 1º de maio de 1899, em que ela se diz assumidamente idealista: “a suprema ratio à qual cheguei a partir de toda a minha experiência revolucionária polonesa e alemã é que sempre devemos ser nós mesmos, sem levar em conta o que nos cerca nem os outros. Ora, eu sou e quero continuar sendo uma idealista, tanto no movimento alemão, quanto no polonês.” E sempre que se fala de maneira pejorativa de Rosa nas lutas internas da Internacional e do próprio KPD, idealismo é uma das acusações. Como você vê isso?*

Para ela, trata-se de idealismo em relação à causa, o que significa: “eu não faço *Realpolitik*, não faço política de poder.” E por isso é acusada de idealismo. Aí, ironicamente, ela inverte o que é xingamento na época, e diz: “sou idealista mesmo, socialismo para mim não é luta de poder, não se resume à conquista do poder.” E também não é utopia. Como para ela existe necessidade histórica, e o sistema é contraditório, desmorona se não se expandir (daí a sua teoria do imperialismo), então Rosa não pode mais falar em utopia, no sentido de irrupção de um evento catastrófico. Utopia no bom sentido é isso. E a premonição que você tem dessa possibilidade. Não é inteiramente voluntarista.

Há um livro importante da Seyla Benhabib [*Critique, Norm, and Utopia*, 1987] em que ela faz uma reconstituição muito bem feita dos impasses de Marx até os frankfurtianos dos anos 1930, 1940. Ela diz o seguinte (isso está no Horkheimer dos anos 1930, não inteiramente explicitado, quando diz o que é a teoria crítica): a teoria crítica da sociedade (outra maneira de se referir ao marxismo) comporta uma crítica imanente,

no sentido hegeliano – nós criticamos e superamos o mundo com o mundo, criticamos a realidade nos seus próprios termos. Portanto não é uma projeção visionária de uma vontade abstrata. Quer dizer, é a sociedade burguesa capitalista liberal que oferece os critérios a partir dos quais será julgada.

Mas a Seyla Benhabib diz que a teoria crítica tem uma segunda dimensão, a dimensão normativa – crítica e norma. Essa dimensão normativa também é, digamos, imanente. Isto é, os princípios de superação do sistema são produzidos pelo próprio sistema, como acontece com as idéias de justiça, liberdade, igualdade, que estão na esfera da circulação de mercadorias. E a ideologia burguesa só é falsa porque diz que já é realidade o que ainda não é realidade. Portanto, a idéia de norma é a realização de um universal. A filosofia, de Platão ao Iluminismo francês e ao idealismo alemão, pode ser resumida na idéia de uma espécie de disjunção entre o ser e o dever-ser – e o dever-ser é um complemento, um prolongamento, uma realização daquilo que o ser promete e em nome do qual se faz a crítica da realidade. É assim que Marcuse comenta a Teoria das Idéias de Platão.

Portanto, a revolução, ou o socialismo, ou a emancipação da espécie – como na filosofia da história de Marx – é mobilizada por essa crítica imanente, que implica na realização dessa norma interior que se formou ao longo da evolução da espécie, desde o primeiro macaco transformando osso em martelo. É uma realização desses universais que a história, enquanto tal, traz em si mesma. A dimensão normativa pode aparecer, por exemplo, na crítica do direito. A luta por direitos, que vem do séc. XVIII, do Iluminismo, é um momento normativo dessa emancipação. Na verdade, o que Seyla Benhabib está dizendo é que os marxistas, os socialistas não inventaram nada. Aliás, se vangloriam de não ter inventado nada. Eles acordam a humanidade; ela está sonhando e desperta. Em outras palavras, a humanidade vai realizar aquilo que sonhou.

Mas além dessa realização intrínseca de normas (no caso realização de direitos, de valores, de universais), existe uma terceira dimensão, que Benhabib chama de utópica. Essa dimensão utópica confere um novo sentido às coisas, sem o que a realização dessas normas – através do desbloqueio dos obstáculos que impediam a verdadeira emancipação da humanidade – se torna banal. Há um acréscimo de significação nos atos das pessoas num momento de ruptura e de transformação, sem o que uma revolução não é uma revolução; ela se torna banal, sem significado e, portanto, pode ser o equivalente de um cemitério.

Onde é que aparece novamente essa dimensão utópica? Na arte de vanguarda. E quem é que introduziu isso na tradição marxista? Benjamin, Bloch, o pessoal que vem do outro lado, e sem o que a revolução se torna uma realização burocrática – e depois falsa – de normas abstratas, embutidas num processo histórico quimérico. Transforma-se em



legalidade. É bom lembrar que a constituição stalinista é a mais livre do mundo. Portanto, sem idealismo, a revolução, rigorosamente, não tem sentido. Era isso que Rosa Luxemburgo queria dizer quando escrevia: “eu sou idealista”.

E o mais interessante é que é esta a impressão que as pessoas têm quando não sabem das coisas. Os nossos intelectuais ilustrados e céticos, quando entram em contato com um movimento social como o MST dizem que ele é ingênuo, kitsch, rudimentar, cristianismo agrário – porque é idealista. Por exemplo, revolução para os sem-terra não é simplesmente redistribuição de terras, é algo mais. É por isso que ninguém pode desfazer o nó que os liga à origem religiosa deles. Se não houver essa dimensão utópica, messiânica, transcendente, eles não teriam energia para ocupar um latifúndio! Não tem como! E Seyla Benhabib vê claramente que sem essa terceira dimensão – e isso está embutido nos frankfurtianos, com maior ou menor ênfase – a revolução não tem sentido, é uma coisa banal.

*Danilo – Vamos falar da Rosa de A acumulação do capital. Eu gostaria que você comentasse a visão que ela tinha do processo de colonização, distinta de outros contemporâneos – tanto a colonização da periferia quanto a colonização das formas não-capitalistas de sociabilidade.*

A novidade da Rosa que eu prezo e me chamou atenção, foi por uma razão muito simples, porque eu, na minha ignorância – eu também não sou especialista – quem resuscitou essa dimensão da teoria da Rosa foi o David Harvey em *O novo imperialismo*. O que tem de novo? É imperialismo, mas ao mesmo tempo é novo.

Para nós entendermos o que está se passando na periferia e no coração do sistema – diz o Harvey –, não seria demais relermos a Rosa – e então ele vai lá na teoria da acumulação, e diz: “Olha, a acumulação primitiva não é primitiva, ela é permanente. A acumulação primitiva acompanha o sistema até o fim.” Só que todo mundo achou que isso não fazia muito sentido, primeiro porque não entenderam o que ela quis dizer; e segundo porque o estereótipo é: Rosa Luxemburgo diz que o capital desmorona se não tiver uma zona de não-capitalismo para avançar. Daí a explicação do sistema colonial moderno e por aí afora.

Com a globalização, isso acabou – todo planeta é capitalista – está definitivamente sepultada, é uma relíquia histórica. Como você estava lembrando, e o Harvey também diz: acontece que existem bolsões, são fronteiras de acumulação que ainda não foram colonizadas. Então você entra em tudo, desde a educação até genoma. O que a moça disse é exatamente isso: o genoma, as sementes, a água, e assim por diante são mercadorias novas – você gera mercadorias novas na expansão propriamente física do sistema – a exportação de capital. Só que quando o capitalismo chegava lá, o terreno já estava preparado – e foi isso que ela viu. Portanto, era uma acumulação primitiva se

reproduzindo novamente. Agora você continua isso. E o Harvey descobriu, ele disse: “Olha, foi ela quem disse.”

O que caracteriza o que François Chesnais chama de regime de acumulação sob dominância financeira é o que Harvey chama de acumulação por despossessão (em inglês literal) ou por espoliação – e é o que configura, digamos, o desenho imperialista da atualidade. Não é preciso sair por aí colonizando, embora, não por acaso, tenhamos várias ocupações: Iraque, Afeganistão, Cisjordânia. Esta aliás é uma ocupação *sui generis*: um assentamento colonial, uma ocupação de território (nesse sentido é uma expropriação típica, é acumulação primitiva escancarada), e ao mesmo tempo é uma ocupação militar estratégica, uma sociedade de colonos militarizados – nesse sentido, não dá para dizer que é territorialismo capitalista.

Em resumo, no caso de Rosa Luxemburgo, temos essas duas dimensões: primeiro, o capital precisa dessa terra virgem para explorar, e uma vez que explora cobra o pedágio do acesso a tudo que se possa imaginar: genoma, semente, fármacos, armamentos. A idéia é que se trata de exploração primitiva, de espoliação, ou seja, de apropriação direta. Temos assim uma chave para entender porque o Estado é central, porque existe guerra e porque tudo está militarizado. No caso do Iraque está escancarado, é apropriação direta e acabou. Só que essa apropriação direta se dá numa fase, digamos assim, de caos sistêmico, como diria Arrighi. Então o imperialismo é o sistema de poder que gere este caos sistêmico mundial, é a acumulação indefinida de poder. Segundo Rosa, não há acumulação de capital sem acumulação de poder indefinida. Ou seja, temos acumulação primitiva e expansão da fronteira. Logo, ela acertou e é atual. Significa que seremos luxemburguistas? Não, seria um disparate. Homenageia-se...

*Danilo – Ela chega a dizer que o capitalismo é, por definição, extralegal.*

Há uma tese de doutorado interessante de um jovem pesquisador (vale a pena registrar, porque a nova geração tem que entrar em campo) da USP, Caio Roberto Bourg de Mello, sobre sistema de crédito no capital, que tem um capítulo dedicado a Rosa Luxemburgo, em que procura mostrar algo que ela não viu (não sei se ele está vendo demais, mas é muito interessante). O que o Caio Roberto diz (e é uma variante inteligente das idéias de Robert Kurz) é que nessa teoria da acumulação primitiva, da expansão colonial do sistema – colonização pela forma mercadoria – nós encontramos uma teoria da modernização que vem a ser a expropriação militarizada, monetarização através da guerra, da organização como esfera social autônoma das forças armadas, do crédito – portanto do endividamento do Estado, que faz com que a mola propulsora da acumulação permita que ela vá adiante. E, portanto, temos uma outra dimensão, além do trabalho abstrato, que é a dimensão predatória, a dimensão da coerção. Assim sendo, o processo de constituição do assalariamento é um processo de

militarização, de assujeitamento, de coerção que explica o que está acontecendo. Só que ele diz: isso acompanha todo o sistema, sem o que a acumulação não é possível. A acumulação é impossível sem a expropriação de uma periferia, a qual tem uma estrutura que se chama crédito. Esse é o poder capitalista por excelência – só que o crédito aparece quando começa a financiar a indústria da guerra através do Estado. E é esse sistema coercitivo que vai propiciar em seguida a aparição do sujeito assalariado, do trabalho abstrato. Todo mundo é forçado a trabalhar a toque de coronhada. E o sistema de crédito, o endividamento do Estado é que é a fonte dessa acumulação, que é permanente.

O sistema de crédito mundial está funcionando assim e o Caio, na tentativa de formular isso teoricamente, procura, de maneira original, mostrar como é que funciona a idéia de crédito em Marx, além do que está no Terceiro Livro de *O capital*. Nesse trajeto recupera Rosa Luxemburgo, e, para criticar a insuficiência da Rosa, recupera a teoria dela. Em seguida passa a criticá-la porque, segundo ele, ela tem ainda uma visão convencional da colonização, não levou o crédito em consideração; ela estava pensando apenas no trabalho abstrato – como é que aparecia mercadoria para trocar, na periferia. A mercadoria aparece porque antes dela já estava lá a exportação de capital que vai pela presença do exército, pela presença do coletor de impostos – ele redescobre Marx na figura do coletor de impostos.

*Nicolau – Mudando um pouco de assunto. Qual seria o lugar do intelectual – se é orgânico, se não é – numa perspectiva revolucionária?*

*Danilo – Hoje quando pensamos no papel do intelectual ficamos num dilema: ou a não-participação absoluta, já que qualquer tipo de participação é um tipo de adesão e reiteração da barbárie, mas como ao mesmo tempo estamos diante do avanço da barbárie, que ocorre independentemente deste intelectual isolado na torre de marfim, isso impõe a participação. Como podemos aprofundar essa questão?*

Podemos partir do artigo de Roberto Schwarz “Nunca fomos tão engajados”, escrito em 1994, durante a campanha de Fernando Henrique Cardoso. Ele dizia o seguinte: a idéia do intelectual engajado à la Sartre (Sartre é o modelo, podia ser Zola) colocando-se geralmente do lado de uma causa perdida (como no caso do processo Dreyfus com Zola) é sempre o advogado voluntário, mas não requisitado como tal, de uma camada social oprimida por várias razões: preconceito, racismo, exploração econômica e tudo o que você possa imaginar. O engajamento mais estrutural é o engajamento ao lado da classe operária que, no limite, implica que o intelectual se torne orgânico. É o caso famoso de Lukács, examinado no livro de Michael Löwy sobre Lukács e os intelectuais. Tanto isso é verdade que ele passa a ser o principal filósofo do momento Lênin, do século XX.

O raciocínio de Roberto Schwarz tinha como modelo Joaquim Nabuco no Brasil. Nenhum escravo delegou ou pediu que os intelectuais, os escritores – que a elite branca

brasileira tomasse as suas dores e advogasse a sua causa porque nem tinha condições para isso. Era um mandato da raça negra, mas um mandato tácito, implícito. Não era só uma causa humanitária; no caso de Nabuco era também estritamente instrumental. A idéia era que se nós não abolíssemos a escravidão ficaríamos para trás como um navio negreiro, um Estado pirata, fora da Segunda Revolução Industrial; portanto, seríamos piores do que a África. Para Nabuco, a abolição era uma questão de sobrevivência do capitalismo no Brasil.

O engajamento implica assim a idéia de que existe uma força intelectual e moral à disposição de uma massa oprimida. Em seguida isso caminha até a classe operária e o intelectual adere à causa do proletariado. A partir de um certo momento, diz Roberto Schwarz (pensando no Brasil e na Europa), com o próprio processo de acumulação, e as grandes massas proletarizadas se auto-organizando na forma de partidos, sindicatos, ganhando eleições etc., inverte-se a relação. Isto é, a classe oprimida, como disse Marx, é o próprio sujeito de seu processo de emancipação e, portanto, dispensa os serviços desses advogados de causas perdidas, ou das grandes injustiças. Assim o intelectual engajado entra em estado de disponibilidade, não tem missão histórica, a bem dizer, porque os prejudicados cuidam de si mesmos. O intelectual no máximo assina um manifesto de vez em quando.

A partir daí, no artigo em pauta, há um corte no argumento. Há um auge, que vai de Nabuco até a mobilização da “classe intelectual” brasileira na resistência à ditadura, quando aparecem novos intelectuais engajados, que são os advogados que arriscam o pescoço defendendo presos políticos, denunciando a tortura etc. Com a abertura, isso desaparece. Engajar-se no que? É mais ou menos o que está implícito no artigo de Roberto Schwarz. A classe trabalhadora brasileira tem um partido de massa (lembramos que o artigo é de 1994), em 1989 quase ganhou as eleições presidenciais, as centrais sindicais estão presentes, a ditadura acabou. O intelectual engajado, perto dos grandes sindicatos, das grandes centrais, dos grandes partidos de massa não é nada, perdeu a função, desaparece do comando.

O que aconteceu? No processo de abertura, advogados, jornalistas, escritores, publicitários, professores, todo mundo que estava apoiando as greves do ABC, e em seguida a formação das centrais sindicais, do PT etc. foi mais ou menos se especializando. E quando veio a abertura política, e não havia mais a ditadura pela frente, o grande inimigo, o capital, passa a ser tarefa de um grande partido. Esse partido recrutava seus intelectuais orgânicos: economistas, dirigentes sindicais, especialistas em administração, gestão de conflitos, advogados trabalhistas – todos especializados. Não havia “o” intelectual orgânico; ao contrário do Partido Comunista, não existia um Lênin no PT.

Então o que diz Roberto Schwarz? Com a abertura, na segunda metade dos anos 1980 e início dos anos 1990, ficou uma massa de intelectuais progressistas disponíveis para es-

ses pequenos serviços, digamos, de linha auxiliar do aprofundamento da luta democrática, primeiro contra a ditadura, e em seguida para que o processo de reconstrução do país fosse levado a bom termo. Tornaram-se pessoas que estão trabalhando – empregados – para sindicatos, partidos, prefeituras etc. É isso.

É claro que aí ele comete um deslize deliberado, que é o truque do artigo, de chamar de engajamento o que não é mais engajamento. O fulano que está trabalhando como assessor do diretório municipal do PT na prefeitura de Santo André não está engajado; ele está ao lado do PT, é militante, faz assessoria na área técnica da sua especialidade, mas não é mais o intelectual engajado no sentido que vai de Nabuco a Sartre. O X do artigo de Roberto Schwarz é dizer que isso é engajamento. Não é uma calúnia, porque quem está fazendo isso se julga ainda engajado, lutando com uma ditadura imaginária, vê-se sempre açoitado pela direita, o que justifica o emprego. Dessa forma, há um momento em que não dá mais para discernir engajamento de emprego. Roberto Schwarz, em 1994 – depois ele não volta mais ao assunto –, viu a passagem do antigo engajamento da época da ditadura, da luta armada, para instituições como sindicato, partido, imprensa, universidade e diz: “O que esse pessoal está fazendo? No máximo eles são (na forma célebre dele) lobistas de si mesmos”.

Bom, só que a realidade deu um passo a mais – “nunca fomos tão participativos”. E nisso consiste a encrenca na qual estamos metidos. O projeto participativo, que é o projeto petista originário, deu no que sabemos, mas não foi deliberado. Isso antecede a chegada de Lula ao poder. Lula apenas sacramentou uma coisa que já vinha acontecendo à revelia dele e da qual nem tinha noção. A sua única contribuição é não ser pessoalmente de esquerda, portanto ele tende a seguir a tendência. Quando Lula chegou de fato ao poder, o terceiro setor, o PT, as administrações locais, todos os três, com suas respectivas parcerias públicas, tinham arrematado uma massa descomunal de ex-militantes, assistentes sociais, pesquisadores, especialistas do social que estavam participando intensamente da implantação de políticas públicas terceirizadas (ou diretas) ou de parcerias. Existia portanto uma massa de intelectuais engajados que constituíam a animação desta “sociedade civil”, à qual o novo poder capitalista precisa recorrer, e sem a qual as coisas não funcionam. É o desastre do segundo mandato de Fernando Henrique Cardoso que ao ser reeleito aperfeiçoa esse mecanismo.

Todo mundo está participando de alguma política pública – não importa se o horizonte é mais rebaixado ou mais elevado – moradia, saúde, transporte, saneamento, direitos humanos, racismo, mulheres e tudo o que você possa imaginar. Não tem nenhum território do assim chamado social desocupado. Os movimentos sociais estão também nessa rede das parcerias, que um jovem sociólogo chamou de “mercado da cidadania”, e fazem concorrência entre elas. Temos portanto uma massa populacional que está sendo

administrada. E há massa intelectual comprometida com isso, uns sinceramente, outros menos, mas comprometida em implementar esse enxugamento perpétuo do gelo, que é minorar a desigualdade, a distribuição de renda, criar participação cultural, social, de tudo que você possa imaginar.

Qual é a alternativa? Pesquisar, dizer que é isto que está acontecendo? Uma descrição sociológica desse fenômeno, razoavelmente crítica, já implica um passo de comprometimento, porque ela não pode ser politicamente gratuita. Um artista, escritor, poeta, músico, cineasta, romancista pode mostrar isso. Mas um intelectual (a menos que queira fazer carreira de sociólogo, de antropólogo, de politólogo) mostrando o funcionamento de uma sociedade periférica depois da globalização entra na categoria dos engajados, fazendo *lobby* para si mesmo, fazendo carreira, disputando prêmios, fazendo viagens internacionais, dando aula na universidade X,Y, viajando para os Estados Unidos e acabou. E depois você conversa, fala mal do mundo, jantando com os amigos. Nessas circunstâncias aparecem grandes escritores, grandes cineastas. Mas não dá para ser grande intelectual, este é o problema, por mais preparado que se esteja.

*Nicolau – Será o terrorista o último intelectual? É uma pergunta. Pensemos na maneira como Lukács interpreta Dostoiévski.*

Exatamente. E toda interpretação que depois o marxismo russo vai fazer do passado, do século XIX russo, que desemboca na idéia de que o engajamento intelectual, o radicalismo dos nihilistas deu no terrorismo. Embora os marxistas russos considerassem que essa era uma etapa fundamental da formação do seu radicalismo, a entrada em cena do partido da classe operária encerrava a fase do terrorismo, que desmoraliza as massas. A partir daí o terrorismo passa a ser pejorativo, mas até então não era.

Mas eu estava pensando em outra coisa. É que há um lado, digamos, do engajamento intelectual que significa empenho espiritual por uma causa. É o idealismo da Rosa Luxemburgo, que hoje passa por terrorismo, por fanatismo ou por fundamentalismo. Se você acreditou um pouco além da conta numa determinada idéia, você corre o risco de, em nome dessa crença, se transformar num fanático fundamentalista e sair por aí detonando, barbarizando. Só que é claro que isso é uma caricatura, é o imaginário dos intelectuais que, para não serem participativos no sentido carreirista e nivelar por baixo, vão para o outro lado e só enxergam isso. É uma caricatura, claro. Daí o fato de que o terrorista propriamente dito, o islâmico, digamos assim, o homem suicida, o homem-bomba causa essa perplexidade ou essa indignação e é objeto da maior abominação, porque todo mundo tem a consciência pesada! O que causa horror é a idéia de crença, a idéia de convicção intelectual – porque convicção intelectual exige um preço; você não pode estar convencido disto e ficar comendo pizza, esse é

que é o problema. Então a idéia de convicção, você resolve o problema da convicção dizendo: “o cara é fanático, ele é louco.”

*Danilo – E hoje no Brasil, o que seria o intelectual orgânico? Não podemos esquecer que as massas, as bases, são dominadas pelas igrejas evangélicas. A ausência desse intelectual orgânico nas bases, na escolinha rural ou urbana faz uma grande diferença. Queria que você comentasse isso.*

Vamos então falar um pouco da tradição radical brasileira, empenhada na construção nacional. É uma longa história, mas suponho que essa famosa tradição crítica brasileira – feita de um pouco de sociologia, marxismo, literatura brasileira, interpretando o Brasil como periferia do capitalismo – se esgotou. Há mais de 20 anos que ela está marcando passo porque o processo social que a alimentava já tinha se encerrado muito tempo antes.

E mesmo que essa tradição ensaística de interpretação do Brasil não fosse diretamente dependente desse processo social (como aconteceu com a formação da literatura brasileira) ela passou a incluir um certo ar de desalento um pouco artificial. Anda um pouco estilizado demais este desengano em nome da construção nacional que não se completou, sem se interrogar o que significa a construção nacional que não aconteceu numa sociedade de classes, no capitalismo periférico.

Muito bem. Não somos uma sociedade decente, não seremos mais. Há uma melancolia nisso, e essa melancolia impregna nossa tradição crítica, que simplesmente para tratar de qualquer assunto – seja comentar um filme, uma peça de teatro ou examinar uma tese – põe em movimento toda a carpintaria conceitual forjada por essa tradição crítica em quase um século de existência (se começarmos com Nabuco e com Machado de Assis na origem dessa tradição e indo até os últimos livros dos anos 1970, 1980, e encerra). Então ela tornou-se uma máquina retórica. Sabemos quem é herdeiro dessa tradição crítica pela maneira pela qual escreve artigos, ensaios, teses ou livros de interpretação cultural do Brasil – pode ser sobre indústria cultural, cinema, literatura, sociologia, política. Para qualquer assunto mobiliza-se essa maquinaria conceitual, que inclusive reflete sobre si mesma. Ela virou uma máquina retórica que não tem mais nada a dizer. Está encerrada. Ou então recapitula o que fez.

Neste ponto há uma mutação. A sociedade brasileira não existe mais, existe uma outra sociedade – nós a chamamos de brasileira porque todo mundo fala português e tem um histórico comum. Todo mundo sabe quem foi Noel Rosa e Machado de Assis, então somos brasileiros. É uma sociedade de classes, obviamente, mas saber onde estão as classes é outra coisa. Aí é capitalista, mudou. Essa tradição não serve mais porque não explica mais o que está acontecendo – nem Florestan Fernandes, nem Sérgio Buarque, nem Caio Prado. Não adianta, não se extrai mais nada disso aí.

É preciso dar um passo adiante, fazer uma nova teoria crítica, que tenha como objeto o capitalismo contemporâneo e o Brasil em particular. De onde ela virá, não sei. Mas há um tipo de intelectual que está começando a aparecer. Esse tipo de intelectual é alguém que incorporou inteiramente o que passou (a tradição é imprescindível). Essa nova teoria tem que estar criticamente impregnada por isso: ela sabe onde começou, por que é que acabou e o que ela significa. A partir daí, tem que desvencilhar-se do mito da construção nacional interrompida. Acabou. Quem sabe não precisamos mais ser uma sociedade nacional.

A partir daí então identificar o seu destinatário, manter a sua independência e ter um destinatário social e esse destinatário social ser capaz de assimilar a teoria social que se pode fazer a partir de um ponto de vista particular, que ao mesmo tempo é independente e é, entre aspas, engajado. Essa *avis rara* não vai sair mais da geração a que pertencço. Não tem mais condições, no máximo serão conferencistas em centros de formação de movimentos sociais. Ponto.

Aí começa... Não é sarampão luxemburguista e nem estou fazendo demagogia, mas você pode imaginar perfeitamente – e é paradoxal: essa nova teoria tem que partir dos movimentos sociais, mas é quase uma impossibilidade para os movimentos sociais. Eles estão em dissenso absoluto, os que não se enquadraram ainda são franjas do MST, franjas de outros movimentos sociais que além de vulneráveis estão, digamos assim, entregando os últimos anéis. É uma situação de derrisão absoluta.

Um parêntese. Recentemente fui rever *Gota d'água* [de Chico Buarque]. É interessante rever *Gota d'água*. A Georgette [Fadel] diz num determinado momento: “será que eu não tenho mais aliados?” A peça é sobre a classe média nos anos 1970, que tinha sido cooptada pela ditadura. Você acha que ela envelheceu? Não, não envelheceu. Sem fazer nenhuma referência, ela está falando da situação brasileira atual.

Voltando. Os que não se enquadraram são uma franja dos movimentos sociais, uma franja da população deserdada ou daquilo que o sociólogo Jessé Souza chama de “ralé estrutural”, que é uma ralé colonial que não tem mais aliados – está entregue à própria sorte, é massacrável e pode ser cooptada por qualquer Bolsa-Família, porque não tem condições de sobreviver. Essa é a franja independente dos movimentos sociais, mas mesmo assim é obrigada a negociar financiamentos, parcerias etc. porque os problemas são reais. Ao mesmo tempo, pelo fato de não terem nenhum aliado – nem na classe operária tradicional, nem na classe média, salvo ONGs (que são inimigos e não aliados porque vivem deles) – são independentes.

Isto posto, nessa mesma nova sociedade que estamos começando a tentar descobrir e identificar o que é, está acontecendo uma coisa nova que alguns autores franceses chamam (e nós temos que adaptar porque aqui não é a França nem a Europa)

de intelectuais precários. A universidade no Brasil, que se massificou com a ditadura (a classe média e a classe média baixa entraram nas universidades que os militares criaram) produziu o que foi possível. Nós achávamos que com o fim da ditadura se alteraria a estrutura de poder dentro da universidade. Dessa forma daríamos as cartas e teríamos uma aliança de classes entre a universidade avançada – com intelectuais progressistas que lutaram contra a ditadura – e o restante da população. Não ocorreu nada disso, pelo contrário. Quando acabou a ditadura, esses intelectuais avançados se transformaram em gerentes da universidade – com as exceções de praxe e as áreas que ficaram na zona de sombra das Humanidades.

Na universidade também está havendo uma outra metamorfose – não dá para dizer se é rebaixamento ou não, porque não dá para hierarquizar isso. A universidade está se remasificando com a sua extensão privada. Vai chegar um tempo em que não será mais possível distinguir uma universidade federal de uma universidade privada. Todas serão universidades de massa, “escolões”; as pesquisas de ponta que interessam ao capital serão feitas em outro lugar. A universidade interessa para gerir população, e para isso produzirá desde as profissões mais aberrantes (guia turístico, mestre cuca, fisioterapeuta, cuidador de idosos) até intelectual. Queiram ou não os gerentes universitários teremos cursos de Humanidades – rebaixados – e inclusive intelectuais proletários, o que é uma faca de dois gumes: esse estudante não vai conseguir emprego, mas se politiza e pode transformar-se em outra coisa ...

É a essa massa crescente que os franceses estão chamando de intelectuais precários, que no caso da França é diferente do Brasil. Na França tem uma enorme massa crítica, sociólogos, antropólogos, historiadores, arquivistas que não encontram trabalho nas suas áreas e viram publicitários, trabalhando *freelancer*, fazendo bicos – são proletários, são informais, não pagam imposto, são explorados. Enfim, é uma massa intelectual inteiramente precarizada, semelhante aos trabalhadores precários na Europa contemporânea.

Essa precariedade está se repetindo no Brasil. As boas universidades que ainda têm papel formador, formam gente para as “Uni-esquinas”, para fazer proletários, professores que dão aula a semana inteira. Vai fazer o quê? Se mata para conseguir uma bolsa para fazer uma tese decente, para voltar para lá? Oras, esses futuros intelectuais, na universidade, assimilam essa tradição crítica – e uma parte deles está se politizando e constatando a situação lamentável em que se encontram os movimentos sociais no Brasil. É a isso que estou chamando de intelectual orgânico. Tem muita gente que acabou de fazer a universidade e vai para a periferia, vai viver da mão para a boca e tem capacidade intelectual para observar o que está acontecendo e formular. Esses estão se tornando orgânicos.

Ora, dizer que alguém arrebitado, jogado num acampamento, numa ocupação qualquer, vai reformular a teoria crítica no Brasil pode parecer loucura. Mas se não sair daí não vai sair de lugar nenhum. Nesse aspecto a universidade ainda faz sentido. Esses jovens

que estão numa espécie de estado de disponibilidade, que já comeram o pão que o diabo amassou nas “Uni-esquinas”, sabem o que é terceiro setor, sabem o que é ONG, o que é política pública, o que é prefeitura do PT, o que é partido político e não estão mais a fim; sabem que os movimentos sociais também estão apodrecendo, estão encolhendo e que seus militantes querem mesmo é parceria, desmobilização, fortalecer mandato.

Mas quem está dentro dos movimentos sociais sabe que está havendo uma junção pelo canal mais fácil, que é a via cultural – onde é mais fácil escapar, se lançar e fazer a sua própria industriazinha fonográfica alternativa e vender para você mesmo, e fazer uma economia de terceiro setor, uma economia paralela, com moeda própria etc. E aí é muito forte a tentação da ONG, do Centro Cultural, da promoção, da capacitação. Mas de qualquer maneira é lá que as coisas estão acontecendo, de modo que para dar um passo adiante é preciso assimilar a teoria crítica clássica tradicional – não tem outra, é a que está disponível. É difícil dizer se esse vínculo é orgânico ou não. Por exemplo, no meu caso: sou apenas um professor em disponibilidade na USP, que escreveu coisas à esquerda da Crítica Cultural e que é convocado pelo MST para coordenar um curso de formação de quadros na Escola Nacional Florestan Fernandes. É estritamente aquilo que se chamava na França, nos anos 1930, de *compagnon de route* – companheiro de estrada. Mas o próprio MST distingue entre intelectual que vai lá dar aula, e orgânico. Para eles trata-se de formar orgânicos para serem intelectuais, e não militantes doutrinadores. Só que acho que não está aparecendo. Mas, se aparecer, é por aí.

*Danilo – Você acaba de dizer que esse intelectual novo está surgindo, que também na universidade estão surgindo experiências novas, com limites e avanços. Mas como é que fica esse problema de uma teoria revolucionária que viria de fora dos movimentos?*

De onde vem a teoria? Eu acho que a teoria vai continuar vindo de onde sempre veio, de quem passa por instituições – pode ser universidade, centro de estudo, centro de pesquisa, fundação – em que esse saber é acumulado, transmitido e filtrado por critérios independentes. Nesse caso é possível juntar as duas pontas: ou é alguém orgânico que passa pela universidade, ou é alguém que sai da universidade e vai militar nos movimentos sociais. O que é claro é que não vem mais da teoria crítica tradicional brasileira. Essa teoria crítica tradicional brasileira tinha, digamos, o chumbo que fazia com que não pudesse levantar vôo definitivamente, o chumbo que lhe pesava nas asas era o vínculo com o poder do Estado. Mesmo um comunista como Caio Prado tinha em mente – na revolução brasileira – uma coisa indefinida, que passava pela constituição de um poder central de Estado; era importante ser grande funcionário, criador de instituições, inventar novas formas institucionais, etc. O intelectual tinha proximidade com o poder e a massa ficava delegada aos partidos. Esse lastro, que puxava para baixo a teoria crítica

brasileira, acabou com ela no momento que não temos mais a sociedade organizada, que vai ser construída, etc.

*Danilo – E a coisa se complica, justamente, quando o partido intelectual toma o Estado.*

Tomou o Estado, chegou lá. Está todo mundo lá. Nos dois governos, fechou o ciclo, não tem ninguém de fora. Quem está de fora está falando sozinho, como eu [risos]. Vejamos o nosso grande partido de massa, que não nasceu podre, pelo contrário. Eram sobreviventes da luta armada que viram que esse não era o caminho e tinham como proposta construir um partido de massa, cujo projeto era a democracia no Brasil. Democracia no Brasil significa incluir, fazer com que pobre seja cidadão. Se isso acontecesse, seria uma revolução nacional, seria a revolução brasileira do Caio Prado – não precisa ser, necessariamente, socialista, depois se veria no que daria. Seria um terremoto; seguramente, se algo mais sério fosse tentado, ela seria barrada, é óbvio. Mas, de qualquer maneira, o projeto era esse. Ele avançou e organizou a população brasileira – tanto organizou que ganharam as eleições; se não fosse essa organização, isso não aconteceria.

Mas não é esse o meu ponto neste momento. Meu ponto é o seguinte: ao contrário do Partido Comunista, será que o PT inspirou, produziu, sugeriu, induziu a uma interpretação nova do Brasil, da periferia mundial e do capitalismo contemporâneo? Não, nada. Nem se esforçou e nem pensou no assunto. E se pensou no assunto, achou que essa não era atribuição de um partido novo como o PT, um partido de mobilização de massas, para ganhar eleições, democratizar a sociedade brasileira, e dar cidadania e protagonismo político à classe trabalhadora ou dos assalariados, em geral, do Brasil – o que é um projeto respeitável. Na tradição brasileira seria uma revolução, e ele cumpriu essa revolução no início.

O PT dizia que por não ser um partido dogmático, não tinha doutrina; tinha a adesão, e se possível a militância – muito marginal – dos grandes intelectuais brasileiros, herdeiros ou protagonistas da tradição crítica brasileira. Portanto, não espanta que quem assina o Manifesto de lançamento do PT, sejam, entre outros, Mário Pedrosa e Sérgio Buarque de Hollanda (que morreram logo depois). Um intelectual membro do PT como Antonio Candido, que sempre vota no partido, continuou fazendo a obra dele, que é, por definição, progressista, na tradição crítica do Brasil, ou seja, anti-oligárquica, anti-autoritária, democrática e, no limite, socialista. Mas poderia ser sem o PT ou com o PT; foi antes de o PT existir, durante 30, 40 anos.

Quer dizer, o PT é um partido que entrou em campo e não produziu um intelectual orgânico. O PT foi montado para que isso não existisse, e agora temos esse *gap*. Temos inúmeros intelectuais de alto prestígio nacional e internacional, mas isso não tem absolutamente



Max Beckmann, *Die Hölle* [O inferno], 1919

nada a ver com o que se entende por teoria crítica da sociedade. Esse intelectual membro do PT pode ter publicado livros sobre Marx, sobre o filósofo X ou Y, sobre qualquer coisa – mas isso tem relação com a carreira acadêmica dele, porque Marx é currículo acadêmico.

*Danilo – Mas, como você disse numa entrevista recente ao jornal O Estado de São Paulo, no caso pensando no teatro, numa ligação imediata com os grupos radicais, você deu a entender que não basta fazer parte desses grupos radicais dos bares da Vila Madalena...*

Não, isso está fora de cogitação. Num certo sentido, você tem que fazer um grupo de teatro, um grupo “disso”, um grupo “daquilo” e tem, de qualquer maneira, que responder às solicitações políticas do território no qual está se enraizando. A militância é isso, vocês conhecem melhor do que eu. Mas tem que ter uma contrapartida intelectual, a qual pode estar mais ou menos próxima, mas é diferente do que foi nos partidos tradicionais de esquerda marxista, e é também absolutamente diferente do que foi o deserto petista, que não gerou absolutamente nada, e apenas tomou carona na carreira individual das estrelas que o apoiaram e que só serviam para puxar voto.

Neste momento, esse é o passo que tem que ser dado – precisamos de algo politicamente revelador e contundente. Nós chegamos a um ponto em que todo mundo exige que o MST aponte o rumo. Ele é o mais importante movimento social do Brasil (com todas as deficiências que sabemos), tem uma direção nacional que é uma espécie de cabeça táctica imbatível (tanto que em quase 25 anos não foi massacrado), e todos os governos, a favor ou contra, querem acabar com ele. O atual governo não reprime, mas também não faz a reforma agrária e dá cesta básica, paralisa. Portanto, é obviamente uma política para a extinção do movimento. E depois, de dois em dois anos, mobiliza para votar nos candidatos do presidente da República. Como eu disse, todo mundo exige que o MST aponte o rumo. Mas ele não tem a fórmula mágica. Não é um partido de vanguarda, e não tem uma estratégia. Se tivesse, estava todo mundo atrás.

Mas esse não é o ponto; o ponto é que o pressuposto dessa estratégia consiste numa formulação do que é o capitalismo contemporâneo, qual é a nova dinâmica dele, o que é a periferia. O MST sabe o que é o agronegócio, que o enfrentamento dele é com o agronegócio associado ao grande capital, sabe o que é biotecnologia, o que é propriedade intelectual. Ele está bem assessorado e sabe enfrentar o problema, mas não tem um raciocínio estratégico abrangente. Florestan Fernandes não pode alimentá-lo para o resto da vida.

Como vocês estão vendo, falta o passo que é uma teoria crítica. Essa teoria crítica estava à disposição no fim dos anos 1970, quando o PT foi fundado, e ela desapareceu porque tinha acabado seu ciclo histórico – e o PT se encarregou de torná-la dispensável. E hoje o movimento que mais precisa disso é obrigado a ficar com os clássicos da

tradição crítica brasileira. Claro, por formação, é preciso ler todo mundo. Mas não existe uma formulação adiante. O MST sabe na prática que não haverá mais reforma agrária no Brasil; mas se dissermos que a sociedade brasileira é uma construção interrompida, que não é mais uma sociedade nacional, que um projeto nacional não está na ordem do dia eles não entendem o que você está falando. Mas, por outro lado, eles sabem que não são formuladores estratégicos.

Os partidos membros da II Internacional, da III Internacional discutiam política mundial. Existia um movimento operário que discutia a política mundial do imperialismo em pé de igualdade e que ganhou várias paradas. Hoje estamos nas mãos do coronel venezuelano para traçar a estratégia do continente: movimento social movido a renda do petróleo e decretos do presidente, leis habilitantes para governar por decreto. Sai debaixo. Essa é a prova de que realmente o barco está furado. Não significa que a teoria resolva tudo, mas vai ter que aparecer um coletivo, algum corpo teórico que se forme e que apareça nesses lugares socialmente decisivos (como movimentos sociais que ainda sobrevivem) e diga alguma coisa.

*Nicolau – Para finalizar, gostaria que você falasse um pouco da sua trajetória aqui na velha Faculdade de Filosofia da USP, na Maria Antonia (já que estamos fazendo a entrevista aqui neste espaço histórico). Gostaria também de saber se Rosa Luxemburgo estava presente naquela época...*

Quando estive aqui, eu era estudante. Comecei a dar aula em março de 1968, no último ano, no ano do incêndio; atravessei todo o processo das paritárias, vi nascerem vários grupos da luta armada, depois veio o incêndio e acabou. Eu era apenas espectador, nem estava no movimento estudantil. Como entrei tarde na faculdade eu já tinha feito movimento estudantil, no pré-1964. Então fiquei uns seis meses na Europa, voltei para retomar meu curso – eu tinha feito física – e fazer filosofia. Eu não me considerava mais estudante, tinha 22, 23 anos quando comecei a filosofia. Fiz o curso em três anos, fui convidado para começar a dar aula, recebi uma bolsa e em 1969 fui para a Europa.

A minha passagem aqui foi uma passagem, digamos, de revelação do que era vida intelectual, foi aqui que descobri que existia essa famosa tradição crítica brasileira. Eu era mais intelectual do que o normal. Então, descobri o que era a máquina Maria Antonia funcionando, e logo me tornei satélite desse grupo, embora estudante. Eu já estava do outro lado da barricada. A minha passagem aqui foi estritamente de espectador, e, depois, numa paritária. Já era professor, não estava do lado dos estudantes que fizeram a paritária, e sim do lado dos professores que concederam a paritária. O meu amigo Bento Prado, meu professor, foi o único presidente dessa paritária e a vice-presidente era minha colega, Helena Hirata. De modo que foi uma passagem relâmpago, efêmera, pela margem, não foi orgânica em nenhum dos dois sentidos: nem participando do mo-

vimento estudantil, nem como professor pleno. Era um moleque, um fedelho. Não tinha dito ainda ao que vinha – se é que disse alguma vez.

Depois tocaram fogo, e fui embora, fiquei 4 anos na Europa. E quando voltei tinha mudado tudo, estávamos em plena ditadura, de modo que não... É gozado, nesse ambiente, 40 anos depois, falar sobre esses assuntos – jamais me ocorreria isso. A Rosa Luxemburgo, que aparecia... Aí sim é um depoimento interessante: até onde me lembro eu já era professor em 1968, e a paritária foi implantada a partir da ocupação de maio para junho de 1968. Bom, nós vínhamos todo dia à faculdade, que ficou quase três meses ocupada – dávamos cursos extras na economia, eu também dava aula, eram conferências de greve. Era greve, ocupação e paritária. Em boa parte, o movimento estudantil, quando exigiu a paritária, foi para fazer propaganda revolucionária, agitar – você fecha isso aqui, interrompe as aulas, assembléia permanente, divide o poder; poder sobre coisa nenhuma, porque as aulas estavam interrompidas...

Quando voltou a normalidade nos outros prédios da cidade universitária, isto é, quando foi suspensa a greve, e a paritária tinha sido conquistada, disseram: vamos começar os cursos, vamos fazer reunião de departamento paritário, vamos administrar... Nesse momento os estudantes foram embora, eles não estavam interessados nisso. Eles queriam o poder paritário para, durante três meses se reaglutinar aqui, se reorganizar e ir embora para a luta armada. Isto aqui foi um trânsito para a luta armada. Nós vínhamos todo dia à faculdade ocupada, havia assembléias diárias, passeatas, e tinha que organizar as passeatas aqui dentro. Em qualquer canto havia reunião de grupo, você nem sabia quem era, entrava, saía, tinha reunião de departamento, a gente não sabia se era reunião do seu departamento, se era reunião da ala tal, do grupo tal, da dissidência tal; tinha professor e estudante misturado... Havia professores que já estavam militando, e havia discussão teórica, doutrinária para tudo, você não pedia um aparte, não dizia “vou tomar água, vou ao banheiro” sem citar Lênin, Mao Tse-tung...

A Rosa Luxemburgo, quando aparecia no debate, era sempre como critério moral de radicalismo. E também era um teste para saber quem era autoritário e quem era libertário: “eu quero saber quantas obras da Rosa Luxemburgo você encontra em Havana, na biblioteca de Havana? Eu estive lá e não vi nenhuma! É uma infâmia, o camarada está...” – e assim por diante. Não havia discussão – pelo menos nas rodas estudantis – do luxemburguismo; era um critério para você se identificar e era um critério moral para saber se o cara era stalinista ou não. Ou se era a favor da dissolução da assembléia constituinte na Rússia [risos]. Ou se a democracia era para todos ou era pra ninguém. Era só isso.

No meu túmulo devem aparecer apenas duas sílabas: “zvi, zvi”. É o canto dos chapins – eu o imito tão bem, que eles logo se aproximam.

Carta a Mathilde Jacob, Wronke, 7 de fevereiro de 1917



Copyright 2008, por IRLS

Coordenação editorial, organização e revisão: *Isabel Loureiro*

Revisão da segunda edição: *Juliana Senatore Lago*

Projeto gráfico, diagramação e capa: *Estação das Artes Produções Gráficas Ltda*

*Imagem da capa: Xilogravura de Abelen, 1919*

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sem prévia autorização do Instituto Rosa Luxemburg.

1ª edição: dezembro de 2008 - São Paulo

2ª edição: outubro de 2009 - São Paulo

---

ISBN: 978-85-62239-01-4

TÍTULO: SOCIALISMO OU BARBÁRIE: ROSA LUXEMBURGO NO BRASIL

AUTOR: PAUL SINGER

AUTOR: MICHAEL LÖWY

AUTOR: ANGELA MENDES DE ALMEIDA

AUTOR: ISABEL LOUREIRO

AUTOR: GILMAR MAURO

AUTOR: PAULO ARANTES

AUTOR: DANILO CÉSAR

AUTOR: NICOLAU BRUNO

ORGANIZADOR: ISABEL LOUREIRO

EDIÇÃO: 2

ANO DE EDIÇÃO: 2009

LOCAL DE EDIÇÃO: SÃO PAULO

TIPO DE SUPORTE: PAPEL

PÁGINAS: 128

EDITORA: ESTAÇÃO DAS ARTES

---

INSTITUTO ROSA LUXEMBURG STIFTUNG  
RUA FERREIRA DE ARAÚJO, 36 - ALTO DE PINHEIROS  
CEP 05428-000 - SÃO PAULO - SP - BRASIL  
TEL.: +55 (11) 3796-9901  
WWW.RLS.ORG.BR

rls  
Rosa-Luxemburg-Stiftung  
WWW.RLS.ORG.BR